

O CLUBE DAS MULHERES DO Pequeno Príncipe



CHRIS SEVLA



O Clube das Mulheres
do
Pequeno Príncipe

Chris Sevla

***Copyright* © Chris Sevla, 2009**

EDA 465.292/2009 RJ

Todos os direitos reservados

A Deus...

“As pessoas grandes são assim.”

(Antoine de Saint-Exupéry)

Índice

[Índice](#)

[1](#)

[Karen](#)

[2](#)

[Rose](#)

[3](#)

[Heide](#)

[4](#)

[Karen e Alex fazem o caminho de volta](#)

[5](#)

[Bem vindo à A...](#)

[6](#)

[Noiva em fuga](#)

[7](#)

[No meio do caminho, tinha uma samambaia](#)

[8](#)

[Vida de celebridade](#)

[9](#)

[Heide conhece Grego](#)

[10](#)

[Um trabalho bem frustrante](#)

[11](#)

[Escritora em crises](#)

[12](#)

[Heide quebra uma regra](#)

[13](#)

[A história de Karen e Alex](#)

[14](#)

[A família de Rose](#)

[15](#)

[Heide se diverte](#)

[16](#)

[Karen e Alex se confessam... quase](#)

[17](#)

[Assunto de família](#)

[18](#)

[Uma semana bem longa](#)

[19](#)

[Karen toma uma decisão](#)

[20](#)

[Rose aparece no jornal](#)

[21](#)

[Heide não consegue se segurar](#)

[2ª Parte 22](#)

[22](#)

[Heide e Grego viajam juntos](#)

[23](#)

[Um sonho muito estranho](#)

[24](#)

[Rose recebe um e-mail importante](#)

[25](#)

[Um Grego bem diferente](#)

[26](#)

[Onde??!!](#)

[27](#)

[Rose e Thiago](#)

[28](#)

[Começa o Clube de Leitura](#)

[29](#)

[Heide reencontra Fernando](#)

[30](#)

[Karen amplia as atividades sociais](#)

[31](#)

[A consulta médica](#)

[32](#)

[Conhecendo Jane](#)

[33](#)

[Fernando não passa no teste](#)

[34](#)

[E as atividades sociais continuam](#)

[35](#)

[Rose aparece na revista](#)

[36](#)

[Mais um participante no Clube](#)

[37](#)

[A oração](#)

[38](#)

[As atividades sociais chegam ao limite](#)

[39](#)

[Apresentando o namorado à família](#)

[40](#)

[O amigo secreto](#)

[3ª Parte](#)

[1](#)

[Thiago visita Rose](#)

[2](#)

[O Clube volta das férias](#)

[3](#)

[Dia Internacional da Dança](#)

[4](#)

[Karen se cansa](#)

[5](#)

[Não é fácil ser uma celebridade](#)

[6](#)

[Festa em A...](#)

[7](#)

[Conversa madrugada adentro](#)

[8](#)

[Atividade social de novo?](#)

[9](#)

[Mais um almoço de domingo](#)

[10](#)

[Jane se atrasa](#)

[11](#)

[Mais uma Festa Junina](#)

[12](#)

[Karen atende uma nova paciente](#)

[13](#)

[Rose e Avó conversam](#)

[14](#)

[Estamos todos aqui](#)

[15](#)

[Heide recebe uma proposta inesperada](#)

[16](#)

[Karen e Alex finalmente se confessam](#)

[17](#)

[As histórias se encontram](#)

[18](#)

[O último encontro do Clube](#)

[19](#)

[Despedidas](#)

[20](#)

[A vocação de Karen](#)

[21](#)

[Rose conquista a Capital](#)

[Epílogo](#)

1

Karen

Karen desceu do carro. Alex ficou esperando do lado de dentro.

Assim que o segurança lhe entregou a chave, ela avistou, no pátio cheio do estacionamento da empresa, sua maior concorrente, aquela por quem havia sido sumariamente trocada: o Peugeot preto novinho. Tomada por uma fúria que não seria mais visível se gritada, o caminho foi embalado pelo ranger de seus dentes.

Da garagem vazia até o jardim cuja terra era incapaz de fazer qualquer coisa germinar, chegou à pesada porta de madeira que dava para a sala de estar de uma casa que cheirava a guardado. Retirou da parede a reprodução em tamanho quase original de *O beijo*, de Gustav Klimt. Não tinha intenção de abandoná-lo por nada, ainda mais quando sua mente evocava as palavras do marido, que voltava todos os dias com medo de não o encontrar. Com o ódio apertando cada vez mais seu maxilar, decidiu que não iria decepcioná-lo nessa hora.

Passando pela sala de jantar, viu em cima da mesa a xícara de porcelana com um girassol pintado à mão, a leiteira e um pacote de pão francês. Não conseguiu acreditar! Nem sequer imaginar o que havia passado na cabeça dele para montar tal cena. Ele realmente achava que aquilo diminuiria ou aliviaria algo? Com o desprezo em ebulição, recolheu sua xícara, a outra que compunha o par e, todos os pratos, copos, panelas e talheres que achou por lá e pela cozinha. Onde ele comeria já deixara de ser da sua conta.

Percorreu o longo corredor de lajotas – que nunca iluminou do jeito que quis – em direção ao que costumava ser um quarto de casal. Avistou um jogo de lençóis dobrado sobre o travesseiro; ao se aproximar acabou acertando o dedinho do pé no pé da cama. Rilhou os dentes. Começou a abrir os móveis, a retirar o restante das suas coisas e a empilhar. Puxou uma bermuda jeans – resto de uma calça – preta, feminina, que não era sua. Enfiou-a num saco plástico. Cruzou todo o corredor, passou pela garagem onde Alex parou de acomodar as coisas no carro para acompanhá-la com o olhar e, fez um arremesso a distância em direção a um terreno usado como lixão.

De volta ao quarto, pegou uma escada e tateou na parte de cima do armário. Achou o CD

do U2, *The Joshua Tree* e uma embalagem que parecia ser de remédio. Ao contrário do ex-marido, cumpria suas promessas: não pegaria nada que fosse dele, ainda que tivesse sido ela a lhe dar. Foi só por isso que ele manteve um travesseiro. Aquele CD era seu. Emprestado, não devolvido e até escondido, mas seu. A embalagem era remédio mesmo: Viagra.

2

Rose

O som das palmas não preencheu o lugar e acabou na mesma hora em que o contrarregista gesticulou, desajeitado, avisando às oito mulheres presentes no auditório que elas podiam parar. Do sofá revestido com uma capa bege de elástico, em cima do palco, eu podia ver o fundo do galpão minúsculo usado como estúdio dividindo um espaço inexistente com refletores, cadeiras de plástico e outras tralhas que insistiam em aparecer na frente das câmeras. Era por isso que eu estava na quinta leitura em voz alta do meu livro, a apresentadora, estressada e, a plateia, com uma vontade cada vez menor de cooperar.

— Rose, eu preciso dizer... que adoro o seu livro *Soberba*! – A japonesa magra, de voz grossa, chuquinha na cabeça e microvestido de paetês, dava pulinhos no mesmo lugar. – É sério! Fico impressionada como a senhora entende a gente!

Como assim? A mulher era mais velha do que eu e me chamava de “*senhora*”? O tempo estourado só me deixou sorrir forçado.

— E você já conseguiu que alguém fora dessa cidade lesse seu livro?

— CORTA! – Berrou o diretor do programa. – Ô, minha senhora, dá pra fazer uma cara melhor, dá? De novo em três, dois, um... GRAVANDO!

— E quando sai o próximo livro?

— CORTA!

Começou um bate-boca entre o diretor e Queni, meu agente; havíamos combinado que essa pergunta não seria feita.

— Entendeu, Olga? ESQUECE essas perguntas! ENTENDEU, OLGA? GRAVANDO!

— Uma salva de palmas para Rose D., pessoal!

Olhei para Queni entre as duas únicas câmeras que existiam, movimentando a mão de um lado para o outro, na altura da boca. Diante do close, sorri. Forçado. De novo.

— Eu sou a sua amiga Olga e este foi o *Show da Olga*! Até o próximo programa, quando entrevistaremos a grande estrela da nossa cidade, o ator Tony Bigorrilho.

Dessa vez os gritos preencheram os meus ouvidos, sem que o contrarregra conseguisse resolver o problema, nem após o “*CORTA!*”. Enquanto a apresentadora corria para o quartinho que gostava de chamar de camarim, o mesmo contrarregra – a equipe era muito reduzida – quase rasgava minha roupa tentando arrancar o microfone e, uma escada acabava de arrebentar um refletor, o jurado do show de calouros que seria gravado em seguida se distraía com a dificuldade da assistente de palco em conter os seios dentro de um top que só não era menor do que o estúdio.

— Ele não tinha dado em cima de você? – Queni ajeitou meu cabelo.

— Dá pra concorrer com uma coisa dessas?... Ou com DUAS coisas dessas...?

Contemplei meus próprios seios; o cenário atrás de nós despencou. Olhamo-nos em silêncio. Ele começou a dar leves beliscões nas minhas bochechas, depois se afastou para avaliar o resultado.

— E após participar do programa de maior sucesso da região... – Queni colocou a mão no peito. – Pra onde é que a gente vai?

— Como assim? – Algo mais se espatifou em mais um lugar.

— Affe! Filme pornô DE NOVO, Rose?!

— E desde quando tem outra coisa pra se fazer nessa cidade?

3

Heide

Acordou antes do despertador tocar, como de costume. Também, como de costume, foi até o banheiro e abriu o chuveiro, para só entrar quando todo o local estivesse esfumaçado. Na cozinha, preparou a cafeteira. Abriu a porta da frente, pegou o jornal e o colocou em cima da mesa da sala de jantar.

Nove minutos cronometrados e a secretária a encontrou de roupão e toalha na cabeça – tão brancos quanto os móveis de seu apartamento – e Caderno Cultural na mão, pronta para pegar a segunda xícara de café preto. Somente então deu início ao que sua melhor amiga chamava de “*prato de pedreiro*”, aquele transbordando de comida.

Secou e modelou a longa cabeleira loira que parecia saída de um comercial de xampu, acendeu uma vela diante da imagem de Santo Antônio – para quem passou um momento rezando –, pegou sua sacola de trabalho gigantesca, a bolsa da nova coleção da Luz da Lua e antes das sete horas da manhã estava na academia.

Passou pelo corredor apinhado de gente. Mal tirou o casaco e os cochichos começaram; como sempre. Lá estava ela, com o cabelo preso num coque e o corpo invejável que nenhuma roupa conseguiria esconder. O ritmo do dia era bolero e a primeira turma já estava cheia... de homens.

Se havia mais mulheres do que homens no mundo, Heide transitava por um universo paralelo. Ao contrário do que escutava nas outras escolas, em todas as suas aulas acontecia de uma mulher ter de dançar várias vezes com mais de um parceiro, porque eles sobravam e se recusavam a praticar com alguém do mesmo gênero. Como a notícia se espalhou, a recepcionista estava em constante mau humor por ter de convencer e remanejar alunos de ambos os sexos para outros professores, lidar com quem aparecia por lá com a desculpa de assistir a uma aula, além da interminável lista de espera.

Todo o mundo sabia qual era a causa. Ela também sabia que tinha muito menos a ver com sua formação na L'École de Danse de l'Opéra de Paris, ter ganhado diversos concursos, ser

convidada à presidência das grandes associações e às comissões julgadoras e sim, com o que a ascendência alemã fizera em sua aparência. Por isso detestava essa primeira aula, porque Paulo estava nela. O problema não era ele dar em cima dela; estava acostumada. O que não aguentava era ele dar em cima dela de modo tão descarado e tão cedo no dia. Começava religiosamente com ele alegando dificuldade num passo apenas para dançar com Heide, para então chamá-la de “*gatona*”, perguntar quando eles iriam sair, puxá-la mais para perto, fazer uma declaração de amor e, terminava com ela dizendo que o problema dele era sono, que deveria mudar de turma, para então fazer um movimento muito rápido e trazer a mulher dele pela mão. Desconfiava que talvez o que ele tivesse fosse mesmo problema de memória.

— São oito tempos. É um passo à frente, um ao lado e dois para trás. No último, cruza a perna esquerda sobre a direita.

Demonstrando com Dario, seu parceiro de dança, viu pelo espelho da sala de aula o pessoal da quadrilha chegando e o noivo entrando com o primo. Apesar de aparecerem por lá há algum tempo e talvez pelo “trauma” diário, a recepcionista sempre se desesperava ao ver aquele monte de gente se aproximando antes de reconhecê-los.

— Para acabar, vamos fazer a sequência inteira do tango... cinco, seis, sete e oito...

Ela agradeceu; os alunos bateram palmas.

— E aí, noiva? – disse Thiago, do Grupo de Jovens da paróquia que ambos frequentavam, enquanto a beijava no rosto.

— Oi, Fernando. – Foi a vez dela beijar no rosto o homem que não sabia como reagir toda vez que a encontrava.

Terminou a garrafa de água que costumava acompanhá-la e se colocou em posição.

Caminho da festa. Os cavalheiros cumprimentam as damas. As damas cumprimentam os cavalheiros.

Percebeu que ele a observava, o que o fez errar o passo e ficar a frente quando todo o mundo estava atrás. Heide coçou o nariz e contemplou o nada, com cara de séria, como se estivesse prestando atenção a algo muito importante.

Grande passeio. Olha o túnel.

A fila empacou na vez de Fernando. A senhora que fazia às vezes de seu par não conseguia se curvar para passar pelo túnel. Ele olhou para Heide; ela piscou uma sequência de vezes, mais e mais rápido e baixou a cabeça.

Changê de damas. Olha a cobra! É mentira!

Heide antecipou-se em socorro de Fernando, solto, sem saber para onde ir e, o puxou pela mão. Ele fixou o olhar nela, arqueou as sobrancelhas e sorriu. Ela virou a cabeça para todos os lados, rindo de coisa alguma. Olhou para a mão direita dele e contemplou mais uma vez a aliança de noivado.

Olha a valsa dos noivos! Vamos nos despedir do pessoal!

De volta ao par original, já havia carregado a expressão de censura. Ouvindo as instruções do comitê de eventos, no término do ensaio, pensou, chateada, que sina era aquela de só atrair homens comprometidos.

Pegou um livro na recepção e rumou na direção da mulher do outro lado da sala, que havia algum tempo assistia ao ensaio.

— Aqui está.

— *Soberba* é ótimo! – O rapaz se aproximou, tentando puxar assunto.

— Ah, é? Que bom, porque não gosto muito de best-sellers. – Com o silêncio e a expressão contrariada de Heide aumentando, a amiga achou melhor intervir. – Oi; prazer! Eu sou a Karen!

— Oi. Fernando. – Ele estendeu a mão e beijou-a no rosto. – Você não vai dançar com a gente?

— Não... vou só... assistir...

— Que pena... – Os três se olharam, cada um sem graça a seu modo. – Bom, eu... vou indo.

Foi um prazer te conhecer.

— O prazer foi meu.

— Até semana que vem, Heide!

A loira, ainda contrariada – o que sempre durava bastante –, não respondeu e só voltou a falar depois que o homem se foi.

— Você viu, não é?

— Eu sei que você não dá mole pra homem comprometido, mas porra!

Heide pegou sua bolsa.

— Se isso acontecesse com você metade das vezes que acontece comigo, você não me julgaria.

— Eu?! Julgando?!... Eu?

Karen e Alex fazem o caminho de volta

Jurando que nunca mais colocaria os pés naquela terra maldita, Karen fez o caminho de volta num silêncio tão pesado que, na dúvida, Alex também não falou nada. Porém mal estacionou, encostou a testa no volante e o aguaceiro começou.

— Des-cul-pa! – falou fazendo bico, numa tentativa tardia de se conter. Alex pegou sua mão. — ...o car-ro... e a xí-ca-ra em ci-ma da me-sa... mi-nhas coi-sas... VI-AAA-GRAAAAAAAAA!

Ela encostou a cabeça no ombro do homem ao seu lado, que lhe fez carinho. Achou relaxante. Alisou o braço forte. Enroscou-se e sentiu o cheiro bom e conhecido. Ele lhe dizia coisas que acreditava que a confortariam, sem notar que fazia tempo que ela só prestava atenção às suas coxas grossas e definidas. Deitou em seu colo e continuou recebendo cafuné.

— É por isso que eu digo: o negócio é arranjar um novo amor pra esquecer o velho.

— Você acredita nisso? Acha que funciona?

— Por quê? – Ela endireitou o corpo. – Tá se candidatando?

— Olha... Eu tô, viu?!

— Então me beija!

Pulou em cima dele e os dois se atracaram. Sem saberem como, de repente haviam trocado de banco.

— Não... – Alex parou. – Eu não posso.

— Por causa da sua namorada?

— É.

— Ah... Tá...

Lembrou-se da tarde em que fora até a casa dele, só para contar sobre a separação, o mesmo dia em que ganhara outra multa por estacionar em local proibido.

— Muito bom te encontrar, Karen!

— Faz tempo!

Ele lhe passou um copo com um suco que ela não sabia do que era e voltou a se encostar na estante da sala de TV, que ia de uma parede à outra.

— Faz... Um ano, sete meses e vinte dias... O tempo que você se mudou pra lá... Mas quem tá contando?!

Ela percorreu o olhar pela sequência de livros de Direito e artefatos antigos. Depois olhou para o copo.

— Você sempre fazia um suco pra mim quando a gente chegava de madrugada, lembra?

Ele sorriu.

— Mas você tá namorando?

— É... — Ele olhou para o teto.

Apesar da decepção, a razão foi em seu auxílio. Difícil que um homem alto, forte e a cara do Thomas Jane ficasse disponível por algo mais do que uma fração de segundo.

— Por que seu casamento acabou?

— Quem é que sabe? Só posso expor algumas ideias...

— Trocou o cara por outro?

Ela riu por instinto.

— Não. Ele que me trocou por um carro.

— P-u-t-z!

Com Alex defendendo que um relacionamento de verdade se construía muito na troca — na troca boa, não pelo carro — e no suporte que um dava ao outro, ela só pensava que nada conseguia dar fim àquela baita atração.

— Você, falando sério, fica tão gostoso...

Ele ficou sem graça e riu. Depois cruzou as pernas.

Enroscaram-se de novo.

Ele deu outra pausa.

Mais uma atracada e Alex saiu do carro. Começou a andar de um lado para o outro. De vez em quando parava para olhá-la.

— Tá se divertindo, né?

— Tô.

— Não dá. Não posso. Preciso ir.

— E se você não tivesse namorando?

— AH... Eu já tinha te levado embora.

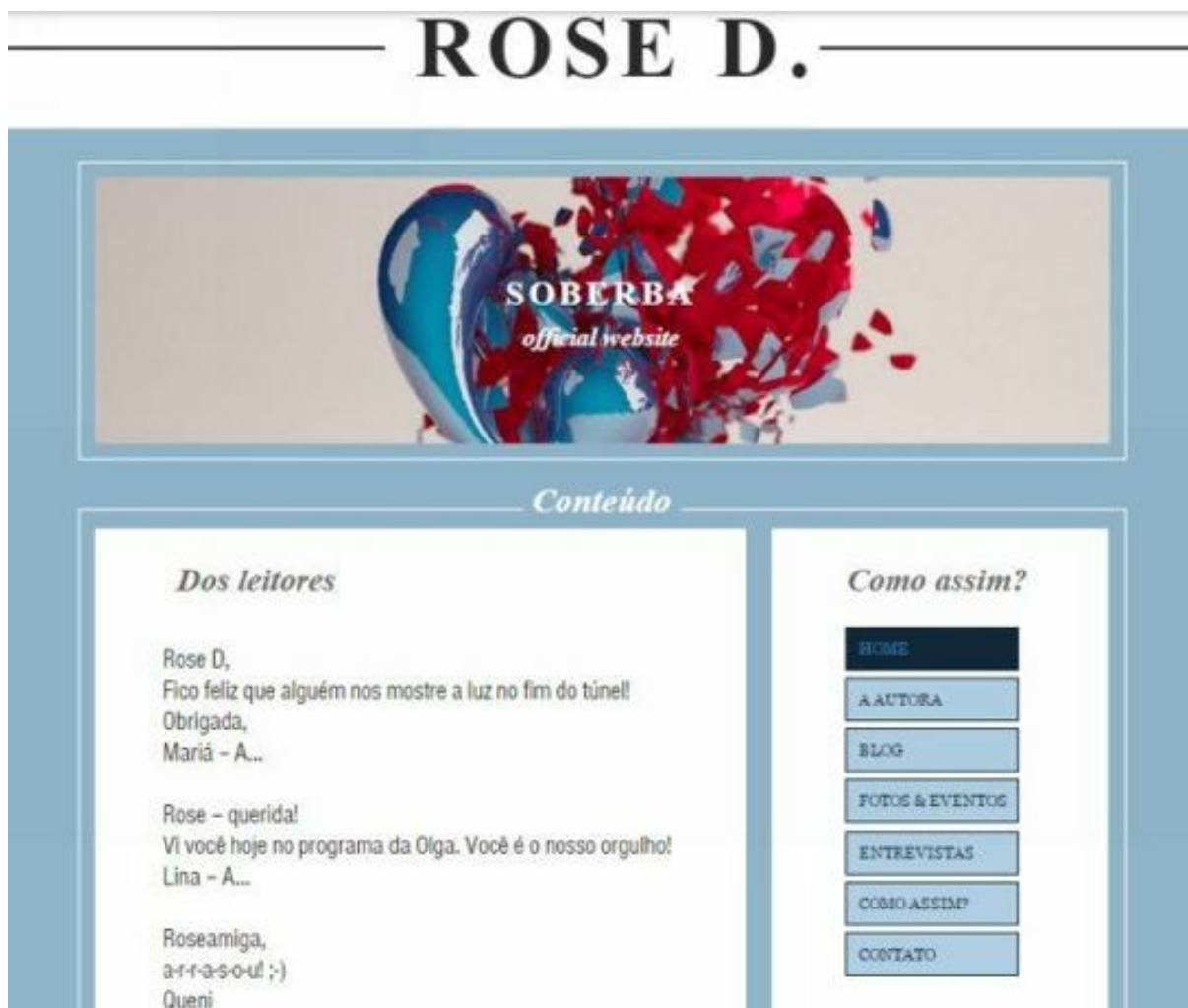
— Vem aqui um pouco. — Karen puxou-o pela camisa até sua boca e falou baixinho: — Me

pega de jeito.

Mais enroscamento.

— NÃO! Agora é sério. Eu NÃO posso!

Bem vindo à A...



No caso do último fiasco não ter deixado claro, sou uma escritora. De romance. Meu livro de estreia (e único), *Soberba*, é um sucesso! De saída vendeu 7327 cópias. Mas notou um nomezinho que insiste em aparecer logo após os das frequentadoras do meu blog? Não? Tudo bem! Ninguém nunca repara nessa droga de lugar.

A... é uma terra que se pretende importante. No caminho entre dois grandes estados, é uma cidade de primeira – você engata a primeira marcha do carro e ela já acabou –, ocupando apenas um lado da rodovia. Com algumas fábricas que não se sustentaram por falta de incentivo da

prefeitura, foi na última gestão, a do cirurgião plástico local, embora duvidosa para alguns – na frente da sua casa tem sempre uma quantidade enorme de crianças e adolescentes –, que ela ganhou mais notoriedade.

Ninguém sabe dizer de que modo a parceria começou, contudo deu na instalação de uma produtora de cinema. A agitação foi enorme! Todo o mundo queria virar artista. Não uma subcelebridade, mas daquelas promissoras que pudessem ir a Hollywood, concorrer a um *Oscar* e tudo o mais.

Em pouco tempo começou a correr o boato de que as tais películas não eram para qualquer um. Até que se soube que a especialidade da produtora eram filmes... ahn... pornográficos. O escândalo foi outra coisa enorme. Houve protestos e passeatas das mães de família que cantavam hinos de louvor nas ruas, na porta da produtora e nos intervalos entre as sessões de cinema; depois, pareceu uma vantagem. Para quem vivia fora do mapa do governo, ser chamada de *A Capital da Indústria Pornográfica* era um ganho! Uns desistiram do sonho da estatueta dourada, outros continuaram tentando fazer parte do grupo e, a quantidade de empregos aumentou. Tony Bigorrilho, o grande expoente desse mercado e fruto legítimo dessa mesma terra nunca trabalhou tanto. Também foi dele a façanha de ir até Hollywood para receber o prêmio de *Melhor Cena Solo*.

Assim, é possível ver na cidade que quer crescer e ultrapassar fronteiras, pessoas andando de bicicleta... na frente dos carros, sem a menor pressa e, que de repente, do nada, param para conversar e, o motorista do carro que se vire! É o único lugar do mundo onde o semáforo tem seis fases: vermelho – amarelo – verde – amarelo – vermelho – amarelo.

Similar a várias localidades europeias, A... também tem seu horário de sesta, que vai das 12 às 14 horas e um comércio que fecha, sem falta, às 18 horas. Se estiver aberto após este horário, pode contar que é Natal. Mas não se empolgue porque não chega nem às 20 horas.

Feliz ficou o prefeito. Como político, o município recebeu maiores investimentos. Como médico, seu consultório vive cheio, pois somente ele, com seus métodos ultramodernos, é capaz de transformar aquela coisinha insossa do interior, aquela pessoa sem graça e comum na próxima estrela de cinema, ainda que do “entretenimento adulto”. Metade delas vai negar até a morte e comprar os produtos – e os direitos de exibição – por preços exorbitantes, além de abrir processos tentando impedir a veiculação do material; contudo é um modo de começar.

Então posso não ser a maior celebridade daqui – afinal, como se compete com filme pornô? –, porém sou uma celebridade. As pessoas me reconhecem o tempo todo, me param na rua para pedir autógrafo ou tirar uma foto e o jornaleiro da esquina da minha casa me adora – conheceu meu pai, minha mãe, minha avó, me viu pelada no banho...!

Mas apesar de todas as tentativas, por algum motivo que eu desconheço meu livro não emplaca na Capital, o que, no final das contas, significa que todas as cópias vendidas foram onde? Como assim?! As pessoas não compraram o livro nem para dar de presente para alguém que vive do lado de fora! Se bem que não adiantaria. Já que esta é uma cidade abastada de coisa alguma, os moradores fogem para as áreas vizinhas, mesmo sendo pequenas. É; porque não existe nada tão minúsculo quanto A... num raio de... lugar nenhum no mundo!

6

Noiva em fuga

Passou a mão pelo *collant* de lycra, cujo cheiro e textura aprendera a reconhecer de pequena. A saia por cima era cheia de tules, fitas e tufo de cola impregnados de purpurina. O véu, também de tule, preso a uma tiara, era ornado com flores e brilhos, repetidos no buquê. Achou que estava tão bonita que valia a pena casar. Só que arranjar um noivo nunca fora tarefa fácil, mesmo em prol da caridade. Apesar de ser uma igreja – ou por isso –, convencer Thiago a participar não havia sido menos complicado. Mas ela continuava procurando para além de uma apresentação de quadrilha e de academia, que, embora lotada de homens, só servia para ajudar outras mulheres. Naquela noite mesmo iria à despedida de solteira de uma aluna que havia conhecido o futuro marido durante um bate-boca na recepção, para furar a lista de espera.

Colocou a cabeça para fora do provador da loja de fantasias, buscando pela vendedora; encontrou um homem parado no balcão, sorrindo e fazendo gestos para ela. Olhou para sua mão esquerda e viu uma aliança. Carregou a expressão de censura e voltou para dentro, fechando a cortina com força. Fez a oração de costume: *“Meu Santo Antônio! Você que é ótimo em achar coisas perdidas, por favor, me faça achar um homem-solteiro-de-Deus-perdido...”*.

Voltou a abrir a cortina com estardalhaço e passou pelo homem, pisando duro. Colocou o vestido no balcão, procurando pela vendedora; encontrou o homem ainda a olhando de cima a baixo, agora mordendo os lábios. Virou para o outro lado. Avistou um rapaz com dificuldade em escolher um chapéu de palha. Achou que o conhecia. Quando ele colocou um modelo infantil na cabeça, teve certeza de que era Fernando.

— Por um acaso você está escolhendo chapéu para o seu filho?

Ele sorriu ao vê-la; depois ficou confuso.

— Não... Por quê?

— Porque isso aí é chapéu de criança. – Ele baixou os olhos, sem graça. Heide se afastou.

– Mas também não é culpa sua. Esta loja é que tem atendentes ineficientes e insuficientes. – Voltou trazendo alguns modelos de adulto. – Tente um destes aqui.

Ainda abismado com o discurso que acabara de ouvir, ele pegou um chapéu e colocou na cabeça. Ela pediu licença para ajeitá-lo e virou-o para o espelho.

— Que tal?

— Normalmente não sou eu que compro essas coisas...

— É a sua noiva que compra?

— Noiva? – Ele olhou para a mão direita. – Não; é minha secretária... E esse negócio de noivado não tá dando muito certo...

— Uhum... – Heide grunhiu de volta, embora ele tivesse feito o último comentário num tom de voz muito baixo. – Esse ficou um pouco grande. Vamos tentar outro?

— Tô mais acostumado com roupa belga... – disse, Fernando, como quem pede desculpas.

— Eu lembro que você falou que participava de um grupo de dança folclórica... E ainda assim você tem dificuldade em dançar Quadrilha? Que estranho... – Heide colocou outro modelo na cabeça do homem. – Melhor! Você não acha? Vou deixar estes aqui, se quiser experimentar. – Depositou os chapéus numa cadeira ao lado do espelho. – Não existe muita variação. É só acertar o tamanho, mesmo.

— O-obrigado!

— Não por isso! Tchau.

Abaixou a tampa do porta-malas. Ele estava lá, de frente para ela.

— Posso te agradecer pela ajuda?

— Você já agradeceu.

O homem insistiu.

— Você vai me dar isso que está na sua mão?

Ele olhou para o pacote e para ela.

— Não. Isso é o chapéu que você escolheu. Tava pensando num café.

— Não precisa. – Nem sabia dizer quantos convites iguais àquele Fernando já lhe fizera. Deu a volta e abriu a porta do carro. – Não foi nada demais.

— Eu sei que não precisa, mas eu gostaria muito que você aceitasse... – Ele arqueou as sobrancelhas.

Sempre achava graça quando ele fazia isso, mas sabia que era assim que começava: num detalhe; depois o café, a ladainha do coitadinho, o discurso do incompreendido, a paciência, o movimento certo e, por fim, o discurso sobre estar confuso, seguido de silêncio e completo abandono. Olhou séria para ele, que sustentou sua provocação e a tristeza quase imperceptível.

— Muito obrigada, Fernando; mas não.

Entrou no carro, deu partida e acenou. Depois suspirou. “*Não*”. Ela jamais cairia numa dessas.

No meio do caminho, tinha uma samambaia

— ...e faz todo esse tempo que a gente não transa.

— Ah... vocês não transam...

— É.

— E você não transou com mais ninguém?

— Lógico que não.

— Ah...

— ...

— ...

— ...

— Vocês NUNCA transam?

— A-a gente tenta; não rola. Ou não termina. Ela entra naquelas paranoias e eu acabo preocupado de estar machucando, mesmo.

— AH...

Queixa: Em algum momento do relacionamento, a “planta” cismou que não podia transar com ele, porque – e Karen adorava essa parte – ele era bem-dotado.

Evolução: *“É mais complicado do que isso”.*

Hipótese Diagnóstica: loucura, loucura, loucura!

Conduta: Cortar mais da metade através de uma cirurgia.

Assim se resumia o namoro dele com a Samambaia, apelido “carinhoso” que Karen havia dado à nova concorrente por não querer nem pensar em perguntar o nome dela; e também pela relação estranha que os dois tinham. Não era preciso ser psicóloga para perceber que Alex estava mais para enfermeiro ou acompanhante terapêutico do que para namorado. Ele cuidava de levá-la aos

muitos médicos, de suas finanças, de tentar fazer com que ela se engajasse em algo que pudesse virar um emprego ou qualquer coisa que conferisse um pouco de normalidade a todas as vidas, o que incluía esperar pela alta do psiquiatra e a suposta chance de sair da história isento de culpa ou problemas legais.

Adiar suas vontades de tanto esperar pela decisão alheia nunca fora novidade para Karen, entretanto cada nova decepção – principalmente com Alex – lhe mostrava o quanto havia se tornado prisioneira de seu excesso de zelo pelos outros. Pensava onde estaria se tivesse se dado o devido foco na vida e escutado menos quando deveria estar falando. Como naquela hora.

— Você sabe que esta situação ideal não vai chegar, né?

— Sei... quer dizer, acho que sei.

— Então por que você simplesmente não termina com ela e fica comigo?

— Quer parar de me olhar desse jeito?

— De que jeito?

— DESSE jeito!... Não dá. Minha cabeça fica... Já sei que música eu vou colocar. – *The Joshua Tree* começou a tocar.

— Por quê? – O maxilar enrijeceu com a breve recordação do Viagra.

— Porque eu sei que você gosta.

Alex estava sentando no chão de seu quarto, ao lado do aparelho de som. Karen, deitada de bruços na cama, desconfortável à beça, apenas para mostrar uma pose irresistível, olhava fixo para a porta aberta. O único momento em que isso acontecera fora um pouco depois de começar a namorar o ex-marido; também a última vez em que estivera ali. Seria capaz de encontrar qualquer coisa naquele lugar, até diante da maior escuridão; e o fato de tudo continuar igual lhe provocava certo alívio.

— Tô com uma dor no pescoço...

— Quer massagem? – Ele perguntou, apressado.

Após alguns “*ais*” e outras bobagens, ele a puxou e lhe deu um beijo.

— E aquela luz que tinha dentro do armário?

— Você lembra?!

Também se lembrava do tapete, testemunha dos dois, junto com o edredom de estimação que até os ácaros mais famintos haviam abandonado, mas que ele se recusava a jogar fora; das roupas espalhadas em cima da cama sempre que tinha de escolher o que vestir para sair com ela; dos livros de Direito espalhados debaixo da cama que em breve poderia deixar de ser sustentada pelos pés; da coleção de aviões da II Guerra organizada com perfeição numa estante de vidro feita sob encomenda; da pele macia; das costas largas; dos ombros sardentos; do cheiro; do abraço; da

dificuldade dele em abrir seu sutiã; do cuidado de não soltar todo o seu peso em cima dela ao mesmo tempo em que enlaçava sua mão; das risadas; dos silêncios e das discussões após fazerem amor.

Alex tirou a roupa de Karen sem pressa. Acariciou o cabelo castanho e comprido. Alisou e beijou sua boca e cada parte de seu corpo. E quando a porta se fechou, toda a saudade acumulada na distância foi finalmente reconhecida por ambos.

8

Vida de celebridade

Havia meia hora que tentava resolver esse *sudoku*. A dedicação ao jogo começara num dia longínquo, em que estava sem ideias para um novo romance. Terminei; a inspiração não veio, o que tornou minha crescente facilidade em resolver o enigma inversamente proporcional ao bloqueio criativo em que já me encontrava. Não bastasse ter de dar um jeito de vender meu livro na Capital, ainda tinha de escrever um novo.

O Processo Criativo de Rose D. (ou Nome Bonito para Justificar a Incapacidade de Produzir Qualquer Coisa):

Muitas ideias na cabeça, nada no papel;

Muitas ideias na cabeça, nada de dormir;

Muitas ideias na cabeça começam a fazer sentido;

Ideias com sentido e continuação vão para o papel;

Ideias com sentido no papel vão para o computador;

Primeira frase das ideias com sentido e só;

Pausa para comer;

Retorno ao computador;

Interpretar (porque cantar não me basta) uma playlist inteira;

Continuação das ideias com sentido no papel (começo tudo de novo; perigo: nível 3);

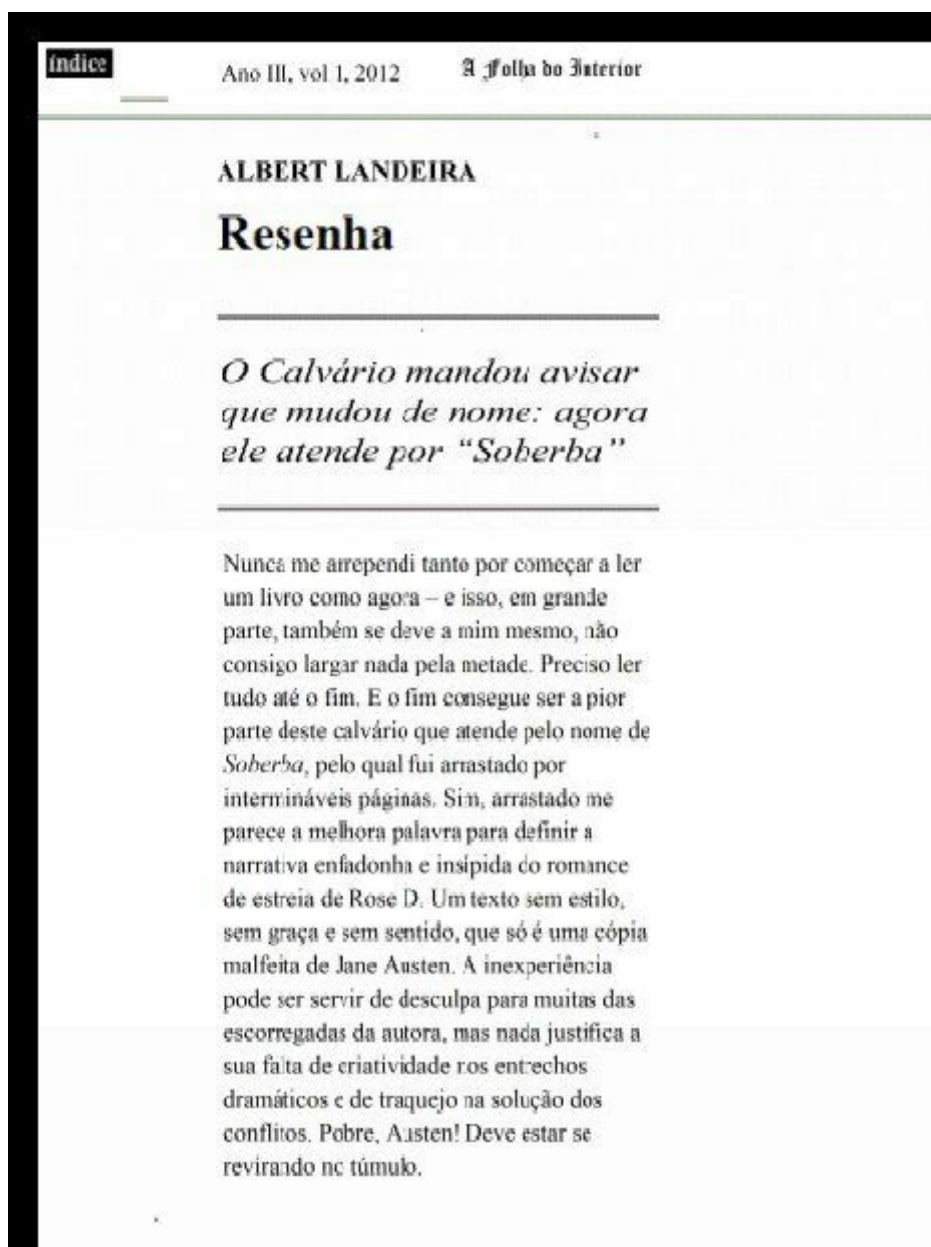
Pausa para jogar três modalidades de *Paciência* (perigo: nível máximo; se eu começar qualquer jogo com fases a minha vida será consumida);

Continuação das ideias com sentido no papel que foram para o computador;

Pausa e/ou finalização da digitação, quando se passaram MUITAS horas em frente ao computador e eu não comi, não bebi, não fui ao banheiro e estou enxergando com dificuldade, pois os olhos estão secos ou já escureceu e eu nem vi.

Saldo total: ...como assim?

Arremessei o jornal no chão do escritório. As letras em destaque chamaram minha atenção.



Não era a primeira crítica ruim que meu livro recebia. Sucesso absoluto de vendas em A... – o que dispensa maiores comentários –, como filha legítima do lugar, eu também sofria meus acessos de megalomania e queria crescer para além de um lado da rodovia. Sempre fui mestre em transformar uma crise em oportunidade – todas as vezes que estou diante de algo bom, começo a ficar inquieta, incomodada e tenho ataques de insônia –, porém nada disso vinha ajudando a vender o livro “lá fora”.

Antes de escanear o artigo e publicar no blog, fui me encontrar com meu agente. Não acreditava em metade dos seus afagos, mas pelo menos podia dar risada.

— Tô morta! – Ele me olhou de vários ângulos antes de gritar. — MONA! Parece que você tem dezesseis anos!

Queni se referia à minha camiseta babylook, cheia de purpurina, à minissaia jeans e ao tamanco branco de salto alto de madeira, cheio de penduricalhos. Fazer o quê? EU só tenho um metro e sessenta de altura... Na verdade, um metro e cinquenta e oito; gosto de arredondar.

— Aposto que dormiu bem!

— Como assim? É que a iluminação natural me favorece! – Minha risada murchou quando me lembrei do motivo do encontro. – Queni...

— Esses críticos não sabem de nada, meu anjo!

— Não aguento essa história de plágio! Nem “*baseado*” eles falam; só falam plágio...

— É que baseado é maconha, fofa!

— Meu livro é um plágio, Queni?

— Não, querida! Isso é inveja porque você vive aparecendo nos programas de televisão.

— Quando é que eu vou pra rede nacional?

— Muito em breve, meu bem; muito em breve! Estamos trabalhando para isso.

— Vê se arranja uma coisa decente na próxima vez.

— HELLO! Eu SEMPRE te arranjo coisa decente.

— QUENI...?

— Eu sei. Não se preocupe, meu pesseguinho em calda! E seu livro continua vendendo horrores. Veja o depósito deste mês: bombadão que nem o Vin Diesel.

— ...

— AI, ROSE! ACORDA, NÉ?! – Ele pegou o celular assim que começou a tocar. – Não dá pra ser best-seller e agradar a crítica!

Sentada de pernas cruzadas no coreto, no meio da praça principal, de frente para a Matriz, com uma farmácia ao lado, uma fonte de gesso gigantesca, cafona e desligada do outro lado e uma padaria na esquina, observava os cachorros abandonados, deitados ao redor; movimento era coisa que não existia em A... Dois bancos à frente estava um homem bonito e bem comum. Ele dobrou a perna apoiando o livro que lia.

— Aquele ali é o Tony Bigorrilho?

Queni olhou na direção em que eu apontava e fez que sim com a cabeça.

— Por que as pessoas não chegam perto dele em vez de ficarem só cochichando? – Dessa vez apontei para um grupo na rua.

— Não sei. – Ele desligou o telefone –, mas acho que é porque reconhecer um ator pornô pega mal...

— ...

— ...

— ...ahn... Novidades?

— SIM! Sua linda Editora não reservou um centavo para fazer a publicidade do seu livro na Capital. Antes que você pergunte: não, eles não vão mudar de ideia, mesmo com as vendas pela região garantidas.

— Então a gente é que muda de editora.

— É! Fácil! – Ele estalou os dedos. – Acontece que o seu contrato é para outros dois livros. Alguma dúvida de que eles vão cobrar?

— Não!

— NÃO! E o novo livro?

— Como assim?

— Rose! O prazo pra entregar já tá apertado!

Sorri forçado. Ele fez uma cara de desdém, antes de continuar:

— Ando conversando com o pessoal da Fuso pra ver se eles cobrem o que a Editora iria perder e não te deixam lisa que nem bunda de nenê.

— Você é bom!

— *Bom*, não. Eu sou um escândalo! – O celular dele voltou a tocar. – Só que algo me diz que tem água nesse chope...

Antes de Queni, eu achava que um agente literário usasse um terno Armani ou coisa parecida. Durante as reuniões, Queni se vestia de modo tradicional, porém sem gravata – ele nunca usa gravata. Os dias normais eram para camisetas de camuflagem – tão ou mais justas do que as minhas –, bermudas e óculos escuros. Permanecia o cabelo armado, que crescia em forma de *dread* e emoldurava a pele escura. Qualquer que fosse o caso, era obrigada a admitir: se existisse alguma informação escondida nessa história da Editora, ele descobriria.

Queni rumou para a Capital e eu continuei andando por aquela cidade onde todos os caminhos davam no mesmo lugar; literalmente.

Em frente ao Daslu, o salão de beleza mais famoso da cidade, vi três pessoas correndo em minha direção. Fiquei me perguntando se a rede varejista recém inaugurada havia trazido consigo o assalto em plena luz do dia.

— Rose! Rose! Rose!

Elas fizeram uma muralha ao meu redor.

— A senhora me dá o seu autógrafo?

Aquele “*senhora*” de novo; vindo de alguém que deveria ter uns quinze anos, talvez fosse aceitável... aceitável era tomar banho tcheco!

— Não precisa me chamar de... *senhora* – tinha até dificuldade em falar.

— Sabe o que é, Rose D., é que lá em casa nós ensinamos que os mais velhos devem ser respeitados. – E isso veio da AVÓ da turma, BEM mais velha do que eu.

— Gente! Desse jeito ela vai se ofender! – A mãe da adolescente interferiu. Fiquei feliz que ainda restasse bom senso na família. – Eu, mesmo sendo mais nova do que você, não gosto que me chamem de *senhora*; imagine a senho... você.

Olhei para a mulher, para a filha e para a avó, com a boca aberta.

— Que treva, mãe! Cê acha que ela é mais velha do que você? Ela nem tem filho... Cê tem filho?

Meneei a cabeça, assustada, quase jurando de pés juntos que não.

— Viu? Ela não tem filhos. O lance, mãe, é que cê tem mais botox e plástica do que ela!

O ódio da mãe ficou claro no sorriso da filha.

— Fala sério! Ela não sai do consultório do prefeito... Ha, consultório do prefeito... Que coisa engraçada... Hahaha... – De repente, ela parou. – Cê já aplicou botox?

— Como assim?! – respondi entre ofendida e orgulhosa.

— A senhora devia passar lá no prefeito... Ops... VOCÊ devia passar lá. Tá com umas olheiras!

— Tô?!

A garota me avaliou de cima a baixo e chegou perto do meu ouvido:

— Posso fazer uma pergunta?

Cheguei perto do ouvido dela:

— Se perguntar a minha idade, eu te mato!

Sorri para as três. Forçado.

— Eu ia perguntar se podia tirar uma foto com você.

— E por que cochichou?

— Porque cê tá tão básica, que achei que podia se ofender. Tem gente que não gosta por causa desse lance de imagem, sei lá.

— *Bá-si-ca*?! Acabaram de dizer que eu tava linda, que parecia até mais nova.

— Deve ter sido alguém que gosta muito da senho... droga; de VOCÊ.

Tirei foto com a filha, com a mãe, com a avó, com a filha e a mãe, com a neta e a avó, com a mãe e a avó, com todas juntas, tudo BEM de perto – a própria garota esticou o braço e apertou o botão da câmera do celular e nem me deixou ver o resultado.

— Valeu, Rose D.! A senhora é da hora! Adoro o seu livro.

— Todas nós adoramos, né, filha? E ela é tão natural, tão pouco vaidosa... corajosa, né? – A mãe, que vestia justamente o uniforme da loja de varejo, piscou em cumplicidade com o resto da

família.

Mal tinham dado três passos na direção oposta, a garota voltou e gritou:

— Ô, Rose D. A senhora não precisa se preocupar com as fotos, não, tá? Eu passo tudo no Photoshop antes de postar na internet.

Heide conhece Grego

Fazia três semanas que acordava por volta das cinco horas da manhã e ia dormir após a uma, organizando suas finanças, as da academia e os projetos que desenvolvia na igreja e no CND, Conselho Nacional de Dança, onde faria uma apresentação para o novo presidente do *board*. Tendo herdado o engajamento social dos pais, com um currículo cheio de premiações, recomendações e um nome que sempre figurava entre os melhores do mundo, foi indicada e convocada muito antes de desembarcar de volta no país.

Quase sem enxergar o que escrevia, aumentou o zoom. As letras na tela do computador começaram a embaçar. Bateu o cotovelo na mesa da cozinha. O coração estava acelerado. Havia cochilado.

Na dúvida se tossia ou assoava o nariz primeiro, fez os dois, duas vezes. Jogou o lenço de papel no cesto de lixo e se avaliou no espelho do banheiro.

— É oficial: estou um caco! Imagine se as pessoas que falam que eu acordo pronta me vissem agora...

Colocou a mão na testa. Tirou o termômetro do armário atrás do espelho e colocou embaixo do braço direito. Trocou para o braço esquerdo. Notou o relógio do celular: 23h38.

Voltou à cozinha, encheu a chaleira de água e levou ao fogo. Apanhou um saquinho de chá de eucalipto, colocou na xícara – tudo com a mão direita –, foi para o sofá e ligou a TV. Achou o canal – o que passava *Dirty Dancing* –, puxou a manta de lã para cima do pijama de flanela e relaxou enquanto pôde. Pegou a cena em que Baby entrava no quarto de Johnny e este, sem camisa, começava a dançar com ela. Pensou em Fernando – que ainda insistia nos olhares, sem nunca mais tê-la convidado para um café –, nos ensaios para a quadrilha, nas sobrancelhas arqueadas e deu uma risada sem convicção. Voltou a admirar o filme.

— Olha isso, Santo Antônio... É pedir muito?

Bonita de um jeito que só ela conseguia ser, quanto mais se especializava na dança de salão, mais recebia propostas para trabalhar como modelo, atriz e ser a esposa de alguém; para ser

amante também, embora sempre tenha resistido com bravura. Entretanto, era sua classe que chamava a atenção. Isso e a impressão de que tudo estava em perfeita ordem: comia nos horários certos, ia ao banheiro com regularidade, bebia dois litros de água por dia e saía de férias todo janeiro. Um relóginho!

23h43.

A chaleira chiou. Tirou o termômetro debaixo do braço. 39°C. Era melhor tomar um remédio e deitar.

— A senhora dormiu no sofá, dona Heide. Veja se tem cabimento uma coisa dessas!

Escutou, lá bem longe, as palavras de Márcia, sua secretária, num tom preocupado que terminava as frases numa nota aguda. Quase nem sentiu quando a senhora rechonchuda, de estatura mediana e cabelos pintados de cobre – que só se sabia que era essa a cor porque vinha escrito na embalagem da tintura –, se aproximou e colocou a mão em sua testa. Também não viu quando ela voltou com alguns travesseiros, outra coberta, um copo de água e um antitérmico.

— Você ainda está por aqui? – Procurou o celular, tentando focalizar a hora: 18h30. – *Malhação* já acabou?

— Já.

— Graças a Deus...

— Toma essa sopa que a senhora não comeu nada o dia inteiro.

— Sopa do quê, Márcia?

— Toma a sopa e vai pra cama! – “*Nem doente a mulher cede?*”. Ficou pensando se alguma vez testemunhara esse milagre. “*Não*”.

— Acho que eu vou tomar um banho antes. – A loira de rosto afogueado tentou se levantar; caiu sentada no sofá.

— Vai deitar, dona Heide. Juro que não reclamo do seu cheiro e nem conto pra ninguém que a senhora não tomou banho.

— Ficar sem banho? – A febre subiu só de pensar no assunto. – Tenho que terminar os slides. Já era para eu ter terminado... Essa droga de gripe me atrasou toda a vida.

Márcia disfarçou um sorriso. Faltar na academia por estar doente não era nenhum problema. Muito cuidadosa com a saúde e cheia de viagens, Heide fora esperta o suficiente para treinar alguém para suas ausências. O problema era ter se programado e o planejamento, falhado. Não dar a última palavra, perder o controle da situação por causa de um imprevisto: isso era o que a matava.

Chegou com quinze minutos de antecedência; o saguão estava lotado. Passando pela recepção central, um homem chamou sua atenção. Vestido com calça de terno cinza, camisa branca e gravata azul, sem paletó, sua elegância fez com que ela abrisse a boca. Não estava nada em forma, contudo existia algo que o tornava desejável. Ele, que estava conversando, inclinou a cabeça na direção da pessoa sem deixar de acompanhar Heide com o olhar. Ao terminarem a avaliação mútua, deram um sorriso largo.

Cumprimentou um por um e sentou na cadeira que um colega puxou; acabou ficando de frente para o presidente do Conselho. Segurou a respiração ao receber o agradecimento de boas-vindas: lá estava o homem por quem seus lábios abriram. Para não perder o costume, procurou por suas mãos: encontrou-as e o resultado de sempre, também.

Olhou longe, sem prestar atenção ao assunto – que não era o estado civil de ninguém. “*Meu Santo Antônio! Você que é ótimo em achar coisas perdidas, por favor, me faça achar um homem-solteiro-de-Deus...*”. Distraiu-se ao ouvir uma gargalhada. Reparou que as pessoas riam das piadas dele porque ele tinha um ótimo senso de humor, não – só – porque ele era o chefe. Admirou seus gestos abertos e cheios de afeto, suas decisões práticas, lúcidas e rápidas e flutuou quando ele aplaudiu sua apresentação, se detendo nos pontos-chaves.

Entre trocas e desvios de olhares e sorrisos, virou fã de Gregório – que sempre tinha uma resposta inteligente e certa sobre tudo. Os encontros em comum se tornaram animados e ele a ouvia com prazer, fosse para as sugestões das reuniões ou para qualquer bobagem que estivesse disposta a dizer – o que no caso dela era uma raridade. E quando em pouco tempo descobriram uma porção de afinidades de gosto e pensamento, ele foi alçado a um patamar acima dos demais mortais, fazendo a Heide calma, metódica e controladora desaparecer.

— Eu queria aproveitar e convidar vocês pra um happy hour. Não seria interessante? – Depois de todos concordarem, ele quis saber de um por um se quinta-feira era uma boa data. – Tudo bem pra você, Cláudio?

— Tudo.

— Vanessa?

— Sim, sim... quinta tá ótimo!

Seguiu perguntando até chegar nela, que havia tempos olhava longe:

— E pra você, Heide? Pode ser... na quinta?

Coçando o nariz, ela respondeu que sim.

Um trabalho bem frustrante

Bateu a porta com força antes de se jogar nos braços do segurança. Deixou para trás uma recepcionista abismada, que perguntava se a paciente iria voltar e, uma psicóloga cansada, que repassava a atuação a que tinha acabado de assistir.

— Buuuuu...

— ...

— Buáááá...

A mulher de quarenta e cinco anos, cabelo castanho na altura dos ombros, sempre preso por uma tiara, sentada no chão da sala, ficou observando pelo canto do olho para saber se seu choro era notado. *“Eu simplesmente não acredito! Nem uma criança de cinco anos faria isso... Preciso avisar que aquela parede tá descascando”*. Anotou no bloco: *“Ataque de birra simulado. Possível Transtorno da Personalidade Histriônica”*.

— O nosso tempo acabou, mas eu queria que você pensasse, pro próximo encontro, na possibilidade da gente aumentar o seu número de sessões, de duas para três por semana.

— NOSSO HORÁRIO ACABOU?! É SÓ ISSO O QUE VOCÊ TEM PRA ME DIZER? QUE O NOSSO HORÁRIO ACABOU? E VOCÊ VAI ME DEIXAR DESSE JEITO?

Na semana seguinte teve de discutir o caso com o dono da clínica: a paciente havia ligado para reclamar que ninguém se importava com ela.

Chegara até lá por indicação de uma colega de faculdade, logo após retornar à Capital, na mesma época em que o ex-marido sugeriu que ela voltasse a morar com os pais, pois a situação financeira estava fazendo ambos passarem fome. A outra havia explicado que não assumira a vaga porque a proposta incluía repassar todos os seus clientes duramente conquistados para a Clínica, além de cinquenta por cento de seus ganhos; para Karen, que não tinha algo nem para perder, poderia ser interessante. Não estava em condições de melhores negociações, tanto em termos de emprego quanto de relacionamento; em pouco tempo descobriu que fora mais uma das inúmeras

coisas que vinham dando errado em sua vida.

Três dedos de uma única mão davam para indicar o número de pessoas que havia atendido naquele lugar que podiam ser chamadas normais. Escutava do dono – médico – que deveria tratar os pacientes muito bem, dar um amplo sorriso e adiar o máximo possível a comunicação da primeira notícia ruim – isto é, tudo aquilo que eles pudessem não gostar de ouvir. “*Como se psicoterapia fosse feita pra dar prazer*”. Se havia algo que a deixava doida era escutar de alguém que pintava vasilhos que aquilo, sim, era “*uma verdadeira terapia*”.

O médico também decretou que se os números dela não fossem rentáveis, seria desligada. Até levou em consideração, pois a profissão ensinava a ser ética ao extremo, não a ganhar dinheiro – e ainda insinuava que uma coisa eliminava a outra. Quando comentou que um paciente achava que ela cobrava muito pouco pelo excelente trabalho que realizava, o Doutor não teve dúvidas:

— Que legal! Deve ter sido porque você sorriu e o tratou bem.

Ela também não teve dúvidas:

— Não! Foi por causa da minha competência, mesmo!

Karen nunca fora de falar, reclamar, se posicionar de forma aberta a respeito das coisas. Apesar de convicções muito claras, tinha o costume de escutar, ponderar, tentar entender o outro, considerá-lo. Se isso a levou à Psicologia ou se o curso lapidou uma tendência – crescera numa família bastante silenciosa –, a questão era que essas coisas sempre se davam em detrimento de si mesma. Por mais infeliz que se encontrasse, optava por uma conversa calma e adulta; ou pelo menos achava que sim, mas o fato era que nunca havia levantado a voz para ninguém. Assim, quando respondeu de forma atravessada para o Doutor, até estranhou. No entanto, foi a terapeuta ocupacional, que vinha passando-a para trás havia algum tempo, quem fez seus dentes voltarem a ranger.

Após os pedidos de conselhos para lidar com crises entre os funcionários, orientações sobre testes, promessas de que seria chamada para participar das reuniões e indicada para a coordenação da área de psicologia de algum lugar, Karen ficara na mesma, ganhando cada vez menos dinheiro, enquanto a outra aparecia como a esperta, dedicada e eficiente, que até salário fixo tinha. O golpe final foi encontrar uma cópia mal formulada e sem domínio de assunto, de um relatório seu, para outro paciente que a TO havia atendido.

A recepcionista se aproximou:

— Ela não indicou a senhora porque senão todo o mundo ia saber que ela não é de nada. – Colocou um saquinho de chá num copo de plástico e apertou o botão de água quente da máquina de café que ficava numa estante pequena, no canto da sala. – E nem adianta conversar com o Doutor, ele não admite que falem qualquer coisa. Disse que confia nela de olhos fechados.

— Eu sei, Querolaine. Só que eu preciso falar. Não posso continuar desse jeito, alguma coisa precisa acontecer nesta vida. Fora que é antiético.

— *Antiético!* – Ela despejou adoçante dentro do copo e mexeu com a colherinha. – A senhora acha que um homem que deixa a TO e a enfermeira se pegarem liga pra essas coisas?

— Se pegarem?! Por quê?

— Doutora! Só a senhora não sabe que ele tem caso com as duas?! – A recepcionista meneou a cabeça e entregou o copo para Karen.

— Por que você sempre me dá chá de camomila?

— Pra acalmar. Minha amiga Alice disse que é bom.

— Eu não tô nervosa.

— Mas a senhora É nervosa!... Vocês, psicólogos, são engraçados. Dão palpite na vida de todo o mundo e não enxergam um palmo diante do próprio nariz...

— Ah, eu simplesmente não acredito! Já não bastavam as manicures, agora até a recepcionista virou psicóloga? É uma profissão de merda, mesmo! Todo o mundo quer cursar, mas ninguém sabe o que é viver dela. Se médico entra em greve, o país para; se psicólogo entra em greve... Não, psicólogo não precisa entrar em greve porque é sempre a primeira coisa a ser cortada quando o orçamento aperta... – Sentou devagar na poltrona. – Porra! A gente perde até pra TV a cabo...

Escritora em crises



Betina!

O negócio está feio, a crise anda começando cada vez mais cedo e o sonho não muda! Os homens se dão conta de que ereção com hora marcada é complicado, porém até o fim da vida, eles vão achar que dentro deles existe um ator pornô bem-sucedido. E como eu posso ser presa se te contar isso, vamos para a resposta padrão:

“Fico feliz que você tenha gostado do livro”.

Dos leitores

Rose,
gostei bastante do seu livro. É possível perceber sua influência de Jane Austen, o que a meu ver só enriquece a história. Você consegue atualizar como eu nunca havia visto, as questões sobre relacionamento amoroso que continuam inquietando a todas nós. Parabéns! Espero o seu próximo livro.
Karen

Como assim?

- HOME
- A AUTORA
- BLOG
- FOTOS & EVENTOS
- ENTREVISTAS
- COMO ASSIM?

Eu também! Eu também espero pelo milagre do meu próximo livro! E nada, NADA me vem à mente. Pressão da editora e o episódio da Fauna, Flora e Primavera me chamando de velha e acabada também não ajudavam a resolver o problema.

Após essa experiência malévola, eu entrei correndo no Daslu e pedi uma repaginada completa. Quis cortar o cabelo, bem curto, ficar tão elegante quanto as executivas dos meus tempos de trabalho na Capital. Glória, minha cabeleireira, não achou uma boa ideia. Resolvi mexer na cor e tentar um vermelho-beterraba-berrante. Lá fomos nós para uma hora de bate-boca, onde eu terminei rodeada de copos de água com açúcar e Queni no telefone gritando para eu não-tomar-nenhuma-atitude-precipitada-porque-tava-em-crise-e-que-escritor-feio-não-tinha-vez-na-mídia. Não sei por quê, as três fadas da Bela Adormecida mexeram muito comigo...

Pelo menos a opinião no post era favorável, de uma pessoa civilizada, da CAPITAL, que percebeu minhas “influências” e não que eu copiei a querida Jane.

Dos leitores

Rose,
sou apaixonada pelo personagem principal, o Daniel. Não acho ele orgulhoso. É que ele tem berço, é quase um príncipe. E eu adaria que ele fosse o meu pequeno príncipe. Beijos,
Nathália - Miss A...

Como assim?

- HOME
- A AUTORA
- BLOG
- FOTOS & EVENTOS
- ENTREVISTAS

— Meu edi odara de canudinho! Isso é post, Rose? Não. Que negócio é esse de “*meu pequeno príncipe*”? Ela é pedófila, é isso?

— Deve ser coisa de Miss... Miss proveniente de A...

— TÁ. E como toda Miss lê *O Pequeno Príncipe*, ela tentou ser inteligente e fazer um trocadilho. Hã? Hã? – Queni fez um gesto de vaivém com a mão. – E nem digitar direito, digita! Affe! Tô boua, não!

Ele desapoioou a cabeça do meu ombro, puxou uma cadeira e sentou a meu lado, no escritório que mantinha em casa. Responder aos e-mails me dava a sensação de que eu era uma pessoa produtiva.

— Terminei!

— Seu novo livro?

— NÃO! De fazer pesquisa de seguro de vida...

— É, você não tem mais vinte anos.

— O negócio é ficar de olho nas melhores opções do mercado, até pra fazer uma contraproposta para a seguradora.

— Ui, bonita! Você podia usar suas habilidades pra escrever outro romance. Por que não escreve sobre uma executiva de planejamento com... – minha expressão deve ter deixado claro que sua vida corria perigo. – Com idade suficiente pra ser executiva?

— E quem vai querer ler sobre uma executiva de planejamentos que faz tão bem o seu pé-de-meia que, assim que lança seu primeiro livro, joga tudo pro alto?

— É. Pensando bem, quem iria acreditar nisso? – Ele colocou a mão no peito. – Affe, Rose! Não vá me dizer que você ainda sonha em ganhar um Jabuti, um Nobel de Literatura?

— Ahn... Eu, não... mas minha vó...

Queni apertou as minhas bochechas e se afastou para olhar o resultado.

— Viu minha ruga nova?

— Onde?

— Aqui.

— ONDE, MULHER?!

— AQUI, Ó! – Meti o dedo na testa.

— Não... – Ele revirou os olhos.

— E se eu fizer isso? – Franzi o rosto inteiro. – Acho que é aquele último creme que eu comprei.

— O *Remove*, da Larreal? – Fiz que sim com a cabeça. – Tá tudo certo. Primeiro tem que cair essa sua cara horrorosa, pelancuda, pra depois você ficar parecendo com bumbum de nenê... o racho do bumbum. – Ele caiu na risada. – Se bem que agora que você virou musa das adolescentes em prol da beleza natural, acho que não devia passar mais nada na cara, não.

— Como assim?

Queni digitou meu nome no Google. Lá estavam minhas fotos tiradas pela adô que insistia em me chamar de “*senhora*”, as discussões que começaram por conta própria sobre a ditadura da beleza e a ideia de me elegerem a porta-voz da campanha do contra.

— COMO ASSIM? Ela disse que ia passar tudo no Photoshop!

Ele se levantou, começou a arrumar minha mesa e pegou o convite da festinha de um ano do meu sobrinho, que seria na semana seguinte.

— A gente vai, né?

— *A gente*, coisa nenhuma. Eu não sou o seu namorado alugado pra festas, bar mitzvah, batizados e finais de semana só pra enganar a família que vive pra te pressionar a casar...

— Verdade. Você não é o Dermot Mulroney.

— Owmmnn. – Ele colocou a mão no peito. – Sua avó vai estar lá? – Fiz que sim com a cabeça. – Não vou! Prefiro ficar com a minha irmã; dos males, o menor.

Ele se dirigiu para a porta.

— Minha cunhada em pessoa te convidou

— HELLO? – Queni girou a maçaneta e se virou para mim. – Ela sabe que eu elevo o nível da festa...

— Deixa eu voltar pro computador.

— Vai pesquisar o mercado de ações, agora?

— Não. – Sorri, empolgada, pronta para abandonar o mundo. – Vou jogar *Assassin's Creed*.

Quer tentar?

Heide quebra uma regra

— Tem um tal de Grego no telefone.

— Grego?! Quem é Grego?!

Distante dos seus melhores momentos e lidando com três pessoas na sua frente brigando para furar a fila e a lista de espera, a recepcionista da academia deu uma resposta malcriada e transferiu a ligação.

— Heide? É o Gregório do CND.

Teve de segurar a súbita vontade de rir. Alguns dias antes havia passado na sala dele para avisar que não iria ao happy hour. Poderia ter telefonado; achou que seria indelicado. Pensou que a secretária dele daria o recado e pronto. Então disse para si mesma que era de se esperar que um homem chique, elegante e educado como ele ligasse de volta.

— Oi! Tudo bem, Gregório? – Desencostou da cadeira de couro branco.

— Tudo. Pode me chamar de Grego ou vamos gastar metade do tempo só falando o meu nome. As ligações são tarifadas, não sei se você lembra?

Os dois deram risada, mas a dela foi porque estava pensando que “*Grego*” era pior do que “*Gregório*” ou “*Greg*”.

— Queria falar comigo?

— Porque não deu para eu ir ao happy hour e...

— Reparei...

Mais risos.

— Prometo que vou numa próxima.

— E se nesse meio-tempo você puder ir a um happy hour, me avisa.

Ela ficou em silêncio por um momento, confusa. Não fora isso o que acabara de dizer?

Ligou para Vanessa Molina, umas das diretoras do CND:

— Você disse que ele era um galinha. Ou eu me enganei ou ele acabou de me chamar para sair.

— Não! Pode ficar tranquila. Primeiro, ele vai ficar no mesmo lugar com você e outras pessoas. Depois que ele tiver te observado bem, aí sim ele te faz um convite pessoal e intransferível... pelo menos é o que contam... Heide?...Você não tá se apaixonando por ele, tá?

— Apai... apaixonada?! Só fiz um comentário... – Procurou por alguma coisa em sua mesa.

— Porque você acha que não dá pra perceber, só que eu vejo como você fica e suspira quando tá perto dele.

A loira coçou o nariz e olhou longe:

— Sem dúvida que o acho interessante, elegante, mas me apaixonar por ele? Não existe a menor possibilidade. Eu não saio com homens casados, lembra?

Olhou-se de frente e de costas. A calça preta valorizava o quadril. A camiseta de alcinha também preta estava protegida por uma jaqueta de couro vinho. Mesmo com um metro e setenta e cinco de altura, gostava de usar salto alto. O cabelo claro e liso de corte reto, solto, ia até o meio das costas, arrumado de modo impecável atrás das orelhas. A maquiagem era discreta. Chegou às mãos a boca e assoprou; o hálito estava bom. Parou. *“Meu Santo Antonio! O que eu estou fazendo aqui?”*.

Foi apenas um dia após a conversa que tivera com Grego ao telefone, que ele a encontrara no corredor, pronto para retomar o assunto:

— Se der, tomamos um café ou almoçamos.

— Uhum... – Ela desviou o olhar e começou a rir.

— Hoje?

— Hoje, não. Tenho que voltar à academia.

— E amanhã? Poderíamos jantar.

— Amanhã eu viajo cedo.

— Me avisa quando puder.

— Aviso, sim.

— Claro... vou morrer esperando.

— Não. – Coçou o nariz. – É que essa é uma semana cheia.

— Que tal semana que vem? O que você vai fazer na quarta-feira?

— Na-da... – Ela começou a prestar atenção a algo lá longe.

— Quarta-feira nós vamos jantar. Eu fico aqui até as vinte horas e depois podemos ir. Você me encontra ou prefere que eu a pegue em sua casa? Você escolhe.

— Eu-eu venho até aqui.

Heide passou a semana se acalmado e se convencendo de que o convite era profissional. Não queria se empolgar, porque tinha certeza de que haveria outras pessoas no jantar e acabaria ficando decepcionada. *“Decepcionada?! Ele só quer me conhecer, o que pode ser muito bom para minha carreira. Não podia recusar”*. O fato de imaginar como seria o encontro durante o banho só serviu de alerta quando percebeu que pegara a trilha do altar, com Grego esperando na ponta e Karen atrás, de madrinha. Soltou uma risada nervosa. Se ele fosse divorciado, podia se tentar a anulação; mas casado... Não tinha vocação para amante e nem acreditava que isso fosse sequer um chamado.

E no entanto, lá estava ela, dentro daquele banheiro, a ponto de desistir, censurando-se diante da parede espelhada por ser tão estúpida. Eram quase vinte e uma horas e além dele não estar na sala, não sabia como localizá-lo. Fechou a cara, pegou sua bolsa Louis Vuitton e saiu pisando duro na direção de casa.

Trinta passos e seu celular tocou.

Não se enganou ao pensar que ele escolheria um restaurante requintado, discreto e à meia-luz. Estava à vontade, porém, ao cruzar seu olhar com os dos outros, quase podia dizer o que se passava na cabeça deles... e na do porteiro da garagem, das pessoas que encontrou nos corredores do CND.

— Sua mulher não vai estranhar de você chegar tarde em casa?

— Por quê? Eu vou chegar tarde em casa?

— Considerando o horário, cedo é que você não vai chegar.

Grego sorriu. Disse que estava trabalhando.

— Você faz muito isso?

— Isso, o quê? Trabalhar?

— Sair com outras mulheres.

— NÃO! Ela não se importa em saber onde estou. Nós continuamos juntos, só que o casamento não existe mais... Casei muito cedo.

Ele tinha quarenta e oito anos e Heide, trinta e um. Achou que a diferença nem era grande. De repente, lembrou-se da história que Vanessa Molina havia contado sobre a maneira dele observar as mulheres antes de “dar o bote”. A curiosidade em saber como ele a teria visto a fez levantar o assunto.

— Quem te falou isso?

— Não interessa quem contou.

Ele baixou os olhos, parecendo chateado.

— Não foi assim... Eu só me envolvi com uma mulher do CND e porque a gente se gostava... Faz tanto tempo...

— Só que não deveria acontecer.

— Não planejei isso. – Ele olhou para Heide. – Não deu certo, a gente foi deixando de se gostar... E uma vez só em vinte anos de casamento, vamos combinar que não é nada.

— Uhum... – Ela pegou a taça de água e deu um gole.

— Não? – Ele sorriu como quem estivesse se divertindo.

— Por que você não se separa?

— Porque ainda não apareceu alguém que valesse a pena. – Ele se fixou nela. – Mas você tem todos os predicados pra...

— Não faça isso!

— Isso, o quê?

Colocou a taça de volta na mesa e o olhou, séria:

— Jogar toda a responsabilidade para cima de mim. Desse jeito você vai se decepcionar.

— Pode acontecer.

— A culpa passa a ser só minha e você segue com a sua vidinha em busca da próxima.

— Tá maluca? Eu gosto de te olhar na reunião, o modo que você se movimenta. Esse seu ar sofisticado, sua classe... Você é filha única?

— Qual é a relação?

— Nenhuma. Só curiosidade.

— Sou. – Ela esperou; o clichê não veio.

— As melhores mulheres são filhas únicas.

Não conseguiu impedir o sorriso.

— E esse batom?

— O que tem?

— Posso tirar? – Grego se aproximou; ela recuou na cadeira. – Por que não?

— Porque você é casado.

— É. Isso eu sou, não posso negar. Eu tirei a aliança pra estar com você hoje, pra te respeitar. – Apontou para a mão sem qualquer marca no dedo. – Mas, então, o que é que você está fazendo aqui?

A história de Karen e Alex

— Porra!... — Tapou a boca. — Nem terminei de pagar...

Segurando um pé do sapato peep-toe novinho e comido pelo cachorro, pensou que ficar em casa no final de semana devia ser opção e não falta, inclusive de dinheiro. O que ganhava na Clínica só permitia passeios com entrada franca. Atendendo poucas pessoas, desconfiava que as consultas não estivessem sendo repassadas para ela; e coincidência ou não, quanto mais dinheiro tivessem os pacientes, tanto mais doidos eles eram e mais choravam por desconto.

Olhou para a bagunça que se estendia da sala de estar até seu quarto, sentindo-se deprimida. Nem sabia por onde começar a arrumar. Pegou o livro do Pequeno Príncipe do topo da sua coleção de revistas de decoração francesa — e que passaram a servir apenas para lembrar uma casa que nunca teve e um país que jamais iria visitar —, mas bastou ouvir o som da moto para largar o que não queria fazer e correr na direção da porta.

Tinha mesmo de identificar o barulho. Desde que se conheceram, no último ano da faculdade, Alex nunca tocara a campainha de sua casa; era sempre aquele motor pipocando.

Fora buscar um material na casa de um colega que achou que seria interessante apresentar à Heide. Então viu aquele deus grego parado na porta. Heide nem gostou do suposto bom partido, mas Alex acompanhou Karen até em casa e insistiu na troca de telefones, que usou quase um mês depois.

Numa noite, deitada em cima dele, ouviu-o dizer que precisava perguntar algo. Pela expressão séria achou que seria uma conversa sobre o relacionamento, afinal vinham transando havia meses. Como não sabia dizer “*não*”, tinha certeza de que sairia de lá namorando. Jogou a cabeça para trás. Na mesma hora bateu na lateral da cama — que fazia tanto barulho que Alex preferia puxar o colchão para cima do carpete. Com a dor, a massagem e as risadas, o momento se perdeu e nada foi dito. Ela também nem insistiu.

Passaram a se encontrar todos os dias e em várias madrugadas, conheceu os pais e a irmã dele e aprendeu que deixar recado com qualquer um — principalmente com o sobrinho — era uma

péssima escolha. Até à casa dos amigos o acompanhou e nada dele voltar a querer perguntar algo. Foi quando percebeu que o quase alívio havia se transformado em frustração. Contudo, só se encheu de coragem depois de Heide lhe chamar a atenção para não esperar demais e acabar perdendo também a chance.

Combinou de encontrá-lo na casa do mesmo amigo com a desculpa de apresentar o novo cachorro. Mal Karen havia sentado e se preparado para a conversa, ela apareceu: a ex-namorada de Alex, gritando, a ponto do cachorro pular do colo da dona e ir se esconder debaixo do sofá.

Alex sorriu e manteve a calma, enquanto a mulher insistia em se pendurar em seu pescoço, tentando beijá-lo. Sem graça, o amigo sugeriu que fossem todos tomar um açaí. Ainda em estado de choque, Karen concordou e foi deixar o cachorro em casa.

Se arrependeu assim que percebeu a situação. Olhou para Alex, sentado à sua frente, que não parava de falar e rir e nem captava os sinais que ela lhe enviava. Achando que deveria ser mais clara, Karen se levantou e avisou-o diretamente que ia ao banheiro. Passados dez minutos sentada na escada esperando por ele, deduziu que Alex não entendera o recado.

A última tentativa foi quando voltaram à casa do amigo. Karen querendo disfarçar, Alex ainda falando sem parar e a ex-namorada com os olhos grudados nela. Sem saber o que fazer, ela foi se despedindo de todos, deixando o homem para o final; então cochichou em seu ouvido:

— Você sabe onde me achar.

Quando ele finalmente resolveu achá-la ela já estava namorando aquele que iria ser seu marido. Apesar disso não os ter impedido de ficarem juntos, tudo o que ele lhe disse foi que achou que ela sentira raiva e não queria mais vê-lo. Nenhum “*gosto de você*” ou “*quero ficar com você*”. Desanimada, Karen também não falou nada.

Ela seguiu com o futuro marido; Alex começou um namoro. Continuaram se vendo. Embora com menos frequência e sem qualquer espécie de contato físico duvidoso, todo encontro denunciava a história em suspenso. Conversaram algumas vezes a respeito. Ficaram admirados com a atração mútua persistente. Continuaram mantendo a história em suspenso.

No dia em que decidiu contar que ia se mudar com o noivo, também decidiu dizer a Alex o que ele significava em sua vida. Ele se abanou, olhou-a com uma expressão pesada e desejou boa sorte, nem imaginando que se tivesse dito alguma coisa, Karen teria feito outra escolha. Então foi a vez dela apenas sorrir de volta, em silêncio, triste por enfim entender que ele nunca havia dito nada, que ele nunca diria nada; e o que fosse que ele tivesse pensado naquela vez em que ela bateu a cabeça na cama, havia passado... até o dia em que reapareceu na porta de sua casa.

A família de Rose

Do canto do salão do maior e mais chique restaurante da cidade, o *Las Fontes*, eu via a festa decorada com um requinte que servia mesmo para a inacreditável quantidade de pais endinheirados que existia em A... Talvez a produtora de filmes tivesse contribuído para o aumento populacional, contudo tinha de reconhecer que para um lugar como aquele, havia um bom número de fortunas. Divididas em dois bairros da cidade, uma parte ficava na avenida principal, logo na entrada e, a outra, na ponta oposta, próxima à produtora. Meu próprio irmão havia se casado com uma das maiores herdeiras da cidade, o que não desagradou a minha avó.

Apesar de não tocar uma música da Xuxa, a festa me preocupava. Queni mantivera seu juramento fiel de não comparecer – ele sempre fugia de Avó –, o que me deixou sozinha e indefesa perante a família de uma criança que, só de olhar, eu já sabia que algum dia me faria passar a maior vergonha do mundo.

O martírio começou antes dos “*parabéns*”, aquele momento usado para encontrar todas as tias que formam a árvore genealógica espalhada pelo país e, junto delas, todos os tios, primos e tios-avôs. Por definição, família italiana é numerosa e volumosa, inclusive no tom de voz, o que me tornava bem conhecida nas festas, já que cada parente que me encontrava gritava meu nome a plenos pulmões. O dado seguinte a quem passasse desavisado era o da condição de celebridade. Mas quando o desavisado se empolgava, perguntava o que eu fazia e era informado com um “*escritora*”, ele invariavelmente me deixava falando sozinha.

— *Come mai?* Acho que você precisa arranjar um agente novo, porque esse – Avó fez um som com a boca, que lembrava um peido –, é *nullo*. E onde está aquele *sciocco*?

A folga durou o tempo das palmas, dos brindes, dos cumprimentos e da apresentação dos palhaços. No intervalo para a chegada do mágico, fui laçada por Prima, que era filha da neta do tio:

— Quando é que você vai sossegar?

— *Sossegar...*?

— Casar, Rose; casar!

— Eu tô sossegada quanto a isso.

Ela me olhou do primeiro fio de cabelo espetado à unha do dedo mindinho, ignorando o trocadilho.

— Você é bem-sucedida na profissão – embora eu não entenda essa sua cisma de ser escritora – , tem idade e diz que não liga pra isso? Quanto tempo você acha que seu corpinho vai durar? Eu consigo ver algumas rugas e os seus fios brancos daqui.

— Quer dizer que você acha que eu tenho um corpinho?!

— Olha pra mim. Há quanto tempo eu casei? O casamento e a maternidade só me fizeram bem.

Olhei... para seus quatro filhos espalhados pelo salão. Dois estavam se estapeando, o do meio tomava distância e trombava numa coluna repetidas vezes, enquanto a caçula cutucava o nariz e enfiava na boca.

— ...como não existem opções na cidade?! Olha lá o Leonardo. Ele ainda tá solteiro e eu SEI que ele bem que gosta de você.

— Que Leonardo? O da família Mancini? Ele tem sessenta anos e mora com a mãe!

— Ai, Rose, que mania de ser tão exigente! Até parece que você tá podendo escolher...

Heide se diverte

Em casa, na cozinha

— Pra ver como são as coisas. O que você disse e repetiu aqui uma porção de vezes? “*Eu não me envolvo com homem casado*”. – Ela e a amiga disseram ao mesmo tempo. – O que foi que você atraiu?

— Um homem casado...

— Boca santa, essa sua... Só não cura hemorroidas...

— Karen!

— Des-cul-pa...

Na Academia, em sua sala

O erro foi pensar nele como homem em vez de colega assexuado de trabalho. E nem poderia dizer que não tinha gostado. Precisava averiguar um monte de coisas – não queria julgar ninguém, só que todo o mundo sabia que não dava para relaxar e confiar muito numa pessoa que, apesar de casada, saía com outra. Ela fazer parte disso ainda não estava em discussão, mas sua cara estava ótima!

Na Cafeteria, dentro do CND

— Gostou da minha mensagem?

— Aquela que você disse que lamentava muito ter me deixado?

— É.

— Não.

— Não?!

— Não. Burocrática e previsível. “*Lamento muitíssimo ter tido que te deixar...*”. – Fez um ar empolado ao repetir a mensagem.

— *Burocrática*? E eu achando que tava abafando. Por isso que falam que não se pode contar com a vitória antes do tempo...

— Qual a desculpa para estar aqui hoje?

— Nenhuma. Eu tive de vir ao Conselho.

— Uhum...

— Sabe o que eu gosto muito de fazer? De beijar. É difícil encontrar homem que goste muito de beijar, não é?

— Eu... não posso reclamar, não. Meus pares sempre me beijaram muito.

— Também, com essa boca! – Ele se aproximou. – Posso te beijar?

— Pode... – Heide deu a bochecha.

Grego suspirou:

— Essa é a bochecha que eu mais beijei na vida!

No restaurante japonês

— Ainda bem que a meia é bonita. – Ela disse, enquanto tirava os sapatos e enfiava os pés num buraco enorme no chão com uma mesa retangular no centro.

— Hoje você não veio com a furada?

Estavam numa espécie de sala fechada e privativa. Grego achou que poderiam ter ido a um motel, que dava na mesma. Quando o pedido chegou, ele e a atendente – treinada para desaparecer o mais rápido possível – ficaram um tempo olhando-a, abismados, devorar mais da metade da comida japonesa acomodada no barco de madeira.

Já o deixava chegar perto, mas nada de beijar na boca! Estar ali com um homem casado era uma aberração por si só. Escandalizaria sua mãe, seu pai, o padre, o Conselho... Deveria scandalizar a si mesma, porém algo nesse mesmo homem a levava a esquecer o que sempre soube que não deveria fazer. Com isso, só estavam liberados beijo no rosto, abraços e piadinhas. No meio de uma, o celular dele tocou.

— Hã! O que você quer? Tô com o pessoal... A secretária não te avisou?... Pra que você quer saber onde eu estou?... Hã...

Heide recuou no assento rebaixado e virou o rosto. Sentiu o cheiro do papel de arroz da divisória. E ele que havia dito que a mulher não se importava em saber onde ele estava!

— Não adianta porque eu nem vou comentar sobre isso... – Grego começou a falar assim que desligou o celular, antes mesmo de se virar para ela. – É muito cristão da sua parte se importar, mas você não vai conseguir arrancar nada de mim. Basta o que eu falei no nosso primeiro encontro e que foi bem mais do que o indicado pra um primeiro encontro... Não! A verdade vos libertará, mas verdade demais vos assustará! – Despejou saquê no copo quadrado e tomou um gole. – Você gosta de sexo? Eu adoro! Sabe do que eu gosto? De chupar. Adoro chupar...

e ser chupado também... Sabia que eu tenho que usar camisinha daquelas largas? Meu pau não é longo, mas é grosso!

Encarando as ovas de peixe à sua frente, Heide, pela primeira vez na vida, empurrou um prato de comida!

Karen e Alex se confessam... quase

— E por que você não aproveita e chuta o balde?

— Chutar o quê? – Ele se levantou para mexer nos carvões.

— O quê? A Samambaia.

— *A Samambaia...* – Deu risada. – Doida! DOIDA!

— Você gosta dela? – Ele perguntou “*de quem*”, enquanto pegava o álcool. – Como de quem? Da Samambaia, ca... – A última parte permaneceu incompleta porque se assustou; dois palavrões em voz alta tão perto um do outro não era algo normal. No entanto serviram para fazê-la compreender que temia a resposta.

— Acho que gosto... quer dizer, não sou apaixonado por ela, só que também não desejo o mal... porque é complicado. Eu tô com ela há um tempão e durante boa parte disso ela esteve bem. Agora que ela tá na pior eu vou embora? Não dá! – Olhou para Karen. – Ela tem médico no final da semana. Vamos ver o que ele fala.

— Lá vem você com esse negócio de esperar o médico te liberar!

O mesmo negócio que fazia seus dentes se chocarem. Desde que voltara a morar na Capital não haviam ficado um dia sem se ver; e depois que ele se oferecera para buscar suas coisas, nenhum dia sem se beijarem. Também iam para a cama em qualquer ocasião possível, ainda que todos esses acontecimentos estivessem sempre permeados de muita discussão disfarçada de conversa.

Não era como se o tempo não houvesse passado porque tinha um casamento desfeito que contrariava a teoria, porém existia ali algo que lhes era muito familiar, que os deixava felizes por estarem juntos. Sentada próxima à churrasqueira, olhou-o de cima a baixo, enquanto ele continuava a remexer os carvões.

Se a sua história havia acabado, por que a dele também não poderia terminar? Ele não era apaixonado pela Samambaia e Karen queria refazer sua vida. Por que os dois não poderiam recomeçar, do ponto em que haviam deixado lá atrás? Apesar disso, admirava a fidelidade daquele

homem. Adoraria encontrar alguém que ficasse com ela enquanto ela precisasse, quando tudo o que pudesse oferecer fosse quase nada. Doía reconhecer em Alex as respostas e os gestos que o ex deveria ter dado em seu favor. E doía muito mais porque, de novo, não eram para ela.

— Você tem medo que a Planta faça o quê?

— Ela? É... eu posso ir embora e ela fazer alguma besteira... – Ele voltou a jogar álcool no fogo.

— Ah, tá... Pra quem quer cortar seu pau... – Sentindo-se frustrada, completou: – Ninguém se importou comigo na hora de me abandonar.

Reparou que a expressão dele mudou, ficando pesada como só uma vez havia visto, embora não lembrasse exatamente em que momento. Antes que pudesse questionar, foi envolvida pela fumaça. Saiu correndo. Alex tentou contornar a situação; a fumaça voltou a persegui-la.

Quando tudo se acalmou – por volta da sexta tentativa e inúmeras gargalhadas –, ele foi até o quarto buscar uma blusa para protegê-la do frio. Arrastou a cadeira mais para perto, pegou a mão direita de Karen e a enfiou pela manga do moletom. Colocou a outra e fechou o zíper, sem desviar a atenção dela, tentando segurar um sorrisinho que teimava em se formar.

— Tô muito feliz de você estar aqui! Muito bom! Muito bom, mesmo!

Perdido na mulher à sua frente, mais do que penetrante e bem diferente de instantes atrás, o olhar dele era tão doce, que o de Karen se entregou. A indecisão e a desconfiança sumiram, trazendo de volta um passado que na verdade nunca ficara por lá.

— Tá feliz agora? – Ele se virou para o lado. – Já se vingou do ex...

— Vingança? Você acha que eu... tô com você por vingança?

Alex se levantou, procurando pela calça.

— Mulher faz isso: fica com raiva e desconta transando com outro.

— Se ele não vai saber, como pode ser vingança? – Apoiou o cotovelo no travesseiro.

— Por isso mesmo.

— Porque vocês, a gente descobre; e nós, vocês vão ficar na dúvida se rolou ou não?

— Viu como você sabe?

— Ah, vai se fo... ferrar! – *“O que tá acontecendo comigo?”* – A fila anda!

Alex balançou a cabeça. Sem camisa, olhando pela janela de seu quarto, ele continuou.

— Preciso pensar!

— Sobre o quê?

Ela chegou em seguida, abraçando-o pela cintura e encostando o nariz em seu ombro. Ele beijou-lhe a cabeça.

— Tá ficando difícil e complicado.

— O QUÊ?

— Eu não consigo mais ser só seu amigo.

Os dentes de Karen se apertaram. Sabia que estava num daqueles momentos que odiava, o de discernir entre calar a coisa certa ou falar a coisa certa. Como em tempo algum soube o que dizer, exceto a seus pacientes, sempre se calou. Com os pacientes era mais fácil porque calar fazia parte do jogo. Desde que mantivesse a pose, eles jamais saberiam o real motivo do silêncio. Mas ouvindo o que queria ouvir de Alex há tanto tempo, com medo de estragar o momento, não tinha a menor ideia do que fazer. Ele olhou para ela, parecendo esperar por algo. Como permanecesse imóvel e muda, ele se desvencilhou dela e começou a andar de um lado para o outro.

— Você tem que se preocupar com você. Cuida das suas coisas, não se preocupa comigo.

— Eu posso fazer os dois; não preciso escolher.

— Um dia você vai entender. Eu sei que você não leva a sério o que eu falo, só que um dia, você vai perceber... Por que você não arranja um namorado?

— Tô tentando; você não colabora...

Ele parou de repente.

— Imagine! Doida! Eu lá tenho condições de namorar alguém? Querer não é poder.

Ela perguntou se era por causa da Samambaia. Ele levou um tempo para responder “*também*”. Reparou que isso acontecia com frequência, como se na verdade ele só se lembrasse da existência da outra quando ela comentava.

— Termina com ela e fica comigo.

— E você acha que é assim? Depois de quase dois anos você aparece na minha casa e diz “*Oi. Me separei*” e pede pra eu largar tudo e ficar com você? – Olhou para ela de novo com aquela expressão estranha. – Tem coisas que você não sabe.

— Me diz!

— NÃO! Não tem nada a ver... – Ele ficou de frente para ela. – Tem um amigo meu que te achou bonita. Posso dar seu telefone pra ele? Porque eu não dou o telefone de ninguém sem antes perguntar...

Ao responder que podia, que se o problema fosse esse, ela dava para outro, o número do telefone também, Alex fechou a cara.

— Não adianta, não leva a sério... Você tá carente, acabou um relacionamento agora. Não tem como você gostar de mim... Você fala que a fila anda e sei que você faz isso com facilidade, mas outro dia você tava chorando por causa do negócio do Viagra. – Ele caiu na gargalhada. – Você tá confusa, tá fazendo substituição... é normal... eu não ri aquele dia porque você tava mal...

— AH! Acabou de dizer que eu tô ótima!

— Não! Não vem distorcer o que eu falei, não. Eu lido com fatos, com evidências!

— Falou o Dr. Alex Sirrah, o grande defensor público das causas perdidas!

— Vamos ser apenas amigos!

— A gente não sabe ser amigo. A gente nunca foi amigo!

— Isso! Vai! Cospe no prato que comeu...

A gargalhada dos dois os levou de volta para a cama; a cara fechada dele os tirou de lá.

Paciente que só ela, observou-o numa ausência completa e fixa na televisão antiga que ele também se recusava a trocar. Após um longo tempo nessa situação em que o homem não mudava de posição e nem falava nada, perguntou o que havia acontecido. Percebeu que o corpo dele ficou tenso, entretanto foi a delicadeza da resposta que a emocionou:

— É que só depois eu percebo a bosta que eu fiz.

Karen sentiu todas as dores juntas explodindo no maxilar.

— Ah, tá! Tem um monte de coisas que você não pode me falar; ISSO você pode! Você tá doido? Porque eu não te entendo! Uma hora você me quer, na outra você me manda embora... eu não entendo! O que você quer de mim? – Os olhos umedeceram.

Foi a vez dele continuar em silêncio, sem encará-la.

— Eu sou uma idiota! Eu achei que dessa vez a gente ia ficar junto, mas você não gostava de mim naquela época e continua sem gostar... Eu não sei o que passa na sua cabeça, só que eu não preciso desse tipo de coisa! Então, VÁ À MERDA! Não! Vá à merda, não! Nem vai se ferrar! VAI SE FODER, MESMO!

Vestiu-se muito rápido, escancarou a porta do quarto e todas as outras que foi encontrando nos três andares da casa rumo à saída, sem se preocupar se daria de cara com alguém, até tropeçar num par de chinelos com as gravuras do Pequeno Príncipe e cair. Escutou Alex dizer que eram do sobrinho, enquanto se esquivava da ajuda e esperava que ele abrisse a porta da frente, pois não sabia onde estava a chave. Uma vez do lado de fora, saiu com o carro cantando pneus sem olhar para trás.

Na verdade ela escorregou os olhos pelo retrovisor e divisou a expressão confusa dele. Mas ele nunca soube disso.

Assunto de família

Apesar da provação que era todo encontro familiar, não importando o número de participantes presentes, havia sobrevivido com prazer, graças ao mágico que me chamou para bancar sua assistente. Moreno de olhos azuis, bronzeado, mais novo do que eu, com os dentes brancos de um comercial de creme dental – que Queni diria “*Não é creme dental; é dentifrício fluoretado*”, devido a resquícios do namoro com um químico industrial chamado Roberto –, Mister Big passou a noite tirando o coelho da cartola e fez o número do desaparecimento assim que o dia clareou. Por isso eu gostava dos homens mais novos. Era bem prático saber que, ao primeiro sinal de algo sério, com cara de namoro, desgaste, cobrança ou algo parecido, eles seguiam noutra direção.

Dica do dia

Você, querida leitora, que quer dispensar um homem que não lhe interessa mais, siga à risca a seguinte receita:

- Chame-o de namorado;
- Fale em convidar a sogra para jantar;
- Combine com algum amigo ou parente para perguntar quando é o casamento;
- Avise que já escolheu o nome do rebento e que é Maurício Cristino;
- Reclame que ele fala uma coisa e faz outra;
- Proíba-o de ver as amigAs...

É sucesso garantido!

Minha avó não gostava nem um pouco de toda essa praticidade e cuidava de transformá-la num devido problema de família. Fazia isso com todo o mundo, inclusive Queni, entretanto a destruidora intimidade da criação só era aplicada a mim e a meu irmão; e a mim com um rigor acima de qualquer suspeita.

Após a morte dos meus pais – eu tinha doze anos e Carmo, oito –, ela nos assumiu. Não posso acusá-la de não ter sido amorosa do seu jeito, mas debaixo dos olhos celestes, do cabelo prata arrumado e do coração arrítmico, havia alguém para lá de exigente – e tão teimosa, que se

recusava a ser medicada três vezes ao dia, dizendo que tomara remédio a vida inteira e, com oitenta e três anos, a morte chegaria de qualquer jeito. Em seus planos estavam a capacidade de nos sustentarmos financeira e emocionalmente, o que incluía eu ser autora de best-sellers E ganhar um Nobel de Literatura – com o tempo ela aceitou, mesmo sem concordar – e, casamento nos moldes tradicionais com um bom número de filhos – o que começava a partir de quatro. Prima era a moldura perfeita dessa pintura; meu irmão estava bem encaminhado e eu... eu era capaz de me sustentar.

Durante a faculdade eu não namorei ninguém e não falei nada; afinal de contas, eu devia me focar nos estudos. Quando comecei a trabalhar, alguns parentes esperavam que eu apresentasse alguém em casa – afinal de contas, estava consolidando minha carreira; a outra parte achava que eu não devia apresentar ninguém – afinal de contas, estava consolidando minha carreira.

Cargos mais altos e salários e benefícios melhores, as duas facções conflitantes da família se juntaram, pois não havia desculpa para não namorar. Não é que eu nunca tivesse tido um relacionamento longo e sério; é que a empolgação deles só virou frustração, pois nenhum se encaminhou para noivado ou casamento. E me dedicando somente aos homens mais novos, ao trabalho e morando sozinha, para eles eu estava muito próxima de me tornar um homem. Como assim? Até parece que algum homem passaria por isso; até parece que algum homem seria questionado ou pressionado a escolher entre a carreira e o casamento.

Se ele escolhesse o casamento, era um bom partido; se escolhesse a carreira, continuava a ser um partidão. Se vivesse sozinho até o fim de seus dias, teria dado um “partidaço”. No mínimo iam questionar se ele era gay; no máximo seria declarado assexuado. Em todos os universos, casar com o trabalho era uma excelente escolha para o sexo masculino. Comentariam suas qualificações, elogiarão seu cérebro e, se ele ajudasse a fazer deste um mundo melhor, correria o risco de ser declarado santo.

A ideia de ter marido e filhos era assustadora. A ideia de não ter marido e filhos, também. Se a palavra que não devia ser dita – a que começava com “s” – ficasse sendo martelada na minha cabeça, me dava por vencida e saía disposta a conhecer possíveis candidatos – o que incluiu agências de encontro, namoros on-line e os amigos dos meus amigos e os amigos dos amigos dos meus amigos, tudo orquestrado com maestria pela família que, esta sim não se dando por vencida, me ligava a cada final de encontro para saber a evolução da coisa.

Quer seja em nome de um amor que só eles conhecem, a família não aceita qualquer um. Já os amigos... os amigos também não, mas eles não te olham como se você fosse a Britney Spears quando raspou a cabeça só porque você – ainda – está solteira. A família olha...

Uma semana bem longa

Quinta-feira



Quinta-feira, 17h06, na Cafeteria, dentro do CND

— Eu acertei? É café preto que você toma, não é? Trouxe açúcar e adoçante.

Ela sorriu.

Quinta-feira, 17h40, descendo as escadas da garagem

— E você vai quando?

— Na segunda-feira. Vou passar esse final de semana arrumando as coisas... Vai me acompanhar até o carro?

— Uhum. Que chato, hein? Encontro Internacional de Dança de Salão em Londres...

— Vai ser bom! Preciso dar um tempo do trabalho, da família; preciso descansar... você poderia estar lá.

— Não recebi nenhum convite.

— Eu pensei em levá-la, só que não teria tempo hábil.

Ela perguntou desde quando ele sabia da viagem, pronta para fazer as contas.

— Na volta a gente continua?

— Acho que tem boas chances.

— Por quê?

— Eu chegar e ter uma xícara de café preto esperando por mim fez você ganhar muitos pontos.

— É? – Ele gostou do que ouviu. – Quem sabe um dia você não acorda e encontra um café na cama?

Segunda-feira, 13h30, no saguão do CND

Heide nem poderia estar lá naquele dia, porém deu um jeito. Com um vestido preto, rabo de cavalo, a boca cheia de batom e o corpo cheio de intenções, só queria saber de Grego. Atendeu ao telefone apenas para se decepcionar: ele já estava com o táxi na porta de casa.

— Alguém vai levá-lo ao aeroporto?

— Não. Chegando lá, eu te ligo.

Segunda-feira, 17h, no trânsito

— Daqui a dez minutos eu vou pegar o avião.

— Cuidado! Vou ficar aqui, rezando.

— Obrigado! E você, juízo. Nada de me trocar por ninguém.

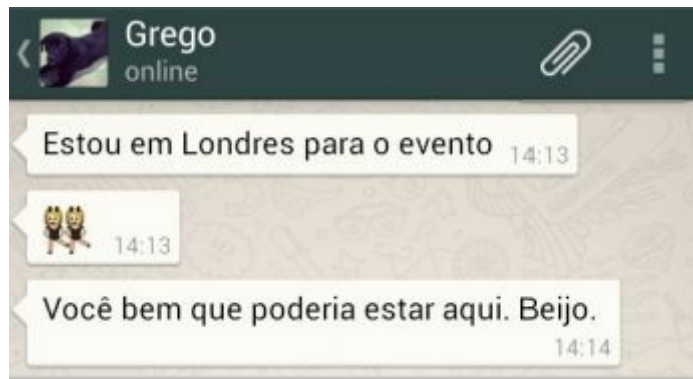
— Depende de você.

— Só se mudou alguma... Não, não. Eu sei que essa viagem foi uma correria, mas a gente continua de onde parou na volta.

Segunda-feira



Sexta-feira



Quinta-feira, 10h, na Academia, por telefone

— Isso aqui é lindo! Pena que você não esteja comigo.

— Estou com tantas saudades que nem tenho aproveitado muito por aqui.

— Eu também!

— MENTIRA!

— É mentira mesmo! Vamos combinar? É uma puta mentira! – Os dois riram. – Mas a parte das saudades é verdade!

Karen toma uma decisão

Acordou cedo no dia seguinte, aproveitou um longo banho, colocou a roupa, tomou o café da manhã com calma e assistiu a um pouco de TV. Chegou à Clínica com ânimo redobrado: iria conversar com o Doutor.

Resolvera que seria diferente dali em diante. Nada mais de só calar e ouvir; e principalmente não falar nada do que queria e ouvir só o que não queria. Estava determinada a assumir o controle de sua vida. Não dava para pensar em algo além disso. Verdade que não ter que se preocupar com Alex ajudava. Ainda não achava que uma coisa atrapalhasse a outra, mas já que haviam chegado ao ponto aonde chegaram por que não aproveitar? Não tinha a menor ideia de onde saíra a “delicadeza” dele e nem a resposta que fora capaz de dar; não importava. Não iria atrás. Gastara tempo demais tentando entendê-lo.

Achava engraçado que sua maior qualidade também fosse seu grande defeito. Como psicóloga, era uma das melhores no que fazia, não errava um diagnóstico. Na vida pessoal, isso só a levou a permanecer tempo demais onde não devia. Mas isso fora antes. Estava pronta para abrir mão de tudo o que existia dentro de si que exigia respostas e seguir o conselho de se preocupar com sua própria vida. Nada mais de resignação nem de esperar pela resolução de ninguém, muito menos de Alex, que não era homem para ela – embora talvez o fosse para a Samambaia, a desmiolada de plantão. Havia muitos outros no mundo – ou na academia de Heide. Desviaria a atenção que empregava procurando pelo barulho da moto – o que ainda não fora naquele dia – e concentraria seus esforços no que realmente importava: ganhar dinheiro – o que também ainda não fora naquele dia!

Era uma questão de sobrevivência. Porque não estava enriquecendo por ser tão compreensiva. Não que quisesse que acontecesse de novo, só que esse era o único jeito de não ter de sair de qualquer casa outra vez. Além de tudo havia ganhado outra multa; e por avançar o farol vermelho! Ela não avançava o sinal. Parar em local proibido até parava, mas farol vermelho? Tinha certeza de que era a “marronzinha” que a perseguia em frente ao banco... De qualquer forma,

dali em diante seria assim: quem quisesse estar com ela que corresse. Ela não esperaria mais.

Colocou o jaleco e se dirigiu à sala do médico. Viu a TO saindo, com a cara amarrada, passando por ela sem lhe doar sequer um olhar. Bateu na porta. Ouviu a voz melodiosa e simpática do outro lado:

— Pode entrar!

Meia hora depois Karen fechava a porta devagar. Na recepção encontrou Querolaine, mais animada do que ela.

— E aí?

Olhando para a garota de cabelo laranja à sua frente, disse:

— Eu simplesmente não acredito...

— O que ACONTECEU, doutora?

— Fui despedida!

Rose aparece no jornal

E cuidando mais uma vez da minha promoção, lá estava eu em outra aventura da série *Fique famoso ou morra tentando*. A empreitada do dia envolvia uma sessão de fotos para o Caderno Cultural de um jornal local. Verdade que eu estava sendo generosa em chamar aquelas quatro páginas de Caderno!

Fui levada ao camarim. Sentei na cadeira de maquiagem, ganhei massagem, suco, elogios, tratamento três estrelas – que para A... já era de bom tamanho – e relaxei. Acordei do cochilo com o cabeleireiro dizendo que eu podia olhar.

Berrei.

— O que é isso? O que aconteceu?

— Nã-não sei... Essa é a maquiagem e o cabelo para combinar com o figurino.

— Que figurino?

— Olha ele chegando aííííí...

Uma hora depois eu aparecia com sombra verde nos olhos contornados de azul e cílios postiços, blush carregado, cabelo desfiado, preso por uma faixa com fundo preto e mil cores por cima, macaquinho tomara-que-caia cor da pele, um par de meiões brancos 7/8, polainas coloridas e... patins de rodinhas, daqueles antigos, com o freio gigantesco na ponta da frente.

Como não consegui sair do lugar, os patins foram retirados e recolocados na hora das fotos; o mesmo momento em que entrei na banheira. É, uma banheira! Em seguida fui recoberta por balas, doces e chocolates. Para completar, tive de segurar nas mãos um pirulito gigante e fazer poses *sexies*, segundo o fotógrafo, enquanto escutava o seu indefectível “*Isso! Mais uma! Agora tá ótimo! De novo! Uh! Perfeito!*”

Na semana seguinte a página do caderno exibiria a seguinte legenda:



Se isso me ajudou a vender mais?

Local: num recital com a minha avó

Elemento: homem, +/- 28 anos, moreno, cabelo liso, roupa básica

— Você gosta de canto?

— Eu gosto.

— Então vamos ali, no canto...

Local: numa loja de eletrônicos

Elemento: sexo masculino, +/- 14 anos, cheio de espinhas na cara

— Você tem garfo?

— Como assim? Pra que você quer um garfo?

— Porque tô dando sopa.

— Ahn...Não seria colher?

— É que eu sou difícil...

Local: na rua

Elemento: homem, +/- 40 anos, camisa e calça social apertada para disfarçar a barriga, cabelo cheio de gel

— Achei sua reportagem muito interessante. Até comprei o livro.

— E já tá lendo?

— Lendo? Ele não tem mais fotos parecidas com aquelas?

Local: na banca do jornaleiro que me viu pelada no banho

Elemento: homem, tremendamente feio

— Você tem telefone?

— Tenho... telefone, geladeira, máquina de lavar...

Local: na farmácia

Elemento: homem, +/- 80 anos, camisa e calça social apertada para disfarçar a barriga, cabelo cheio de gel

— Que coisa linda! Olha pra mim, olha!

— (risos, sem graça)

— Que coisa linda, filha!

Local: na praça

Elemento: homem, +/- 80 anos, camisa e calça social apertada para disfarçar a barriga, cabelo cheio de gel (sim, ele de novo!)

— Fiu-fiu.

— AI!

— (risos do velho que beliscou minha bunda).

Local: ainda na praça

Elemento: sexo masculino, +/- 8 anos, camiseta e bermuda

— Tia, minha mãe comprou seu livro.

— Ela gostou?

— Não sei. Ela tá usando ele pra bater na cabeça do meu pai, que não tira o olho da sua foto.

Local: na livraria

Elemento: homem, +/- 45 anos, moreno, segurança

— Me dá seu autógrafo, Tamara?...

— Meu nome não é Tamara.

— Pode até não ser, mas você Tamaravilhosa!

Local: na lanchonete

Elemento: sexo masculino, 24 anos, gordura disfarçada pela altura

— Que tal hoje à noite, uma pizza e um sexo muito louco?

— Ahn... não?!

— Também acho. Vamos cancelar a pizza.

Local: na night

Elemento: um ser indeterminado, MUITO louco

— Você quer me ver pelado?

Local: em qualquer lugar

Elemento: Queni

— ...*Já que você me provocou, agora experimenta./Senta que é de menta,/senta que é de menta.*

Heide não consegue se segurar

Sem conseguir se conter desceu correndo até a sala dele, que estava em reunião. Fez hora até se convencer de que iria demorar. Mandou mensagem, esperou além do que o faria em circunstâncias normais e só recebeu um telefonema por volta das dezoito horas, quando deveria estar na academia. Saiu de fininho para encontrá-lo.

— Aproveita. É tudo seu. — Ele abriu os braços. — Deixa ver se você é boa aqui... — Desceu as mãos. — BOA! — Deu-lhe um tapa na bunda e virou-a, encostando-se a ela. — Tô morrendo de saudades, só que não vai dar pra gente ficar junto. Meu filho veio hoje à tarde aqui pegar os presentes e estão me esperando em casa pra jantar.

— Hoje eu também não posso.

— Não?

Percebeu o desapontamento dele. Tinha certeza de que era por ela não estar à disposição, não ciúmes.

— Na quinta-feira a gente janta?

— Uhum.

Apenas ao puxar a porta da sala para sair notou que ela esteve o tempo todo destrancada.

A vista era fenomenal – o que seria de se esperar de um lugar chamado *The View*; mas gostava do cuidado das escolhas sofisticadas dele. Olhando em volta reparou no pianista e na mulher de meia-idade e vestido longo que cantava *She will be loved* – que Grego aplaudia batendo a mão que não a abraçava, na lateral da perna – e na quantidade absurda de casais. A morena e o homem de cabelos brancos na mesa à frente, tão pouco à vontade, fizeram-na entender que não era a única a sair com um homem casado. Ele tinha razão ao dizer que o lugar era “*pra isso mesmo*”.

Vestida com uma calça jeans de cintura baixa que realçava todas as suas formas, uma blusa clássica cheia de paetês, salto alto e cabelo enrolado com babyliiss, fez um ar de censura quando ele comentou que havia deixado a mulher e o filho na praia e voltara correndo apenas para estar

com ela. Achar uma oportunidade real de encontro era uma das desvantagens de estar com alguém que tinha outro alguém, por isso Heide não se deixava enganar pelo que podia parecer elogio à primeira escuta.

— Já falei para você não jogar a responsabilidade em cima de mim. – Ela desencostou dele.

— NÃO! Eu estou fazendo isso por mim! – Ele a puxou de volta.

Apesar de estar há algum tempo nessa história, de ter consciência de que o homem era casado – e alguém que tinha conhecimento de que o local era “*pra isso mesmo*” indicava certo histórico –, não conseguiu saber se a resposta fora melhor ou pior; ele era capaz de entorpecer suas convicções. Ainda assim, não achava natural ouvir ou falar sobre a família dele, porque não era natural trair – não para ela. Por que deveria achar normal um estado permanente de desassossego e desconfiança e tudo o que saía do foco e se escondia ao colocar os olhos naquele homem?

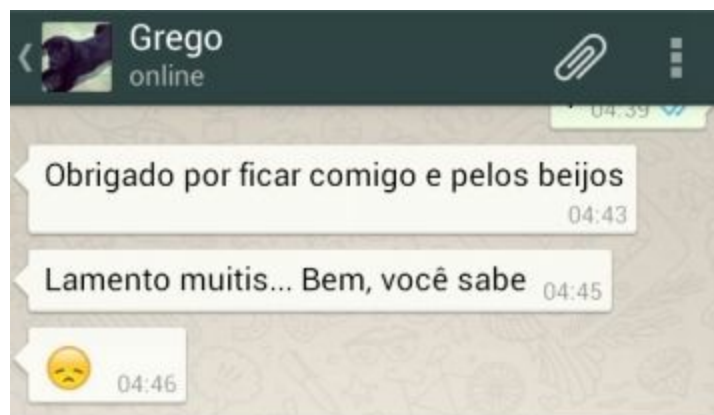
Encarou Grego, que continuava a falar e a provocá-la, visivelmente divertido com seus conflitos. Cheia de raiva, calou sua boca... com um beijo. Um beijo de verdade, que aboliu de vez o uso das bochechas como escudo protetor. Sentiu o corpo dele amolecer. Ao receber seu olhar teve a certeza de que estampava tudo aquilo que jurava esconder.

— Aquele dia eu perguntei e você disse não. Hoje eu não vou perguntar. Vou te levar direto pro motel.

2ª Parte

Heide e Grego viajam juntos

Sábado



O silêncio foi quebrado pelos soluços. Ajoelhada no apoio estofado do banco de madeira escura, enfrentava um dilema. Pensava em abandonar Grego; chorava. Pensava no quanto estava desapontando Deus; dobrava o choro. Não conseguia sair dessa situação, mesmo cheia de culpa por ter infringido, no mínimo, duas leis, inclusive do trabalho, o que tornava a coisa toda ainda mais estranha. Justo ela, tão acostumada a comandar as situações, a resolver a vida de forma eficiente!

— Meu Santo Antônio! Você que é ótimo em achar coisas perdidas, por favor, me faça achar um homem-de-Deus...

Antes de terminar a oração, a porta lateral se abriu devagar. Um homem de cabelos brancos, com uma barriga quase disfarçada pelos paramentos apareceu e fez uma breve genuflexão diante do sacrário.

— Não quer aproveitar?

Olhou para o Padre, que passava por ela a caminho do confessionário. “*Alguém lá em cima está de sacanagem comigo!*”. No momento em que abriu a boca para responder, o celular indicou uma nova mensagem de Grego.

Sexta-feira, à tarde

Linda, de calça preta, salto alto e blazer, ele a encontrou esperando em frente ao seu prédio. Apanhou sua mala; beijaram-se no rosto olhando para os lados e entraram no carro de Grego. O celular dele tocou. Apertou sua perna e mandou-a ficar quieta. Era o pessoal do Conselho e o telefone estava no viva-voz.

— Que medo de eu comprometê-lo! – Heide disse, assim que a ligação terminou.

— Não. É pra não dar problemas a você!

Ela preferiu não continuar a conversa:

— Será que no domingo eu consigo ir a alguma missa por lá?

— Acho que sim... Toda certinha... Você sabe que eu sou o homem errado pra você, não sabe? – Ele estava rindo.

— Eu sei! – Ela respondeu sem rir. – E o problema é esse...

Em época dos congressos mais disputados do mundo, só conseguiram viajar em aviões separados e com escalas, por isso teve de aguardá-lo ao chegar ao aeroporto José Martí. Encontrou-o pedindo informações a um funcionário.

— Onde você tava?

— Por onde você passou que eu não vi?

— E o que você tava fazendo lá?

— Você fica bonito de óculos!

— Fico, não fico?

— Fica sexy!

Dirigiram-se a um balcão para remarcar as passagens da volta para um único voo. Bastou se aproximarem da funcionária e Grego estufou o peito, passou a mão na cintura e puxou a calça para cima. A voz melosa e o sorriso vieram em seguida.

— Se-fecha-mala-veia-sem-alça. – Heide falou, sem querer, em voz alta.

— O quê? – Grego se virou para ela

A loira desconversou com um “*Hã?*”.

Já era bem tarde quando entraram, cansados, num dos hotéis mais chiques da cidade. Ele perguntou, cheio de intenções, o que ela queria fazer. Com o rosto iluminado e feliz, Heide respondeu: “*COMER!*”. Desceram para o restaurante e avistaram Joaquim, um amigo dele que daria o curso de salsa. Depois das apresentações, os três sentaram à mesma mesa; e apesar da conversa aleatória, Heide não pôde disfarçar o constrangimento. O que não entendia, de verdade,

era por que não ia embora; não dali, pois estava em outro país, porém da própria situação.

— Amanhã a Lara chega.

— Quem é Lara?

— É a namorada do Joaquim. – Grego cochichou em seu ouvido: – Ele também é casado. A

Lara veio morar aqui e eles continuam se encontrando.

— O que eu sou sua?

— Acho que namorada.

— Não sou sua amante?

— Não.

“Uhum. Nós ainda não transamos”.

A única incursão que haviam feito ao motel – que se chamava Santo Antonio – terminara de forma inusitada. Com a conversa do pode sair, mas não pode beijar/pode beijar a bochecha, mas não pode beijar a boca/pode dar selinho, mas não pode dar beijo de língua/pode dar beijo de língua, mas não pode transar, a noite acabou com Heide deitada na cama, vestindo o sutiã, com a calça abaixada até o joelho, a calcinha empurrada para o lado, calçando apenas um pé de sapato e, o homem ao seu lado, dormindo.

Sábado, à tarde

Participou das aulas como convidada e conheceu Lara. Além de simpática, a moça – também casada –, aconselhou-a a aproveitar o sol, o que fazia toda amante que se prezava. Heide optou por um *tour* pela cidade.

Com o tempo seco e sem chance de beber água – a primeira vez que esquecera sua garrafinha –, chegou exausta. Ao se aproximar do quarto ouviu vozes. Num estado de nervos que sempre lhe foi desconhecido, abriu a porta devagar, na certeza de que iria pegar Grego no flagra, com outra. Encontrou-o deitado na cama, assistindo à televisão.

— Oi! Eu liguei pro seu celular; não deu nem sinal.

Ela verificou o aparelho. Sem sinal. Jogou-se ao lado dele.

— Comeu alguma coisa? Dá uma olhada no frigobar.

A loira se arrastou até lá, pegou um chocolate, comeu e voltou a se jogar na cama. Antes que percebesse suas roupas já estavam quase rasgadas. Ele só parou de acariciá-la para pegar um preservativo, pausa suficiente para fazê-la chorar; entretanto quando ele perguntou se ela queria parar, Heide balançou a cabeça em negativa.

Ele penetrou-a por trás. Depois moveu-se para baixo. Com os braços abertos, sem encostar nela, começou a proferir uma porção de palavrões. Então vieram os *“hum, hum... huuuum”* e

outros sons indescritíveis. Heide esperou até que ele abrisse os olhos para se deslocar, apenas para ter certeza de que havia terminado.

— Eu gosto de ficar olhando!

Grego admirou a quantidade de sêmen dentro do preservativo com um nó, antes de se levantar para ir ao banheiro. Heide pôde observá-lo com riqueza de detalhes. Estava gordo, com mais pelos do que um gato angorá, porém tinha de reconhecer a intimidade dele com aquele corpo disforme, a bunda pequena e cheia de furos. Ao retornar, viu-o de frente e se lembrou da conversa no restaurante japonês, onde ele disse que não tinha o pênis longo, mas grosso e ela pensara que talvez fosse uma aberração. “*Uhum... um tubérculo.*”

Domingo, de manhã

Começou a se esfregar na coxa dele, que perguntou, sonolento, o que ela queria. Também de forma sonolenta sorriu ao desejo dela e declarou que não funcionava sem café da manhã e banho.

Antes do almoço, ela tentou outra vez; nada aconteceu. Pela frente, por trás, por baixo, por cima, de lado, do outro lado, parecia que a química entre eles havia desaparecido. Em pouco tempo apenas o silêncio estava à vontade.

Decidiram ir para a banheira. Só o que Heide ouviu – não podia afundar por falta de espaço – foi Grego falando que seu filho queria largar a faculdade e a mãe estava enlouquecendo.

Olhou na direção da pia e viu dentro da frascadeira transparente um comprimido de Viagra. Então, mirou para um ponto qualquer, sem prestar muita atenção. Coçou o nariz. Visualizou algumas fotos em cima da lareira, onde a família era ela, Grego e o filho dele, porém não se importava com suas crises domésticas. Teria outro filho com ele – na verdade, uma menina –, que serviria para apaziguar e amenizar a destruição de um casamento. Além disso, todos fariam dela como a mulher que o colocara nos eixos, algo parecido com “*Ele realmente encontrou o amor da sua vida!*”. Ao mesmo tempo pensava que nunca poderia levá-lo a um lugar comum, às festas com os amigos ou qualquer coisa parecida. Como se apresentava aos conhecidos o namorado que por acaso era casado? Estava na região crepuscular, aquela onde não se é solteira e também não se está acompanhada.

Ainda ficou só de calcinha e sutiã na frente dele, em cima da cama, exibindo seu corpo com tudo no lugar; ele desviou os olhos.

— Vem aqui um pouco. Nós estamos bem?

— Estamos... – Ele enlaçou suas pernas. – O que você acha?

— Por mim, sim; nós vamos continuar esta história?

— Claro que vamos! Uma sacanagem o que aconteceu com a gente, porque nós temos tanta

afinidade intelectual... – Ele deu as costas. – Mas vamos, sim...

Um sonho muito estranho

Depois de dormir, era hora de comer... cereais matinais às duas da tarde. Daí era só esperar pelo fim do dia e o lanche que a mãe preparava. Dormia mais um pouco. Acordava para o banho, ficava atualizada com todas as novelas e sessões de filmes da madrugada, até chegar a hora de dormir de novo. Então acordava para comer cereais matinais às duas da tarde.

Desde que Alex e o emprego haviam sumido de sua vida, era esta sua rotina. Quando se separara e voltara a morar com os pais, a sensação de caos foi abafada com o trabalho, passeios empurrados e falar mal do ex para Heide; a bronca da amiga perguntando quanto tempo ela ainda continuaria a falar dele fez Karen voltar a silenciar em todos os lugares. E quando tudo parecia fora de propósito, reaparecera o deus grego. Sentiu que a vida lhe dava outra chance, que muito em breve as coisas voltariam ao normal; só que ele se tornara mais um a abandoná-la. O ex-marido que a trocou por um carro, Alex que a trocou por uma planta, o Doutor que a trocou pelas amantes... Só o cachorro vivia atrás dela.

Numa dessas incursões noturnas, pegou alguns álbuns de uma das pilhas de objetos que “decoravam” a sala dos pais. Achou uma foto do ex junto de um marcador de livros do Pequeno Príncipe. Guardava qualquer coisa que se relacionasse ao loirinho do deserto, pois tinha o sonho de decorar o quarto de um filho com o tema. Só que era sua vida que estava um deserto.

Sentou de cócoras no sofá e ajeitou a camiseta da época de faculdade – que a mãe jurava que um dia ia virar pano de chão – com a frase “*Venha deitar no meu divã*”. Olhou a foto durante intermináveis minutos, esperando para saber o que iria sentir; só o achou bonito. Parecia um rosto tão distante.

Se pudesse escolher, ainda estaria morando com ele. Não que quisesse tudo igual ao ruim de antes, contudo, teria a segurança de saber seus dias, seus anos; uma calma que não estava nem perto de alcançar. Vez ou outra, alguém perguntava se sentia falta dele. Não; sentia falta de uma vida que havia ficado de acontecer.

Quando por fim conseguiu dormir – seguido de outra bronca de Heide que não aguentava mais ver a amiga nessa situação e nem falando mal do ex-marido e, agora, também de Alex, do Doutor, da TO... –, sonhou que estava na França, fotografando uma paisagem que se desfazia como areia caindo. Cercada de amigos e parentes, encontrou no meio de um casarão uma mesa cheia de livros. O primeiro que pegou foi o do Pequeno Príncipe. O que estava embaixo, também. Começou a retirar livro por livro e percebeu que alguns eram versões, outros tinham temas relacionados, mas todos estavam ligados ao príncipe de alguma forma. A pilha ficava cada vez maior.

Acordou em um susto. Correu até o computador e digitou um endereço na internet. Talvez restos diurnos somados aos efeitos de uma indigestão, mas soube exatamente o que tinha de fazer.

Rose recebe um e-mail importante

Dois *sudokus* nível profissional e várias horas jogando *Dishonored* não contribuíram para aliviar a intensa pressão da Editora para produzir um novo livro. Sem contar o falatório durante o último almoço de domingo em família, por causa daquelas fotos de patins.

Tranquei a janela do escritório, tomei um gole de chocolate quente para espantar o frio e comecei a verificar os e-mails.

Para você mulher de trinta anos e que procura saúde...

De: contato@maissaude.com

Para: rosed@rosed.com

Cópia:

Cópia oculta:

Parece classificado de encontro, mas é anúncio de academia.

M... – marca para a multimulher

De: mmulti@mmulti.com

Para: rosed@rosed.com

Cópia:

Cópia oculta:

Eletrodoméstico para aquelas mulheres que desempenham função quádrupla na vida e ganham dinheiro em um só emprego, se ganham.

Você que tem mais de trinta anos e procura o amor, Mãe Andina resolve!

De: amoramarrado@hotmail.com

Para: rosed@rosed.com

Cópia:

Cópia oculta:

Alguém percebeu que mulheres a partir de trinta anos dão um bom filão de mercado. Até a mãe de santo entendeu que a coisa está feia e resolveu afunilar a clientela. É a nova terceira idade!

E continuou:

E-mail de piada;

E-mail anti-spam;

E-mail de leitor;

E-mail de leitor;

E-mail para aumentar o pênis em até 10 cm;

E-mail de leitor pedindo para eu ler um original e encaminhar para alguma editora;

E-mail de leitor me xingando porque me mandou um original e eu não encaminhei para nenhuma editora;

E-mail de leitor;

E-mail de leitor;

E-mail de corrente (não tinha coragem de jogar fora e morria de vergonha de passar adiante. Tinha certeza de que a crise em que me encontrava era culpa do acúmulo de todas as pragas que vinham escondidas na cópia oculta);

Clube de leitura

De: karenantonelli@gmail.com

Para: rosed@rosed.com

Cópia: queniwinters@winters.com

Cópia oculta:

A voz esganiçada de Britney Spears começou a cantar *Toxic*. Atendi ao celular.

— ROSE? — Queni berrava do outro lado. — Tem uma pessoa que você **PRECISA** conhecer.

Era a mesma do e-mail que eu acabara de ler.

Um Grego bem diferente

Ele perguntou três vezes seguidas se ela havia casado.

— Casei. Ele está lá fora e quer te conhecer. Espera um pouco que eu vou buscá-lo. – Levantou-se diante de olhos paralisados; voltou a sentar. – Eu casei na quadrilha da igreja.

— Claro... na quadrilha.

Grego riu, aliviado e, esta foi a deixa para voltar a tratá-la com frieza, como fazia desde o final da viagem a Cuba. No avião, separados por um passageiro que sentara entre as duas poltronas, ela enfiou os fones de ouvido e se virou para a janela; ele abriu o notebook e começou a digitar. Nenhum dos dois cogitou a possibilidade de pedir ao homem para trocar de lugar.

Apesar da decisão de se afastar e quase nenhum encontro após a volta, Heide descobriu que isso não fora suficiente para aquietar aquilo que agora eram só dúvidas e raiva. Além de ficar parecendo que a escolha havia sido dele, se perguntava onde fora parar a pessoa agradável, que todos – ou talvez só ela – viam como o máximo. Tornou a levantar.

— Que tal se a gente saísse na quinta pra conversar?

— Na quinta eu não posso. – Virou o rosto para o lado, sem conseguir acreditar no que acabara de dizer.

— Não?

— Eu termino muito tarde, lá para as...

— Quinta, eu tenho um happy hour...

— ...22h.

— 22h? Ótimo. Eu saio de lá e a gente se encontra; que tal? Eu te ligo.

O telefone tocou. Era a principal bailarina da academia concorrente da de Heide. Antes de sair, viu-o aceitando o convite para um encontro, mexendo o punho no ar, para frente e para trás. A certeza de que ele não iria ligar aumentou. E ele não ligou.

— Por que eu me importo? – Ela deu uma garfada gigantesca no prato.

— Em algum momento você realmente achou que ele ia largar a esposa? Porque isso tudo pareceu apenas desculpa pra te levar pra cama.

— Agora, eu também acho. Se bem que eu penso que ele transou com ele mesmo.

Karen riu e entregou o prato nas mãos de Márcia.

— Também foi a primeira vez que a senhora se envolveu com um homem casado, dona Heide.

— É, antes dele eu era virgem...

— Virgens são presas fáceis!

— Nossa, amiga! Me sinto bem melhor... Justo eu, que cansei de dar conselhos para um monte de mulheres até na Academia... que vivi isso em casa...

— Que nada, dona Heide! – Márcia fechou a torneira da pia da cozinha e enxugou as mãos no avental. – Esse Grego é um profissional!

A loira ajeitou a cadeira de frente para as duas.

— O que eu chorei por abandonar Deus!

— Abandonar? Você falava de Deus o tempo todo. Não conheço ninguém que tenha falado de Deus depois de transar com um homem casado...

— Eu achei que estava imune... protegida.

Karen se agachou na frente dela e a abraçou.

— É uma bosta! Mas nem esquentar com o que ele fizer. Ele vai tentar sair por cima, porque ele é vaidoso demais pra não fazer isso, mas você só precisa se lembrar de uma coisa e de uma coisa somente.

— O quê?

— Você já tem um cu; não precisa de outro.

26

Onde??!!

Após o sonho e um e-mail para Rose D., combinaram de se encontrar numa feira literária. Achou-a uma mulher bonita e com um ar infantil que tornava impossível determinar sua idade. Conversaram sobre a ideia que tivera diante dos comentários no blog da escritora. Pensou que todo o mundo fazia um clube de leitura e, que se havia um livro que qualquer pessoa já tinha lido era *O Pequeno Príncipe* – também fizera uma pesquisa empírica com os conhecidos, no caso de precisar de dados “científicos” –; então, por que não juntar isso às reclamações infelizes das leitoras – e às suas próprias – e comparar as personagens com os homens com quem se relacionavam? Parecia algo lógico, embora olhar para a cara que Queni fazia naquele momento estivesse deixando-a em dúvida; mas quando ele colocou a mão no peito e disse que conseguia pensar em alguns homens com quem namorara, a ideia foi aprovada, as reuniões mensais marcadas e o plano de arrastar Heide junto, também – que compareceu à casa da amiga, na data combinada. A empolgação, no entanto, sumiu assim que Karen descobriu o local dos encontros.

— O-N-D-E? – Sua voz era um fio.

— Em A... Conhece? Se você disser que não, tudo bem. Ninguém conhece essa cidade... quer dizer, a menos que você seja fã de filme pornô... Você curte um *hentai*?!

Enquanto Rose tentava explicar como chegar, a cabeça de Karen ficava meio esquisita com todas as imagens do seu pesadelo – que atendia pelo nome de “meu casamento” – surgindo de uma vez.

A simples ideia de retornar ao lugar onde se sentiu a pessoa mais miserável do planeta minou qualquer presságio de ânimo que a tivesse visitado e ainda intensificou o repassar de todas as histórias num esforço desesperado de compreensão.

Num momento estava tudo organizado, planejado; no outro, estava sem marido, sem casa, emprego, dinheiro... Então voltou ao esquema do qual nem tinha saído, o de dormir muito e comer qualquer coisa amanhecida com leite puro às duas horas da tarde. Aproveitar o tempo para arrumar o espólio da separação espalhado pela casa, nem pensar. Porém reclamar de tudo e de

todos, ela fazia sem pensar.

Reclamava da bagunça – que ela mesma havia criado, mas isso era um mero detalhe –, reclamava do quarto pintado de azul desde que tinha vinte anos – mas não o mudava –, reclamava que não tinha dinheiro – mas não se mexia para arranjar emprego –, reclamava de qualquer programa de televisão – mas não deixava ninguém assistir a algo diferente –, reclamava que ninguém ligava para ela – mas não falava com ninguém –, reclamava da falta de educação das pessoas – mas não parava de falar palavrão, principalmente dentro de casa, já que o passeio máximo era a casa de Heide –, reclamava da pia cheia de louça – mas não lavava um prato –, reclamava da comida que não estava no ponto – mas não cozinhava nada –, reclamava... até tomar um baita susto com o berro da mãe.

—Você tá CHATA, hein?!

Para a mãe, rainha do silêncio, que não abria a boca nem quando prendeu o dedo na porta do carro – muito menos nas picadas de anestesia para arrancar a unha –, berrar uma reclamação de volta era sinal de que a coisa estava MUITO séria! E ela ainda havia sido educada chamando-a de chata. Ao se dar conta disso, as lágrimas desceram, pegajosas. Sentou no banquinho da cozinha e encarou a mãe.

— Des-cul-pa! – Falou fazendo um bico. – Mas eu tô muito pior do que parece.

— Minha filha: nada parece pior do que você!

Heide a encontrou na cama, debaixo das cobertas, só com a cara para fora.

— Eu tô com trinta e dois anos e a única coisa que eu tenho é um monte de sonhos desmoronados.

— Construa outros.

— Eu não sei fazer isso.

— Sabe, sim. Você é forte, amiga!

— Não sou, não, Heide! Sou é uma idiota! Eu sempre fui muito preocupada com todo o mundo e só me fodi.

— Isso não é defeito; é virtu...

— Ah, vai se foder você também com esse discurso maldito de virtude!

As duas se olharam, assustadas. Karen sentou, ainda envolta nas cobertas.

— Amiga! Não queria falar, não, mas você está o demônio!

Para Heide, rainha da elegância, repleta de religiosidade, reclamar de volta e chamando-a de demônio, era sinal de que a coisa estava MUITO séria! Dessa vez segurou as lágrimas. Escorregou para a beirada da cama tubular de solteiro, azul e desalinhada.

— Des-cul-pa, Heide! Mas tudo o que eu faço só dá errado.

— Acho que você demora tanto a se decidir, a falar, que acabam decidindo no seu lugar.

Karen olhou para a amiga, indignada.

— Eu simplesmente não acredito! – Soltou as cobertas. – Vai dar uma de psicóloga também?

— Para de esperar pelos outros... – olhou para cima – ou pelo barulho da moto do Alex e, vai cuidar das suas coisas. Você nem tem mais vida social!

— Isso não é verdade. Hoje eu saí e comprei pão... CHUPA, sociedade!

Heide sentou ao lado de Karen.

— Após um tempão só trocando o lado da cama, você teve uma boa ideia. Não deixe que ele saia vitorioso nisso também...

— Eu sei... mas é que jurei que nunca mais colocava os pés naquele lugar de bosta!

— Com o perdão da palavra, *bosta* é essa camiseta que você está usando! Sua mãe não tinha dito que todos os modelos da faculdade haviam virado pano de chão?

Karen olhou para baixo e alisou a camiseta que dizia “*Libido é o cacete!*”.

— Eu consegui salvar esta...

— Não vá me dizer que você está usando um pano de chão?!

— Não... eu lavei...

Heide olhou a amiga, desconfiada e, foi até o armário.

— Toma seu banho, que é hoje que você vai a esse Clube. – O som dos cabides batendo um no outro abafou os resmungos de Karen. – E pode deixar que EU escolho sua roupa...

— Quer saber? Você tá certa. Pra porra todo o mundo!

— Se você acha necessário, eu apoio: que se dane.

— Eu falei *pra porra*.

— Eu ouvi...

Ela foi até a loira e apertou sua boca, formando um bico.

— Vai, fala comigo: *pra-por-ra*.

— *Vai-se-da-nar*.

Karen caiu na gargalhada e correu para o banho. Heide só esperava que dessa vez a felicidade durasse um pouco mais.

Para ela também.

Rose e Thiago

Local: na lanchonete

Elemento: sexo masculino, 24 anos, gordura disfarçada pela altura

— Que tal hoje à noite, uma pizza e um sexo muito louco?

— Ahn... não, né?!

— Também acho. Vamos cancelar a pizza.

— É péssima! E eu não acreditei.

Estava participando de uma Feira Literária na Capital, onde havia ido divulgar meu livro. Conheci Thiago, bochechudo, cem quilos em um metro e oitenta e cinco de altura, com a cabeça raspada e um anel de aço no indicador direito. Falou que havia se divertido com a matéria no Caderno Cultural e comprado meu livro depois das fotos. Comentei o que essa matéria havia gerado de cantada em minha vida, por isso a aposta de que conhecia uma pior.

Andando juntos pelo local, gracinha foi, gracinha veio, ganhei um beijo ao virar em sua direção, um pouco antes dele ir embora acompanhado dos pais e da irmã e me deixar rindo por saber que só poderia encontrá-lo dali a quinze dias, pois no próximo final de semana ele ia ser o noivo numa quadrilha de igreja.

Na primeira semana fomos ao teatro. Numa determinada parte da peça surgiu uma fala sobre o relacionamento com homens mais novos: *“Ele vai te comer pra caramba, mas você vai ter que aprender a andar de skate”*.

— Eu vou? – Cochichei em seu ouvido.

— Não... – Ele riu e estalou todos os dedos de uma vez.

De lá fomos a uma empadaria – coisa que não existia em A.... Comi apenas uma empada de berinjela e tive de pagar por ela. Como assim? Eu já pagara o teatro; custava ele se oferecer para pagar a empada?

Por volta da segunda semana eu me encontrava em plena crise por toda essa dificuldade de escrever o que deveria ser o meu novo livro. Assim, quando ele me ligou perguntando se eu ia à

Capital, já estava planejando combater o frio com uma calça jeans skinny, botas de cano longo, cacharrel e bolero por cima. Dei de cara com dois carros cheio de adô, loucos para me conhecerem – minha fama de musa das adolescentes me precedia – e, a namorada do melhor amigo, vestida igual a mim.

Nem o fato de estar num shopping de verdade e não naquela galeria que existia em A... conseguiu me animar; e ver o namorado da minha-quase-irmã-gêmea – que elogiou minha aparência e publicou um monte de fotos comigo – entrando nas lojas, experimentando as roupas, fazendo reserva das peças para não voltar para comprar só me ajudou a pensar que um dia eu ia ter de assumir a minha idade; de verdade.

Para completar a noite, teve o amigo preocupado com a dose vital de maconha; afinal, eu era uma desconhecida. Thiago o assegurou com um “*pega nada*”, que eu não ligava; não que alguém tenha me perguntado. E com o mesmo amigo não despregando os olhos obscenos de mim, Thiago se despediu, dizendo que me ligaria.

Não ligou.

Na terceira semana eu o levei a uma boate, indicada por Queni. Thiago não conseguiu parar de rir ao conhecer meu agente, montado, que não perdeu a oportunidade e gritou o nome do rapaz quando Lassie Silver, a drag queen que comandava o show, perguntou se existia alguém que estava lá pela primeira vez e, o obrigou a subir no palco.

Tarde da noite, com as performances a todo vapor – algumas com vapor, mesmo – e, Thiago sem coragem de descolar a bunda da parede, pedi que ele se sentasse à minha frente. Puxei sua camiseta de dentro da calça e comecei a acariciar suas costas e a beijar sua nuca, sua orelha. Senti cada arrepio dele; só!

— Calma, porque o rapaz é tímido.

Queni e eu aguardávamos em fila, dentro do banheiro unissex. Um homem ruivo, sem camisa, de calça branca apertada, tão brilhante quanto sua pele, exibia o tórax definido enquanto fingia fazer xixi.

— Acho que ele quer te namorar. Isso também pode ser bom.

— Eu não namoro homens mais novos!

— Ele não acha que seja tanta diferença de idade.

— Como assim, *não acha?* – Andamos alguns centímetros. O homem ruivo, ainda ocupando o urinol, se ajeitou para exibir melhor o pênis.

— Ele sabe quantos anos você tem.

— COMO ASSIM, ELE SABE, se eu escondo isso de todas as fontes, de todas as formas possíveis e imagináveis?! Você contou?

— Não; mas ele sabe.

A porta do último banheiro se abriu e eu entrei.

— Ficou mais calma agora que ele sabe?

— NÃO! – Bati a porta. – Fiquei mais PREOCUPADA!

Começa o Clube de Leitura

“Era, para mim, questão de vida ou de morte.”

Pensamento...

de Rose para Heide:

“Que mulher é essa? E ela tem o quê? Dois metros de altura?! Ainda bem que eu tô de salto... Que corpão! Se fosse ela, usaria mais decote... Ela é chique demais pra isso! Como uma pessoa pode ser tão linda desse jeito? Tudo no lugar: peito, bunda, barriga e cabelo. Que cabelo é aquele? Como assim? E essa bolsa Gucci?!...”

de Heide para Rose:

“Cheiro de comida!”

de Rose para Nathália:

“Não existe mais ninguém do meu tamanho nesse planeta?”

de Nathália para Rose:

“Eu tô no grupo! Eu tô no grupo! Eu tô...”

de Karen para Nathália:

(foi só uma boca aberta, sem fala, diante da morena de cabelos longos e corpo literalmente esculpido).

de Nathália para Karen:

“Eu tô no grupo! Eu tô no grupo! Eu tô...”

de Heide para Nathália:

“Bolo de cenoura com chocolate??!!”

de Nathália para Heide:

“Eu tô no grupo! Eu tô no grupo! Eu tô...”

de Heide para Queni:

“Brigadeiro?Eu vi brigadeiro?!”

de Queni para Heide:

“Como uma deusaaaaaaa...”

de Nathália para Queni:

“Eu tô no grupo! Eu tô... xiiii...”

de Queni para Nathália:

“Pancake: \$

Escova progressiva: \$\$

Botox: \$\$\$

Facetas de porcelana: \$\$\$\$

Implantes de silicone: \$\$\$\$\$

Que tudo isso caia de uma vez: não tem preço!”

— Peraí, peraí, peraí! Deixa a Nat... — Queni virou-se para ela: — Vou te chamar de Nat, tá? Deixa a Nat começar.

— Brigada, gente... — Nathália, a Miss A..., agradeceu. — Não precisa fazer isso só porque o meu post começou o clube.

— Aham! Senta lá, Cláudia... é porque você é Miss.

Heide coçou o nariz.

— O que isso tem a ver?

— Como o que isso tem a ver? Todo o mundo sabe que esse é o livro favorito de dez entre dez misses. Você deve ser *expertise* no assunto.

Nathália se levantou.

— Escuita aqui. — Quando ela ficava nervosa, todos os seus anos de acompanhamento fonográfico desapareciam. — Já tô cansada dessa história boba do Pequeno Príncipe sê livro de Miss. Ocê num tinha nada mai novo pra falá, não?

— E onde começou essa história, você sabe? — Rose achou que isso acalmaria os ânimos.

— Acho qui foi ca mãe dele!

O silêncio assustador rompeu-se com a gargalhada de Queni. Karen apertou os dentes.

— Ocê qué sabê duma coisa? Esse Príncipe sempre me pareceu um... um ubersexual bestinha. — A sala ficou cheia de olhares estranhos. — Também nunca gostei desse negócio de Miss.

— E por que virou uma?

— Porque não somos todas tontas. É só um jeito de ganhar a vida... além de servir de trampolim.

— Trampolim pra quê? Vai pular de cabeça, se matar? Me avisa... — Diante da indignação da Miss, Queni tentou de novo: — É trampolim pra ser modelo/atriz/apresentadora?

— Ocê vai me perguntá si sou fã da Paris Hilton, da Kendra ou das Kardashians?

— Ah vá! Como se você fosse a fina pra gostar das Kardashians!

Desesperada, Rose abraçou Nathália pelos ombros, empurrando-a até uma poltrona. Voltou a perguntar do livro.

— Eu li depois que resolvi que queria ser Miss.

— E o que você achou?

— É bom! Mas acho que é um livro superestimado.

— *Superestimado*. — Queni cochichou com a escritora. — Tô boua, não! Agora só falta ela dizer que o sonho dela é a paz mundial!

— Por que é que alguém começa um livro infantil, falando sobre a “*Floresta Virgem*”? Pensa bem na sequência: floresta virgem, história vivida e jiboia engolindo a fera. Só posso deduzir... — Elas permaneceram olhando para Queni. — Que o cara é gay, né, gente! Vocês não sabem nada, mesmo! Depois reclamam que sofrem pelos homens.

Heide abaixou os olhos e coçou o nariz.

— Na orelha do livro ele diz que não é um livro para crianças.

— Realmente, nós podemos pensar numa questão edípica.

Rose dobrou os joelhos sobre o sofá grande e confortável da sua sala; estava interessada no que Karen dizia.

— E aquele negócio de que a jiboia engole sem mastigar? Ele tá falando de uma bela

chupada! E isso, só homem faz. Vocês, mulheres, têm mania de meter os dentes.

— Como assim, Queni? Hoje você tá afiado! Vai deixar a coitada da Heide roxa!

— N-não. Imagine... — Foi o máximo que ela conseguiu dizer diante do olhar de piedade que encontrou.

Karen mexeu as costas; perguntou, mais uma vez, se podiam continuar.

— “*Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia digerindo um elefante*”. Lá vem a jiboia engolindo a tromba do elefante!

— Digerindo, Queni; digerindo. É diferente.

— É, Rose... já tinha engolido...

Queni segurou o riso e Heide arriscou:

— Ouvi dizer que o Piloto representa a história de não ser tarde para correr atrás do sonho, porém tudo indica que ele se frustrou e, ao invés de lutar pelo que queria, resolveu fazer a vontade dos outros.

— Ou ele arranjou um sonho, algo pra desejar o resto da vida. — Rose perguntou a Karen, se ele estava esperando o Pequeno Príncipe voltar. — Isso e que alguém o elogie. É a recompensa, o olhar da mãe. Ele se tornou adulto, só que age feito criança.

— Homem não consegue chegar nem perto da adolescência. Já ouviu aquela piada de que a diferença entre o homem e uma criança é que os brinquedos ficam mais caros?

— Affe!... — Queni colocou a mão no peito. — Isso é tão uó, meu amor!

— Todos nós desejamos esse olhar, alguém que nos aprove. É em casa, no trabalho, no namoro.

— Ele leva o desenho dele para testar as pessoas, Karen...

— A gente também não testa as pessoas pra saber se elas são “dignas”, Heide? Principalmente quem a gente começa a gostar. O problema é que se o outro não der o que a gente quer, o outro que é deficiente; não a gente que tá esperando demais. O problema é sempre do outro, nunca nosso.

— Esse Piloto é uma bicha muito pão com ovo! Depois chora que tá sozinho. É bem o que você falou: ele não para de reclamar, de procurar alguma coisa até o final do livro. Ninguém merece, mona!

Rose recebeu de Heide, a tigela de cookies de chocolate já pela metade. “*Como assim? Não faz nem dois minutos que ela começou a comer*”. Levantou-se para enchê-la.

— Só que também tem o oposto. As mulheres gostam de achar que o problema é delas e os homens se aproveitam disso.

— É por causa da mania de dar mais valor pro que o outro pensa a respeito de nós. —

Karen apertou os dentes ao ganhar uma xícara de chá de camomila. Perguntou à Rose se por um acaso ela também era amiga de uma tal de Alice; a escritora não entendeu.

— Você conhece a Alice? Aquela que é viciada em chá? – perguntou Queni.

— A Alice, não; conheço a amiga dela, a Querolaine, que vai pro mesmo caminho.

— Você conhece a Querolaine? – Queni e Rose perguntaram juntos.

— Ahn... eu conheço a Querolaine que é secretária do consultório onde eu atendia.

— Você é A Karen? TÔ BEGE!... A Querolaine é minha irmã! – disparou Queni.

— Eu simplesmente não acredito! – “*Eu devia ter desconfiado pelos nomes...*”.

A busca pelas coincidências da novidade só foi interrompida quando Rose lembrou que estavam ali para discutir *O Pequeno Príncipe*, não os chás de Alice ou de Querolaine.

— O Piloto se acha e acha que todo o mundo tem a obrigação de compreendê-lo. Ele disfarça com um discurso de humildade, mas o subtexto é de que ele é melhor do que os outros.

— Subtexto?

— Liga, não, Heide! Coisa de escritor... – Queni continuou: – Ele tava no deserto, não tava? Então eu acho que ele tava colocado e alucinou tudo.

— Não dá pra pensar a pane no avião, o deserto, como um imprevisto? Você tá lá, levando a vidinha que você conhece e que pode até ser uma vidinha mais ou menos, mas é uma vida conhecida e, acontece algo que te obriga a repensar suas escolhas.

— Ao falar que não ousa desobedecer a um mistério muito impressionante, fiquei pensando no que isso queria dizer. Numa situação normal, nós iríamos ficar nos perguntando de que forma aquela criança foi parar lá. Ele, não. Aceitou e foi desenhar... O que é que faz com que nós ignoremos a lógica e o bom senso das situações e nos metamos nas maiores roubadas, façamos aquilo que sempre tivemos certo que nunca faríamos?

— Nicissidadi.

— Acho que Queni tem razão. – Karen balançou a cabeça. – Existe alguma necessidade em nós que merece ou quer ser satisfeita e, quando a possibilidade aparece, a gente opta por ignorar o alarme e simplesmente insiste!

— Tô dizendo que este piloto é um recalcado? Já contaram quantas vezes no livro ele reclama? Dez vezes até o capítulo cinco. E quantas vezes ele fala da jiboia? Doze vezes! Outras dezesseis, em “*serpente*” e vinte e nove em “*pequeno (a)*”, sem contar o nome dele e os diminutivos. Pode apostar que ele não gosta de mulher e tem pinto pequeno.

— Que fixação, essa a sua! – Era a primeira vez que ouviam a voz de Nat após a discussão.

Queni virou a cabeça devagar na direção dela.

— H-E-L-L-O! Óbvio que eu tenho fixação, dona Miss.

— Só por que você é gay?

— Não! – Ele colocou a mão no peito. – Porque dentro de mim existe uma mulher de babylook cor-de-rosa.

Heide reencontra Fernando

Ele quis saber se era uma das duas idosas sentadas no primeiro banco, de frente para a sacristia, quem tinha chamado.

— Fui eu! – Manhã de sábado e ela já estava batendo na porta da igreja.

Os dois entraram no confessionário. Sem saber por onde começar, acabou se atropelando, falando várias coisas de uma vez até perceber que o homem à sua frente a olhava, confuso.

— Eu saí com um homem casado! – Encarou-o, esperando pela bronca, com dignidade.

— E?

— *E?* – Desconcertada pela resposta inesperada, deu uma risada nervosa; pediu desculpas diante do olhar novamente confuso. Andava muito descompensada. – E isso, padre. Eu saí com um homem casado.

— Você continua saindo com ele?

— Não. Resolvi terminar. Nem comuniquei; apenas me afastei.

— Às vezes esse é o melhor jeito.

— Qual é a minha penitência?

— *P-e-n-i-t-ê-n-c-i-a?*

— É. – Pela janela da saleta, que dava para a rua, admirou todos aqueles prédios clássicos até encontrar o seu. – Não sei o que acontece que eu só atraio homens comprometidos. Deve ter um luminoso na minha testa: “*Sexo sem compromisso. Pegue o seu aqui*”.

— Por que, não?

— *Por que, não?!...* Padre, agora é você que está me confundindo!

— Você é uma mulher bonita, inteligente, tem um coração bom; é cheia de predicados, por que os homens não se sentiriam atraídos por você, Heide?

— Se eu fosse inteligente, não estaria aqui. – Virou-se de volta, cabisbaixa.

— É justamente o contrário, minha filha. É porque você é inteligente que está aqui. Só que isso não impede ninguém de cometer erros, de fazer escolhas estranhas.

Ela permaneceu calada, ainda em dúvida, apesar da voz calma e acolhedora.

— Depois que eu fui ordenado, o que não faltou foi mulher dando em cima de mim. Até agarrado eu fui, veja só... Acho que eram meus olhos azuis! — Ele ergueu a cabeça e suspirou. — Bons tempos...

— *Bons tempos*, Padre?

— Por que não? Elogio é sempre bom!

— Uhum... Bonito, inteligente, coração bom, cheio de predicados, por que as mulheres não se sentiram atraídas por você?

Os dois riram. Ele se inclinou na direção dela.

— Ninguém aqui está te acusando, Heide; ainda mais Jesus. O que você precisa é pensar no que te levou a aceitar esse homem, mesmo sabendo que ele era casado; porque só assim você vai conseguir rezar, pedindo força para fazer aquilo em que realmente acredita.

Saindo de lá apenas com a oração que fez junto do homem baixinho, de cabelos brancos e belos olhos azuis, percebeu: o único dedo que se levantava em sua direção era o seu próprio.

Quem apontava na direção oposta era Fernando, carregando uma caixa rumo à sacristia. Foi atrás dele.

— Precisa de ajuda?

Com o susto, ele derrubou a caixa antes de colocá-la na mesa.

— Oi! — Ele se abaixou para pegar as doações de mantimentos espalhadas pelo chão.

— Desculpe; eu não queria assustá-lo. — Abaixou-se para ajudar.

— Tudo bem. Eu que ando meio distraído... Tomara que não tenha rasgado nada...

— Não rasgou nada, não... — Ela parou de catar os pacotes no exato momento em que viu a mão direita dele. — Você está SEM ALIANÇA?!

Fernando olhou para sua mão e para Heide.

— Eu não tô mais noivo...

— NÃO?!

— Não.

— O que foi? Aposto que se interessou por outra mulher.

— Até me interessei. — Ele tornou a olhar para ela. — Mas não foi por isso que a gente terminou.

— Mas foi por isso você não participou da Quadrilha!... — A ausência dele na festa, então, fez sentido para Heide.

— Eu avisei o pessoal de eventos.

— Uma pena, porque você ensaiou, se dedicou tanto...

— Quem sabe numa próxima.

— Mas por que vocês terminaram?

— É que... Bom...

— Nossa, Fernando! Me desculpe, mais uma vez. Parece até que eu estou bancando a curiosa. Você não tem que me dizer coisa alguma... — Ela mexeu dentro da caixa.

— Não... Sem problemas. Não é nenhum segredo. É que... foi ela que se interessou... por outra...

— OUTRA?

— Pois é...

Descompensada que andava, nem fez questão de tentar segurar o riso. Levantou-se. Ele olhou para baixo, fechou a caixa e a ergueu do chão. Heide esperou-o terminar antes de continuar.

— Vamos tomar um café?

Fernando arqueou as sobrancelhas.

— Você tá me convidando pra um café?!

Ela coçou o nariz.

— Uhum. Acho que estamos precisando. Você bem mais do que eu.

Seguiram pelo corredor da paróquia.

— Mas você? Me convidando pra um café?

— Se não quiser ir, não precisa, Fernando.

Ele parou de repente e se virou para ela, a expressão aturdida:

— Não...

— Não?

— Não... Quer dizer, eu quero... Só não consigo parar de pensar que, depois de recusar todos os meus convites de forma tão categórica, você é que tá me convidando pra um café...

Karen amplia as atividades sociais

Duas voltas no quarteirão e nada de encontrar uma vaga. Considerava pagar estacionamento como uma verdadeira afronta pessoal e, uma vez que se insistia no rodízio de carros, os talões de Zona Azul deveriam ser doados; quem pagava um monte de imposto merecia o direito de usar a rua do jeito que quisesse. E quem estava próximo de ficar negativado tinha todo o direito a esse tipo de argumento.

Na quinta volta encontrou um espaço bem debaixo da placa de restrição de horário. Encostou o carro e ajeitou a folha azul usada torcendo para que ninguém percebesse.

Ampliando a atividade social para além da casa de Heide e da padaria, adentrou a porta giratória do banco... que travou. O segurança olhou-a, sério e, fez um gesto com a cabeça, indicando a Karen que deveria recuar. Ela deu alguns passos para trás. A porta fez um barulho e o segurança voltou a mexer a cabeça, indicando que ela deveria entrar de novo; mal o fez, a porta tornou a travar. O homem, vestindo um uniforme azul-escuro, já estava batendo no vidro ao lado, perguntando se ela portava algum objeto de metal, chave, moeda ou celular.

— Moço, não dá pra ver que eu só tô carregando esta carteira? E não tem nenhuma moeda dentro.

— Deixa a carteira no compartimento e retorna.

Obedeceu, sem graça com a fila que se formava atrás dela querendo entrar e, a de dentro do banco querendo sair. A porta travou. Irritada, ela enfiou a mão no compartimento tentando recuperar a carteira; não conseguiu.

— Agora só dá pra tirar por dentro.

— Então me deixa entrar, porra.

— Não posso. E não adianta falar palavrão. Se a porta travou é porque a senhora tem algum objeto de metal.

— OBJETO DE METAL? QUE OBJETO DE METAL?

— Calma, dona. Se a senhora está tão alterada é porque está escondendo alguma coisa.

— ESCONDENDO? – Olhou para as pessoas em volta das paredes transparentes do banco, divididas entre as que achavam um absurdo um sistema de segurança que constrangia o cliente e as que estavam prontas para se esconder no caso de Karen sacar uma arma. – Vou te mostrar quem tá escondendo alguma coisa...

O homem recuou. Ela tirou o tênis surrado, tirou a calça e sacudiu-a no ar. Arrancou a camiseta e perguntou se devia fazer como na prisão, abrir as pernas e agachar três vezes seguidas.

— Como é que a senhora sabe como se faz na cadeia?

— AH, TÁ. VAI DIZER QUE EU TENHO CARA DE TRAFICANTE?

— Traficante? – O segurança pegou o rádio preso à cintura.

— Não, moço. Espera...

— QAP Central?... Solicito um apoio no QTX saguão de entrada...

Pulou num pé só, enquanto ainda calçava o tênis, ao ver a “marronzinha” – responsável por todas as multas que vinha recebendo – se aproximando. Com o farol aberto e os carros passando sem parar, começou a abanar os braços e a gritar, na esperança de ser vista. Foram os motoristas que diminuíram a velocidade para assistir à cena. Xingou o primeiro da fila e atravessou correndo atrás da mulher, que se afastava.

— Adoraria ajudar, mas já escrevi no bloco; não dá pra apagar a multa.

Pegou a folha amarela da mão da outra que se esforçava para não rir, enquanto ela mesma se esforçava para não soltar um palavrão.

Entrou no carro, parou para abastecer e pediu para encher o tanque. Na hora de pagar deu-se conta de que o cartão havia ficado no banco. Sem saber onde enfiar a cara – que se fosse de traficante não passaria por isso –, estacionou em frente à loja de conveniência do posto e começou a subir a rua.

Ouviu o som que conhecia havia tempos e não confundia com nenhum outro; o que sempre a deixava ansiosa e a fazia sorrir, mesmo na época em que isso não deveria acontecer; mesmo naquele instante, quando isso também não deveria acontecer. Ficou no meio da calçada na esperança de que Alex a notasse ao passar com a moto. Foi ela que não notou um office-boy correndo para pegar o ônibus. A próxima coisa que sentiu foi um empurrão que a jogou para dentro de uma loja. O sorriso, que nem chegou a se abrir, foi transformado em um palavrão cheio de convicção.

Levantou sem a ajuda de ninguém; saiu de lá com os olhos prendendo as lágrimas. Ainda faltavam oito quarteirões até chegar em casa, pegar dinheiro, voltar ao posto, resgatar o carro, retornar à sua casa, cancelar o cartão, se enfiar no pijama, ficar em dia com todas as novelas e

sessões de filme da madrugada, dormir, acordar e comer cereais ou o que quer que encontrasse, às duas horas da tarde.

A consulta médica

— Boa tarde, Rose! Eu sou o Dr. Lorenzin. — Ele me estendeu a mão. — O que a traz aqui?

— As pernas.

— Como?

— As pernas... Vim para o senhor olhar as minhas pernas, quer dizer... pra ver se está tudo bem...

— Entendi. — Ele deu as costas. — Pode se sentar.

Puxei a cadeira de couro pensando que não estava preparada para aquele encontro quando marquei a consulta com o vascular, coisa que eu nem queria fazer. Só que aquele homem lindo, de cabelos grisalhos volumosos e brilhantes, olhos azuis e sorriso largo compensaram o pavor de tudo o que pudesse denunciar minha condição pós-adolescente.

— Você é escritora?

— Sou.

— O que você escreveu?

— *Soberba*.

— *SOBERBA*?!

Perguntei empolgada se ele havia lido.

— Não! Mas aposto que você passa muito tempo sentada...

Ele levantou e deu a volta, pedindo que eu ficasse de pé. Chegou perto, abaixou na minha frente e desceu as mãos pelas minhas pernas, procurando sinais de varizes. Eu apenas segurava a respiração e agradecia pela piscina, pela academia, pela *Lú Gerie* e pela depilação em dia.

— Musculação também é algo que requer cuidado. Você está bem. Pra quem tem varizes, musculação não é recomendada.

— Eu tô bem?

— Está, sim. — Ele voltou a sentar atrás da mesa. — Existem apenas alguns vasinhos que nós podemos secar. Vou pedir que você marque um retorno com a secretária. Como o procedimento

demora um pouco, não vamos fazer isso hoje. – Ele anotou alguma coisa no prontuário. – Pode ficar sossegada que é tudo muito tranquilo.

Na semana seguinte eu voltei ao consultório com uma blusa frente única, minissaia e o tamanco branco de madeira cheio de penduricalhos – tudo pensado apenas para facilitar o trabalho do médico.

— Olá!

— OI!

Não segurei o sorriso maior do que havia planejado. Ele percebeu.

— Você vai conseguir se lembrar do que é pra fazer nas minhas pernas?

— É por isso que você vem junto.

Sentada na maca, enquanto aquele homem lindo voltava a alisar as minhas pernas esticadas antes de furá-las com uma agulha e injetar glicose nas veias que não davam em lugar algum, eu pensava como a gente convidava um médico para sair sem que isso acabasse em assédio.

— Tenho uma festa hoje... Queria ir de saia.

— Dá pra ir. Esses curativos são um charme! – Ele sorriu para mim e voltou a escrever. – De noite você pode tirar; é por precaução. Se ficar roxo ou doer é só passar a pomada que eu vou prescrever.

— E se eu precisar de algo?

Ele me entregou a receita. Depois levantou o celular e disse:

— É só me ligar.

Conhecendo Jane

“Quando a gente está triste demais,
gosta do pôr do sol.”

Nat bateu palmas por que haviam chegado ao “príncipezinho”. Enquanto Queni “fazia a egípcia” – logo após a discussão sobre o que era mais gay: o original *Le Petit Prince* ou a versão espanhola *El Principito* –, Heide terminava de “montar” seu prato.

— Karen, como essa comida cabe todinha nela?

— Eu me espanto até hoje!

— Será que é proporcional ao tamanho? Ela não engorda!

— Ela treina, Rose.

— Eu sei! Mas tenho certeza de que se fosse eu no lugar dela, com treino e tudo, tava rolando.

— Não é estranho? Depois dos trinta a gente demora pra desinchar!

— Como assim? – Deu as costas para a outra e se dirigiu para o sofá. – Não tenho a menor ideia do que você tá falando...

Queni pediu a atenção do grupo para informar que mais uma pessoa iria participar dos encontros.

— De onde é essa Jane?

— Ela é sua leitora.

— Eeeeeee... – Rose ameaçou bater palmas e Nat continuou: – Leitores! A que horas ela chega?

De modo solene, ele respondeu:

— Ela já está entre nós... – Enquanto todas se olharam, ele voltou com um ipad. – Digam “oi” para a Jane.

— OI GENTE você é a Rose D.? – Ela nem esperou a resposta: – Caraca muito bom te conhecer adorei seu livro minha prima me emprestou eu não aguentei e acabei comprando!

— Fico feliz que você tenha gost...

— ...VOCÊ NÃO ENTENDEU eu não gostei do seu livro eu adorei eu a-m-e-i o seu livro e fiquei enchendo o Queni pra falar com você enchi tanto que ele me colocou na reunião ele me falou desses encontros eu pirei EU TINHA QUE PARTICIPAR.

Pensamento...

de Jane para Rose:

“Cara a Rose D. sinistro!”

de Rose para Jane:

“Que bonitinha!”

de Jane para Karen:

“Mó nerd.”

de Karen para Jane:

“Gostei dela!”

de Jane para Heide:

(calou-se pela primeira vez na vida)

de Heide para Jane:

(estava ocupada, comendo)

de Jane para Nat:

(calou-se pela segunda vez na vida)

de Nat para Jane:

“Olha a barriga dessa criatura!”

de Jane para Queni:

“Abalou!”

de Queni para Jane:

“Ela tem mais dente do que cabe na boca! Vozinha ESTRIDENTE... e essa franjinha presa atrás da orelha, é tudo! (sarcasmo) Tomara que cresça logo; isso me irrita! Olha a barriga dessa criatura!”

— E hoje nós vamos falar sobre quem? – Jane não parava quieta.

— Sobre o Pequeno Príncipe – informou Nathália. – Eu acho que o Pequeno Príncipe simboliza a pureza, a esperança.

Queni enfiou um dedo na boca e colocou a língua para fora.

— É outro que fica repetindo que mora num lugar pequeno. Fala pra ele vir morar aqui em A... Fora que ele não para de fazer perguntas. Já viram que ele não sossega enquanto não respondem? MIMADINHO...

— A gente reclama que os homens não ligam pro que a gente sente; e quando eles perguntam, a gente se irrita?

Jane jogou a cabeça para trás.

— Eu o-d-e-i-o cara chiclete!

Heide achou graça.

— Eu acho que ele é muito... autorreferente. Ele compara tudo com seu próprio planeta, com seus valores pessoais.

— Ele leva a casa dele com ele e a gente também. Nunca chegamos vazios. Tive uma professora na faculdade que dizia que quando a gente vai pra cama com alguém, a gente vai no mínimo em seis pessoas.

Nat e Jane se assustaram.

— Seis?!

— Você, seu pai e sua mãe, ele, o pai dele e a mãe dele.

— Argh ei ei ei ei... – Jane começou a pular na tela do ipad.

— Que engraçado! – disse Queni. – Uma suruba inconsciente! Nem sabia que isso era possível!

— ...ei ei ei ei – A garota ainda pulava. – Você você você...

Queni apontou um por um até parar em Karen.

— É você você você você não é mulher que tirou a roupa no banco?

Fernando não passa no teste

“Meu Santo Antonio! Você que é ótimo em achar coisas perdidas, por favor, me faça achar um homem...”.

Com a entrada cheia de gente vestindo roupas típicas variadas e falando num tom muito além do recomendado por especialistas, pensou que seria difícil encontrar Fernando no centro de convenções. Eis que deu de cara com ele, que jurou que ela só aceitara o convite por educação. Não disse nada, mas apesar de ter gostado daquele café atrapalhado – o homem conseguira derrubar a xícara cheia na mesa – e dos outros encontros que tiveram, só havia aceitado os convites porque ele não estava nem namorando. Exibindo a camisa do *Anderlecht*, apresentou a mãe e a amiga, com o cuidado de fornecer uma informação de suma importância: a amiga era apenas amiga; jamais havia ficado com ela.

Enquanto observavam os outros pela coxia, após intermináveis apresentações de grupos folclóricos, Fernando – já vestido com um típico traje belga – ficou atrás de Heide, ensaiando se pegava sua cintura ou sua mão; acabou segurando a mão. Escutou quando ele e uma mulher se cumprimentaram. Achou que havia certa tensão no ar, entretanto não se virou.

No meio das fotos do grupo em cena, dos dois – tiradas pela mãe – e convites para se juntar aos ensaios, ela coçava o nariz diante da ideia de que todo o mundo pensava que eles estavam juntos. A amiga e o restante da família que havia aparecido depois, ao se apressarem em deixá-los sozinhos ao pé da escadaria que dava para os bastidores do evento, também não ajudaram a amenizar o mal-estar.

— O que você quer de mim? – ela perguntou, de frente para ele, que continuava segurando sua mão.

— Eu quero te conhecer, ficar com você... eu quero namorar você. Se quiser, a gente começa agora!

Esperou uma leva de dançarinos passar antes de tentar argumentar que a pressa dele, tanto

no jeito de falar quanto na sugestão, parecia mais com a incapacidade de ficar sozinho e uma necessidade de mostrar que estava bem – não era todo dia que alguém descobria que a mulher que escolhera para passar o resto da vida tinha outra opção em mente.

Fernando escutou e garantiu que não era o caso, que ela não levava em conta a própria vontade dele. Sentira algo diferente por ela, desde a primeira vez que a vira, mas não tentara nada porque estava namorando. Também jamais faria uma coisa dessas, pois além dela ser boa demais – não no sentido bíblico; ou não somente – para ser usada como tapa-buraco, ele não era o idiota que ela julgava.

— E aqueles cafés?

— Aqueles que você me fuzilava só por tentar? Eu quis ser gentil. – Ele recebeu um olhar desconfiado. – Eu iria aproveitar pra te conhecer mais um pouco, afinal você já havia chamado minha atenção, só que eu nunca pensei em te enganar.

Achou que ele tinha potencial; ainda era bem atrapalhado, mas tinha potencial. Para não perder o costume, porém e, mais precavida do que sempre fora – deveria ter aprendido algo por se envolver com um homem casado –, resolveu fazer um último teste: voltou a perguntar sobre a ex.

— Pra ser sincero, ela tá aqui. Ela faz parte do grupo de dança.

— Foi ela que você cumprimentou enquanto a gente estava na coxia, não foi? – A loira dava mostras de sua indignação.

— Nós terminamos, ela não quis sair do grupo; de que jeito eu iria expulsá-la?

— Você acha que é esse o problema?!

— O que eu fiz pra você ficar tão brava?

Ela não respondeu; nem quis saber quando achou que ele estava apenas tentando se justificar. Tudo o que ele pensou em falar, Heide se impediu de ouvir. Achou que Grego havia feito certo estrago em sua vida, porque antes dele conseguiria identificar com mais facilidade esses discursos cheios de desculpas esfarrapadas.

— ...eu não pensei em te usar pra tapar buraco nenhum! – Fernando se irritou.

— Não! Eu não deixei!

A respiração tensa dele se sobrepunha ao som abafado da música.

— Eu vou embora.

— Embora pra onde?!

— Para algum lugar onde você não esteja. – Deu-lhe as costas.

— Mas... Quer saber, Heide? Quem vai embora sou eu!

A mulher breiou o passo e se virou de volta para ele.

— O quê?

— É isso aí! Nem adianta me olhar com esse seu ar de censura.

— Não estou olhando de nenhum jeito.

— Tá, sim. Você sempre olha as pessoas dessa forma quando elas não correspondem ao seu ideal. Você quer estar certa o tempo todo, dar a última palavra, porque só assim você se sente feliz... E tudo bem, eu não ligo pra isso; não ligo nem um pouco. O que me dá raiva é você continuar me tratando como se eu fosse... algo descartável, me dispensando quando resolve que eu não preencho os requisitos.

— Eu não faço nada disso.

— Faz; faz, sim. E eu acho uma pena que você não consiga enxergar qualquer coisa além disso, que você me resuma a uma única questão, porque eu gosto de você... Eu gosto MESMO de você...

Fernando caminhou em sua direção. Sem conseguir se mexer, ela recebeu um beijo na testa; apenas para ser deixada sozinha logo em seguida.

E as atividades sociais continuam

Olhou para a amiga, que permanecia calada depois de ter sido tirada de casa praticamente à força.

— Eu sei que você quer morrer com a cara enterrada no travesseiro, mas você precisa fazer alguma coisa diferente.

— Tipo o quê? – Pararam no farol. – Outro viral pra internet? Aposto que até o ex já viu essa porra! Eu passando o maior perrengue no banco e alguém ainda filma? Povo mais sem solidariedade...

— Não... – A loira segurou o riso. – Continue em frente, mesmo sem saber para onde. Algo vai acontecer, alguma coisa vai aparecer.

Notou que Karen olhava fixo para o outro lado do cruzamento. A moto passou por elas. Com o carro em ponto morto, acompanharam a aparição de Alex e do cabelo esvoaçante da Samambaia por debaixo do capacete.

Apesar de não ficar muito tempo parada, percebeu nisso o esforço da amiga – ainda mais após a visão traseira da Planta, cujos cachos apertados caindo em pencas separadas faziam jus ao apelido que ela nem sabia que tinha. Como todo o mundo ali frequentava alguma escola, eles só gostavam de dançar com quem também fizesse aulas. Era raro o ato de caridade de se tirar alguém fora desse círculo e praticamente impossível que isso acontecesse mais de uma vez com a mesma pessoa.

Ao voltar do bar, parou no degrau que levava à pista. No palco estava começando o show de José Luiz, um cantor peruano que havia visto no último aniversário de Heide. Achara-o lindo e sexy, mas segurou qualquer empolgação porque estava com o ex. Um ano depois, ele continuava tudo aquilo... e ela, sozinha.

— Muito bom o seu show.

— Obrigado! Que legal que você gostou!

Aquele sotaque a deixava animada!

- Eu te vi no ano passado. Você tá melhor.
- Obrigado!
- Vo...
- ...me desculpe, eu tenho que ir embora.

Sentada na cadeira mais escondida do bar – que já ficava num canto bem afastado para não atrapalhar a dança –, viu quando o cantor passou. Entendia que fosse seu ambiente de trabalho, mas não precisava mentir. *“Uma vez na vida esses homens podiam admitir algo ao invés de fugirem pelo caminho fácil”*.

José Luiz passou por ela e sorriu. Então voltou e sentou na cadeira à sua frente.

— Você não ia embora?

— Ia. Meu primo sumiu!

— Seu primo?

— É. Ele me encheu pra colocar o nome dele na lista e sumiu. Encontrou a ex-namorada e me mandou um torpedão dizendo que eles iam conversar. Resolvi comer enquanto espero.

— Ah... tá... acho que sua carona já era.

— Também to... – O celular dele indicou uma nova mensagem. – É, já era...

Com o apoio da amiga – que foi embora com o pessoal da academia – e apesar de morrer de vergonha de seu carro velho, resolveu dar uma carona ao músico. Sabia que a vergonha estava ligada ao carro novo do ex – aquele pelo qual havia sido trocada –, à sua boa situação financeira, enquanto ela não tinha a mais vaga ideia de por onde retomar a vida. Se eles se reencontrassem – não que quisesse, porém com essa história de estar toda hora em A... –, tinha de estar por cima. Não custava estar preparada. Na verdade custava, sim, mas se continuasse pensando nisso era bem capaz de perder o peruano de peito definido, cabelo comprido e todo vestido de preto ao seu lado.

Ele a conduziu pelas escadas que davam ao seu apartamento. O local era totalmente limpo e organizado e com um cachorro chorando ao fundo. O bicho permaneceu o tempo inteiro na área sem Karen nem imaginar seu focinho. O excesso de limpeza a colocou em alerta; o descaso com o cão o fez perder muitos pontos.

Assistiram ao show daquela noite – que ele sempre gravava para descobrir o que precisava melhorar –, falaram das fotos da família no mural à direita da cama – e que havia permanecido no Peru, cuidando de seu filho –, de sua caminhada e de como estava focado na carreira de cantor. Contou até sobre seus planos com Roy, um ex-Menudo. Sentiu que ele esperava dela uma reação que justificasse o termo exclamação, mas Menudo? Não conseguiu. Se ainda fosse

Backstreet Boys: “*Everybody... rock your body...*”.

Levantou da ponta da cama quando Jose Luiz apagou a luz. Ele a pegou por trás e mordeu seu pescoço. Ela se encolheu toda.

— É arrepio? – Ele perguntou, orgulhoso.

— Não, seu viado! É dor, mesmo!

Ele achou engraçado. Jogou-a na cama; deitou-se sobre ela. As mãos dele levantaram sua saia e começaram a acariciar suas coxas; ela pediu que saísse de cima. Além de se perguntar o que estava fazendo sozinha no apartamento de um homem que nem conhecia, não conseguia parar de pensar em Alex. E transar com uma pessoa pensando em outra, não era algo em que tivesse prática.

— Ok. Você fica me devendo uma noite.

Ela concordou e abriu a porta do apartamento. Após um silêncio, o peruano arriscou mais uma vez.

— Você vai à Casa na semana que vem?

— NÃO!

— Nossa...

Rose aparece na revista

Queni havia arranjado para eu sair na revista de fofocas mais glamorosa que existia no país: a *Faces*. Todo o mundo que era alguém saía em suas páginas, como os atores que faziam as novelas do horário nobre nas emissoras.

Glória, minha cabeleireira, veio até em casa me arrumar para a sessão de fotos. Começamos duas horas antes por precaução e não porque eu precisasse de muitos retoques. Embora jamais tenhamos discutido minha idade, ela deixou bem claro que eu já estava na fase onde menos era mais: menos maquiagem, menos estampas, menos escândalos, menos idade = mais feliz.

Três horas depois chegou um repórter de meia-idade, vestindo uma calça jeans, uma camisa duas vezes o seu tamanho para caber a barriga e um fotógrafo com um terço da minha idade, todo arrumadinho. Não fui a única a me empolgar com o rapaz, mas se acontecia de nos interessarmos pela mesma pessoa, eu nem tentava: para Queni, se algum homem olhasse em nossa direção, era sempre para ele.

Foto na sala, foto na varanda, foto no jardim, pausa para um lanche bem servido, foto no escritório, foto no quarto e, só não tirei uma foto na piscina porque recusei a insistência do repórter em me ver de biquíni. Em duas horas estava tudo terminado. Na verdade, o repórter gastou cinco minutos me entrevistando para a revista e trinta minutos para ele mesmo, enquanto alisava meu braço. Também recusei o convite para jantar.

Em quinze dias, corremos até a banca da esquina, porque nem sequer nos enviaram um exemplar. Sem esperar ajuda, reviramos tudo até acharmos a revista. Depois reviramos a revista e só achamos o galã da novela das oito, Sérgio Molina, num castelo, feliz da vida com a esposa e os filhos.

— Não pode ser. Eles me garantiram que ia sair esta semana. Peraí. — Ele ligou para a redação. — ...disseram que tá na página 73.

Passamos as folhas de qualquer jeito e o jornaleiro não gostou. Como era aquele que tinha

me visto pelada no banho quando eu era criança, não reclamou muito. Por cima dos nossos ombros, ele também contemplava a imagem, estupefato.

— Preciso de lupa pra ver isso!

No cantinho inferior da página, no meio das celebridades e eventos da semana, lá estava eu, sentada na varanda, com a seguinte legenda:



— Não colocaram nem a foto da capa do livro.

— Ele nem CITOOU o nome do livro, você quer dizer.

— Que beleza, minha filha! Você saindo em revista de celebridade! — O jornalista alisou o bigode com a mão, se recusando a perder o entusiasmo e me deu a revista de presente.

— Acho que vou ter de arranjar um papel na novela das oito...

— Rose D! — Gritou uma garota de uns quinze anos, entrando na banca. — Posso tirar uma foto com você? — O abraço da garota quase me tomou o ar.

— ...ou ir jantar com o repórter sessentão!

— Sessentão?! — Fiz pose para a foto, mas olhei de lado para Queni.

— Affe! Não vai me dizer que aquela tintura à la tablete Santo Antônio conseguiu te enganar? Choray!

Mais um participante no Clube

“Era assim mesmo que eu queria!”

— Outro, Queni? Toda vez tem gente nova pra apresentar? Daqui a pouco vou ter que alugar um galpão.

— Tomara que seja um bofe bem bonito!

A campainha tocou. Rose foi atender. Abraçou Karen e Heide, que se afastou para apresentar o novo membro do grupo.

— VOCÊ?!

O silêncio durou. Heide achou melhor dizer algo.

— Vocês se conhecem?!

— Como assim? Ele não falou que me conhecia?

— THIAGO! – Queni berrou. – Você que é o convidado da minha deusa? Vamos, que a reunião é lá dentro.

Pensamento...

de Thiago para Rose:

“Onde eu vim me meter?”

de Rose para Thiago:



de Jane para Thiago:

“Tô na pista...”

de Thiago para Jane:

“Da hora!”

de Nat para Thiago:

“Gostosinho...”

de Thiago para Nat:

“Miss!... Adoramos Misses! Não temos NADA contra Misses!”

Enquanto eles se arrumavam, Queni contou sobre os dois. Karen segurou o riso, Heide se sentiu usada e Rose se aprontou para o ataque.

— Por um acaso você leu *O Pequeno Príncipe*?

— Sabia que o autor escreveu o livro no exílio, em Nova York? Ele tava mó mal, queria voltar pra guerra...

Heide coçou o nariz e olhou lá longe. Thiago continuou:

— Ele escreveu *O Pequeno Príncipe* como...

— ...ressurreição – Rose completou. – Não foi essa a pergunta.

— Não! Eu vi os desenhos.

Os olhos de Rose se apertaram.

— LI! – respondeu Thiago.

Queni voltou com uma taça de vinho branco, em homenagem ao novo integrante. Nat reclamou que não tivera nenhum brinde.

— Ele é de casa.

Rose olhou feio. A Miss voltou a reclamar que ele deveria tratar melhor os que eram de fora.

— E você deveria...

— ...e os baobás? – Karen interrompeu, prevendo uma briga. – Que porra é baobá?

— Ele diz que é um arbusto.

— JURA?!

Nat levantou os ombros para Queni.

Rose achava que ele falava de arrancar o mal pela raiz, que fazer a coisa certa requeria disciplina para não perder o controle.

— Ele também fala do tempo certo de fazer isso, de discernimento, de pensar antes de agir.

— Affe, Karen! O menino não pode nem ter uma preguiçazinha. Não é à toa que é

melancólico.

Jane apareceu com um refrigerante; os pais não a deixavam beber.

— Tão falando do quê?

— De fazer o que é certo, mesmo que você se machuque.

— Tipo o quê Heide?

— Você abrir mão de quem gosta, porque não é a pessoa certa para você. Isso requer coragem.

— Só que tem gente que diz que vai ligar e vaza.

— Ih Thi todo carinha que eu conheço é vacilão.

A rima e a abreviação do nome fizeram Rose virar a cabeça.

— Sei lá, Jane; mina também gosta de dar um perdido.

Para Karen era difícil sair de uma relação; ficava a dúvida de quando seria a hora certa e do que teria acontecido se tivesse esperado mais um pouco. Queni sentenciou que era por isso que havia tanta gente infeliz; mas entendia que, por ela ter sido casada, era complicado.

Heide quis saber o que fazia um homem se interessar por uma mulher.

— O... quê? Por que tá todo o mundo me fitando? – Thiago franziu a testa.

— Homem gosta de mulher chata, da que cobra, que pega no pé, que dá trabalho.

— Não gosta, não, doutora.

Rose concordava com Karen.

— Aquela que é boazinha, compreensiva, pau pra toda obra, o homem larga.

— Nem o Príncipe guentô poucas ideia da flor. O jhow fazia de tudo pra mina e a mina nem pá. Florzinha forgada, hein?!

Nat saiu em defesa dos gêneros:

— Homens e mulheres são diferentes. Nem você nem ele entenderam isso e saem por aí dizendo que as mulheres são complicadas. A única coisa em que os dois concordam é querer o que não podem ter, é gostar da pessoa errada.

Thiago olhou quase suplicante para Queni:

— Dá um grau, aqui, truta.

— Sinto muito, meu fofinho. Já disse que debaixo desse corpinho esbelto existe uma mulher.

Karen disse que, desse jeito, Queni viraria o homem ideal. Heide comentou que a história começava deslumbrante e, em algum momento, tudo desandava.

— Ele vai descobrir que se amarra nela que não existe sem ela.

— O que é outra treta, Jane... que pega? O que eu falei, agora? Ceis têm essa fita de achar

que o mundo acaba, só porque o rolo já era.

— Pelo contrário, Thiago. Vocês é que acham que a gente acha isso.

Ele franziu de novo a testa.

— A gente fica é torcendo pra um homem perceber que a gente faz falta, que tava errado, volte atrás e tente nos reconquistar.

A afirmação de Karen – que deu um sorriso de compreensão para Thiago – desencadeou suspiros em série; menos em Rose, que reagiu com raiva.

— Quem chegou aqui reclamando de levar *perdido*? Até parece que o homem não faz isso quando quer terminar.

— Na moral?

A resposta foi unânime.

— Na moral!

— Sai no rolê atrás das mina! – As mulheres reclamaram. – Ceis perguntaram...

Rose parou atrás de onde Thiago estava sentado.

— Acho que os moleques, os carinhas da sua idade fazem isso. Homem mais velho, não. Tenho certeza que o MEU namorado não faz isso... ele é mais velho...

Ele virou de uma vez na direção dela:

— Namorado? É que pra tiozinho é osso, mesmo...

A oração

Na porta de casa, pronta para sair, pediu à Márcia que telefonasse para a igreja e verificasse se alguém poderia buscar as caixas com as doações de brinquedos que precisavam ser entregues naquele dia. Esperou um pouco; voltou.

Acendeu a vela.

— Meu Santo Antonio...

Parou. Pela primeira vez na vida não sabia o que dizer. O que deveria lhe causar certo pânico perdeu para a imagem de si mesma, aos oito anos de idade, com o cabelo claro preso num coque, vestindo *collant*, saia e meia-calça de balé e tênis, no meio dos pais, agarrada à perna de cada um, olhando para cima, rindo, enquanto os dois se beijavam, com o Palais Garnier de fundo. Era o primeiro mês de aula no tradicional colégio da cidade e do curso de admissão para balé, providenciado para minimizar o impacto da mudança causada pela transferência da mãe para Paris, devido ao trabalho como médica na ONU.

Do curso de admissão até o momento de ser aceita na companhia, Heide demonstrou uma facilidade natural para a dança, que os pais, exímios não dançarinos, acreditavam se dever ao gene de algum parente perdido e não identificado na árvore genealógica. A escola também via nela um futuro promissor, mas quando após dois anos como bailarina da companhia a loira trocou tudo pela dança de salão, a única a não estranhar foi a família, já que Heide havia muito tempo descobrira os restritos lugares onde a milonga, a salsa e outros tantos ritmos ultrapassavam a madrugada e sobreviviam ao café da manhã.

Mas a despeito do que parecia glamour, o que tinha para dar errado deu. Após décadas trabalhando numa companhia internacional, o pai se desligou do emprego para acompanhar a mulher, uma vez que a empresa não possuía presença naquele país. Fosse essa a causa ou apenas um coadjuvante, as brigas apareceram, o dinheiro desapareceu e a separação se tornou uma ideia amiga. Márcia passou a manter Heide o maior tempo possível fora de casa, principalmente quando o assunto de uma amante veio à tona, o que não impediu a criança de escutar toda a história,

sentada no primeiro degrau do alto da escada. Apesar de ser testemunha do sofrimento, o que a fez decidir que jamais se casaria, também foi testemunha do que veio depois, fazendo-a por final se decidir a querer ter alguém que lhe desse o olhar cúmplice e cheio de significados que o amor e a fé dos pais – e a sua própria – compreendiam.

Talvez fosse essa a questão.

— Meu Santo Antonio! Você que é ótimo em achar coisas perdidas... me ache, porque EU estou cada vez mais perdida. Reconheço que não entendo os caminhos de Deus... e aquela conversa de que alguém aí em cima estava me sacaneando... foi só desabafo... você sabe... não sabe?!... Talvez estejamos tendo um problema de comunicação... e sério... mas... eu não vou pedir ninguém, não... não mais. Apenas me ajude a ficar afastada de qualquer homem que esteja comprometido com outra mulher... ainda que... – respirou fundo – ainda que isso signifique que eu tenha de ficar... sozinha... Amém!... Amém?...É, amém!

Após a última reunião do *board*, à qual não estivera presente porque participava como jurada de um campeonato em outro país, Vanessa a chamou para conversar. Queria saber dos preparativos para o Dia Internacional da Dança. O nome de Heide havia sido indicado por eles e pelo CID, Conselho Internacional de Dança, para cuidar das atividades ligadas à comemoração daquele ano.

Ao sair da sala, ouviu Grego, de costas, falando ao celular. Convidava a bailarina da academia concorrente para tomar um café. “*Café, café, café! Esse homem só sabe tomar café?! Não sei como não tem uma diarreia!*”. Ao desligar, ela viu a aliança de volta na mão dele.

— Tudo bem?

— Tudo ótimo! Ainda mais quando se tem uma compreensão tão clara das coisas.

— Tá falando...?

“*De você! É tão óbvio que chega a ser ridículo*”.

— Das providências que tenho que tomar para o Dia Internacional da Dança...

— Muita coisa?

— Muita.

— Tenho certeza de que você vai dar conta de tudo. Não reforcei seu nome depois da minha chegada à toa.

Heide agradeceu. Coçou o nariz.

— Você não quer to...

— Eu tenho que ir!

— Já?

— Uhum... – Olhou para longe. – Como eu disse, muita coisa para fazer...

Ao ver que ela se afastava, Grego fez menção de segurá-la. A loira manteve os passos apressados, fingindo não perceber.

Num misto de cafeteria e lanchonete que às vezes frequentava perto da Academia, encontrou o sanduíche perfeito: pão macio e muito queijo; Fernando sentado à mesa ao lado, com um bando de rapazes, foi cortesia. Antes que pudesse pensar num jeito de não ser vista, ele estava de pé à sua frente, bem desconcertado.

— Tudo bem?

— Tudo. Só organizando alguns detalhes do DID.

— Você ficou responsável neste ano, né? Parabéns! Não poderiam ter escolhido alguém melhor.

Ela estranhou que ele soubesse do que se tratava.

— A Larreal patrocina muitos eventos nessa área.

— É verdade...

— Se VOCÊ não lembrou é porque a gente não tá fazendo isso direito. Vou aproveitar e discutir isso com eles. – Apontou para sua mesa. – São alguns trainees... É quase um McDia Feliz, só que com um dos diretores da empresa...

Heide riu e olhou na direção deles, que lhe disseram “oi” em uníssono. Coçou o nariz. Fernando disse que poderia contar com ele se precisasse de ajuda e voltou para sua equipe.

Observando-o trabalhar, sem a ansiedade que aparecia sempre que estavam juntos, pôde notar uma elegância que não se recordava de ter visto. O cabelo castanho em um corte tradicional combinava com o terno, a gravata no estilo clássico e a segurança de quem era muito bom no que fazia. Quando ele se virou para ela arqueando as sobrancelhas daquele jeito que reconhecia tão bem, decidiu que era hora de ir. Era assombração demais para um só dia.

Levantou-se da mesa arrumada na calçada em direção ao caixa, que ficava do lado de dentro da lanchonete. Olhou para trás e viu que Fernando a observava. Entrou depressa com a bolsa Fendi na mão, porém o homem mais uma vez surgiu na sua frente, dizendo para a atendente que era por conta dele. Percebeu que a moça do caixa se animou toda: abriu os olhos, o sorriso e, com o devido incentivo, abriria o que ele pedisse. Só faltava ele se abrir como uma mala velha. Para a surpresa de Heide, apesar dos suspiros insistentes da outra, Fernando baixou os olhos.

A última surpresa aconteceu fora da loja. Trinta passos depois, ele corria atrás dela, com algo na mão:

— Aqui. Você esqueceu sua garrafinha d’água.

As atividades sociais chegam ao limite

Como se avistasse um oásis, Karen correu para o único caixa vazio. Na verdade havia uma mulher na sua frente, mas era só uma; que demorou muito tempo, mas era só ela. Os outros caixas encheram; a vez dela chegou... apenas para descobrir que estava fechado. *“Só minha mãe pra inventar de fazer compras em dia de pagamento! E nem pra vir junto pra usar o atendimento preferencial!”*

Vinte minutos depois, um rapaz passou por ela e voltou. Olhou-a algum tempo e começou a rir. *“O que é? Meu cabelo, aposto”*. Passou a mão disfarçadamente pela cabeça. Parecia que estava tudo no lugar. Dois clientes fora da fila e lá voltou o moço, rindo. *“Ah, é esse abrigo da faculdade. Bem que falam pra jogar tudo fora”*. Alisou a roupa. *“Isso custou caro pra cacete! Vou jogar fora, porra nenhuma!”*

Cento e dois minutos, compras empacotadas e empilhadas no carrinho depois e o rapaz a olhava de longe, com o mesmo sorriso. *“Que é, hein, ô, cacete? Eu tenho cara de palhaça?”* Fez menção de ir embora; ele pediu que esperasse.

— Você não deve se lembrar de mim...

— Nivaldo Madureira.

— Lembra! Você está igualzinha, não mudou nada!

— Não sei se isso é bom ou ruim.

— Você acha que eu mudei? – Mais velho do que quando o conheceu numa danceteria, por volta dos seus quatorze anos, ele estava. – Lembra que a gente ficava todo domingo?

— Lembro. – Ela se apoiou nas compras. – O primeiro beijo mais longo da minha vida: exatos seis minutos!

— Sêrio? Disso eu não me lembrava; acho que nem sabia.

— Você morava aqui perto.

— Ainda moro... Será que você ...

— Anota aí o meu celular!

Nivaldo foi buscá-la em casa. Mesmo Karen tendo marcado para uma hora mais tarde, prevendo imprevistos, ele chegou quarenta minutos adiantado e assumiu que era seu dever esperar. Ela atrasou uma hora e meia porque escolheu o atalho errado.

A primeira parte do encontro foi um tal de “*você se lembra...?*”, com todos os nomes das pessoas que conheceram na época da adolescência e o fim de cada uma. Ficou chocada ao saber que um ex-namorado – o que todas as garotas queriam e só ela conseguira – havia se matado. Nessa maratona chegaram ao dia em que ficaram juntos e ao beijo. Ele afirmou que podia beijar muito além de seis minutos, mas se perguntava se o beijo continuava tão bom.

— ...continua!

A ação do tempo se deu além de alterar a aparência de Nivaldo. Do beijo cronometrado embaixo de um canhão de luz, embalado pelos gritos dos amigos, os dois foram direto para o que havia debaixo das roupas, em plena garagem.

Apesar de desconfiar que não existiria muito mais assunto entre eles no instante em que o tema da saudosa adolescência acabasse, acompanhou-o ao aniversário de uma das tantas meninas que frequentaram a mesma danceteria e cujo interesse se resumiu em achar incrível o reencontro dos dois.

Tudo foi bem até a saída da pizzeria – recusou o convite para voltar à garagem. Na hora de pagar a conta, ele deixou a caderneta em cima da mesa, aberta. Com a certeza de que era para ela ver o valor, Karen perguntou se ele queria que ela pagasse a metade.

— Deixa pra próxima... daí você não pergunta e paga a conta inteira.

Não esboçou nenhuma reação; não sabia como agir. Com o ex, quase nunca mexia na carteira. Alex também não a deixava pagar nada. Não estava mais acostumada a sair com qualquer homem e nem com os que dividiam as contas; não sabia reconhecer o momento de tomar a dianteira ou se devia fazer isso, se existia uma situação correta. Embora o fato de estar desempregada não interessasse a ninguém – e sempre desviava a conversa de quem ousasse entrar no assunto – a verdade era que, já que não tinha dinheiro, não deveria sair com qualquer pessoa. Por isso disse não para o cantor peruano. Ainda queria um namorado, apenas não tinha condições de fazer este investimento, muito menos explicar a situação a alguém que havia acabado de conhecer ou de reencontrar. Pensou outro pouco e chegou à conclusão de que nenhuma vez saíra com alguém que a deixasse pagar a conta. Só restava saber se isso significava que estava envelhecendo ou seu padrão, caindo.

— Vamos indo que amanhã tenho reunião cedo. – Ele bateu a caderneta com força na mesa

e se levantou. – E você, vai atender amanhã?

— Não. – Ela levantou e seguiu rumo à saída.

— Você não trabalha na segunda?

— Ahn... .

— Você não atende a semana inteira?

— ...

Ele parou e se virou para ela.

— Quando você atende?!

Sete, quatorze, vinte e um dias... Nivaldo nunca mais ligou e Karen – duvidando que ele tivesse morrido – quase riu de perder um homem apenas por estar em casa numa segunda-feira.

Apresentando o namorado à família

Tão bom ter um namorado! Acabam os dias longos, as noites tristes, a vida amarga e metade das encheções dos parentes que não colocam nenhuma fé em você se não tiver um companheiro para alterar seu status de relacionamento nas redes sociais.

Como assim? Lindo, médico, solteiro, quarenta anos, sem filhos: tudo o que minha avó queria. Ele ser tudo isso e solteiro gerou mais desconfiança do que comemoração; ainda assim a notícia estourou na família que nem morteiro avisando traficante da chegada da polícia.

Coitado do Loren – que era como eu o chamava para dar ideia de intimidade. Pronto ou não, lá estava ele, naquela casa enorme, ao redor da mesa gigantesca que passava de geração em geração – e que já estava garantida para meu irmão; não duvido que ele tenha casado e continuado a morar com Avó só por isso –, reunido com minha família no almoço de domingo, com minha avó, em silêncio – cochilando ou desmaiada, de novo, pela arritmia – na cabeceira. O escrutínio e a necessidade de espantar qualquer pretendente também vieram de gerações e atingiram todos os membros da linhagem.

— OI, LOREN! – Primos, primas, tios, tias, irmão e cunhada com os devidos filhos no colo disseram ao mesmo tempo. Minha avó resmungou sem abrir os olhos.

— Oi...

— Estava aqui comentando com a Rose que você é bonito demais pra ela.

— Não foi isso que você falou, não, Prima. – Me virei para ele: – É brincadeira, Loren. Ele coçou a cabeça.

— Quando você vai trazer seus pais pra jantar? – Foi a vez do meu irmão me fazer passar vergonha antes de passar a travessa com carne assada. Comentou com meu primo que o nome dele não era muito másculo e os dois desembestaram a rir.

— Não vá me dizer que não pode porque está muito ocupado! – Minha cunhada cochichou meio de lado para mim, com a atenção das quatro tias como testemunha. – Aposto que ele tem uma porção de amigas... Corta isso, hein? – E voltando-se para ele, continuou: – Loren, quando vocês

vão casar?

— Ca-sar...?

Enquanto meu irmão, meu primo e meus tios ficavam vermelhos e as crianças faziam barulho com as bocas cheias, abanei as mãos para ela, pedindo que parasse. Ela levantou os olhos na minha direção.

— O que foi?

Loren virou para mim.

— Não... não vamos enchê-lo com esse monte de perguntas... Bebe mais um pouco!

Virei a garrafa de vinho tinto na taça, que acabou transbordando.

— Tudo bem, Rose. Sei como é família.

Ele observou, consternado, minha tentativa nervosa de secar a mesa com o guardanapo de pano.

— Só espero que você também saiba que ela não tem muito tempo pra ter filhos... Se bem que você, sendo médico, pode arranjar uns três de uma vez.

— Como assim? – Segurei o pano no ar.

— Ele pode providenciar uma inseminação artificial!

— Prima, ele é vascular, não trabalha com reprodução assistida.

— Com o quê?

— Reprodução assistida... – Enrolei o guardanapo e o coloquei à frente do meu prato. – É esse o nome.

Ela me mediu do primeiro fio de cabelo espetado à unha do dedo mindinho e disse com desdém:

— Aposto que você aprendeu isso com ele... esta semana! – Voltou-se a Loren: – Não importa. Você deve conhecer alguém que trabalhe com r-e-p-r-o-d-u-ç-ã-o-a-s-s-i-s-t-i-d-a. Já escolheram os nomes das crianças? – Tirou um papel dobrado várias vezes do bolso. – Eu tenho um monte de sugestões nessa lista... Fiz pros meus filhos, só gastei quatro. Vocês podem usar os outros quatrocentos e vinte e dois. Que tal Maurício Cristino? Não é bonito? – perguntou sorrindo, um pouco antes de começar a averiguar os antecedentes familiares dele.

— LORENZO! – Todos se viraram na direção de minha avó, que permanecera quieta até aquele momento.

— É... Lorenzin. – Ele pigarreou após todas as cabeças se virarem para ele.

— LORENZO!

Víramos para ela.

— É Lorenzin. – Voltamos a olhá-lo. – Mas... tudo bem... pode me chamar de...

— LORENZO!

— Pois não...?

Meu irmão e meu primo bateram os punhos em sinal de vitória. Foi então que, olhando bem sério, Avó fez aquilo que eu mais temia: o som com a boca, que lembrava um peido.

O amigo secreto

“Não partas; eu te faço ministro!”

— Vamos com isso, gente!

— É, doutora. Tem presente pra abrir.

Heide resolveu começar:

— O Rei é uma personagem que eu não entendo.

— Por quê?

— É que ele parece sábio, Queni e, às vezes faz umas coisas tão bobas. Diz que só exige dos outros aquilo que eles podem dar; perfeito. Só que ele gosta de mandar e se o outro fizer algo que ele não mandou, se apressa em mandar o outro fazer aquilo que já estava fazendo... nem ele sabe do que está falando.

— O cara fala algo que te deixa pasma de tanta sabedoria, pra depois te deixar pasma com tanta idiotice! Isso é bom, porque tem cara que não te dá nem opção: é só bobagem...

Karen olhou para o prato. Rose se levantou e repôs o bolo que havia acabado.

Nat estava pensativa:

— Pra mim parece que ele manda na relação e acaba intimidando, querendo convencer o outro a fazer as coisas. Acho que é aquela pessoa que até é legal, mas que é tão sozinha que parece que não sabe se relacionar, só sabe mandar.

— É outro com pinto pequeno.

— De novo, Queni? Achei que você tinha parado com isso?

— Affe, Nat, o que eu posso fazer se esta história é um festival de homens com pintos pequenos?

— O do PP ainda vai crescer.

Queni e Thiago foram os únicos a rirem. Muito!

Jane bufou:

— Ele é meio *bad*.

— Quer maior contrassenso do que a Nat?

— O que é agora, Queni?

— Calma... É que você fala bem, tem cabeça, vai e bota silicone, faz botox, tudo em nome de um concurso de aparências.

— Pelo menos ela não é que nem a Rose... a Rosa, que é mó orgulhosa, vive dando nojo ...

— Sou, sim, Thiago.

— ...enrola pra se arrumar e quer elogio.

— Sou, sim, Thia...

— Bem que vocês gostam do resultado – Rose interrompeu. Todo o mundo sabia que o negócio era com ela.

— Qual diferença faz? Ceis se arruma pra outras mina, não pra nós.

Apesar da indignação, não precisaram dizer nada: Rose estava afiada.

— Não! Esse é outro mito que inventaram sobre as mulheres. Eu me arrumo pra mim; EU tenho que me achar bonita.

— Falô!

— *Falô!* O que chama a atenção de um homem, Thiago?

— A beleza.

Ela jogou as mãos para o alto.

— Ceis fika com homem feio que é da hora e acabam achando ele bonito. Nós não faz isso, se for feia, já era. Não vai fiká gata.

— Mulher é evoluída. Nós damos valor aos pequenos gestos. Vocês só querem saber do exterior.

— Ceis que morre de medo de fiká velha, foge só pra esconder a idade.

— Vocês só ficam por isso, pela beleza. Vocês é que não são capazes de lidar com o lado feio da mulher.

— Qual lado feio? Acordar descabelada e com um puta bafo?

— Lá vai você pra aparência. Quanto mais uma mulher gosta, mais bonita ela quer ficar. E quanto mais ela gosta, mais medo tem de perder.

— Por isso ceis dão migué e vazam? Diz que vai ligá e não liga. Não sabia que ceis eram tão covardes, ainda mais que ceis adoram enchê a boca pra dizer que os cara são covarde.

Karen, Heide, Queni, Nat e Jane até queriam falar; por segurança preferiram continuar virando a cabeça para o lado, para cima, para as mãos, para a mesa de centro...

— Homem que não dá futuro, que quer se encostar? Que não trabalha, não estuda e só vive de balada e maconha? Eu tenho mais o que fazer. Vou embora, mesmo.

— Tô ligado!

— Vocês não se envolvem ou assumem responsabilidade. Nunca é a hora certa pra isso.

— Num era a hora.

— Quando é?

— Sempre.

Rose estava ficando confusa com a conversa.

— Como assim?

— Se não existe hora certa, qualquer hora serve.

— Então quando quer, homem faz?

— Faz!

— ...você não queria?

— Queria.

— E por que não fez?

— Porque eu não sabia.

— Como assim? Não sabia que queria ou como fazer?

— Os dois.

Antes de começarem o amigo secreto de \$1,99, Thiago colocou uma coisa no ipad e o carregou até o espelho. Jane não conseguiu parar de pular ao ver a touquinha de Papai Noel. Rose achou que não precisavam fazer tanto barulho.

— Tem que dar uma dica, não pode falar quem é.

— Firmeza, então. Meu amigo secreto é o que mora mais longe.

O silêncio foi geral; ninguém conseguia acreditar.

— Eu? – gritou Jane.

— THIAGO! Era para dar uma dica, não entregar na primeira.

— Foi mal, Heide...

Jane trouxe o presente que havia recebido alguns dias atrás pelo correio e que conseguira esperar para abrir. Voltou a pular quando pegou os óculos em formato de estrela e lentes cor de rosa. Ficou com eles até o final. Queni quis emprestado. Rose achava que a reação exagerada da outra devia ser para compensar o fato do envio ter saído mais caro do que o presente.

Nat foi a amiga de Jane e ganhou um livro sobre Nietzsche, da série *Os Pensadores*, cheirando a sebo. Karen olhou espantada para Heide, Queni coçou a cabeça, Rose segurou o riso,

Thiago nem notou e Nathália adorou.

Para o espanto e raro estado de mudez de Queni, ele ganhou de Nat uma camiseta babylook cor de rosa cheia de detalhes brilhantes.

— Minha amiga secreta é a pessoa mais chique desse grupo... depois de mim.

Mesmo ouvindo dele que não sabia o que lhe dar, Heide gostou de ganhar um terço de cristais de plástico.

Embora ela tivesse tirado Karen, concordaram que o presente devia ficar por último: “*É um cartão muito caro*”; foi a vez da escritora ganhar, de uma psicóloga meio sem jeito, uma caneta vermelha, cheia de penachos na ponta, que acendia conforme se escrevia.

— Para todos os autógrafos que você ainda vai dar...

Empurrada, ela entregou a Thiago um par de ingressos para o teatro. Eles se abraçaram rápido e de lado.

— Veio... pena que cê mora longe, Jane, senão cê ia comigo.

Por pouco Rose não pegou o presente de volta. Queni começou a reclamar que ela deveria dar outro, porque sendo de graça, aquele não valia. Com um sorriso que jurou enigmático, deu um vale-empada, que deixou Thiago na dúvida.

Heide entregou o presente de Karen: um envelope gigantesco. Ela agradeceu o cartão de parabéns assinado por todos – também era o mês do seu aniversário –, que lhe pediram para olhar de novo dentro do envelope.

— O que é isso?

— Passagens de avião, ida e volta, para a França – respondeu Heide.

— Mas...

— Para você conhecer a terra das suas revistas de decoração... – gritou Nat.

— E começar a ter a vida que ficou de acontecer... – Rose disse em seguida.

Ela abriu a boca; não saiu som algum.

— E pode ficar sossegada, amiga. Meus pais vão te receber e te guiar por lá.

— Quem...

Queni respondeu:

— Todos nós...

Também no dia da viagem estavam todos lá, inclusive Jane, no ipad, no colo de Thiago.

3ª Parte

1

Thiago visita Rose

Assustei-me ao ver Thiago parado na sala de estar. Quando a empregada avisou que alguém queria me ver nem lembrei que ele existia.

— Eu vim na frente porque meu horário não bateu com o da Heide e da Karen.

— Já tomou café?

— Já.

— Toma de novo comigo.

Não entendi a surpresa; por acaso eu era uma pessoa mal-educada? Ele me olhou, sério, em silêncio. Havia alguma coisa diferente nele.

— Cê tá bem? – Perguntou.

— Por quê? Tô com a cara muito acabada?

Ele riu, se aproximou e colocou a mão no meu braço.

— É que cê tá meio triste, sei lá.

— Fazer o quê? Não sou a pessoa mais linda do mundo quando acordo...

— É, sim!

— Tô preocupada com a minha avó. Semana passada ela teve uma crise de arritmia – que diziam que era culpa minha.

O meu namoro com o supermédico havia terminado. Desconfiava que, no fundo, ele não aguentara minha família, que depois de me ligar para saber se eu havia finalizado a história com Lorenzin, passou a ligar para perguntar COMO eu havia errado na escolha e DE NOVO. Não contaria isso a Thiago.

— Ela tá internada?

— Não. Só que ela continua se recusando a tomar os remédios.

— Vai fiká tudo bem, cê vai ver.

Retirei meu braço da mão dele e apontei na direção de onde estava sendo servido o café da manhã. Saí na frente, como ele fez questão, sem conseguir entender o que era que havia mudado.

2

O Clube volta das férias

“A linguagem é uma fonte de mal-entendidos.

Mas, cada dia, te sentarás mais perto...”

— Caraca eu tava morrendo de saudades!

— Pode crê, Jane! Contae das suas férias.

Rose tomou a decisão por ela:

— Ô, Thiago, depois você fala com ela em particular... – Todos olharam em sua direção. – Vamos deixar pro final... Senão fica tarde e vocês têm de pegar estrada.

— Eu não entendo como alguém pode ser fiel e preguiçoso.

— Ser fiel por preguiça, não por afeto, por exemplo... é indiferença.

— É que o Acendedor de Lampiões é meio pau-mandado, Heide. Faz o que tem de fazer, mas não planeja nada, não tem ambição.

— Deus te livre de um cara desses, né, Rose?

— Sim! Falta visão, comprometimento. Tá se doendo por quê, Thiago?

— Num tô me doendo. – Ele estalou todos os dedos. – E é namorado ou sócio nos negócios?

— É a mesma coisa.

Karen achava que ele parecia meio perdido no tempo. Heide disse que existia um contraponto em uma pessoa que valorizava a ética, a lealdade num mundo que não tinha tempo para isso, porque achava bobagem.

— Isso me lembra das coisinhas que a gente empurra com a barriga. Eu espero a parede descascar em vez de manter a pintura em dia; eu empurro um namoro ruim em vez de terminar...

— Porra, Nat. Você comparou relacionamento com parede descascando! – Karen deu risada e pegou uma fatia do bolo de nozes. – Mas sei bem como é; a gente só toma uma atitude

quando a água bate na bunda!

— Esse deve ser do *bas-fond*!

— Por quê, Queni?

— Nat, você nunca ouviu dizer que gente muito certinha se revela quando apaga a luz? Tô mentindo, doutora?

— Falando na evolução das coisas, as relações de hoje estão tão diferentes, que me pergunto se podemos manter os sonhos de antes.

— Que sonhos, Heide?

— Casar, ficar com a mesma pessoa o resto da vida.

Thiago voltou a estalar os dedos:

— Puta mania que mina tem de querê casar.

— Eu fiz o bolo de nozes igualzinho à receita que vocês me mandaram olha só não tá com uma cara boa? – Jane levantou o prato para a webcam. – Eu não penso em casar.

— Na idade de vocês, nem eu pensaria. Quer dizer, se eu tivesse a idade de vocês agora, porque na época que realmente tinha essa idade, eu já pensava em casar.

— Você acabou de sair de um casamento; vai querer encarar outro?

— Não, Queni! Vou querer casar pela primeira vez; porque ficar com alguém que mede sua importância pelo dinheiro não é um casamento.

— Ahn...

A discussão que começou discreta e perdeu o rumo foi controlada pela pergunta de Thiago:

— Não dá só pra namorar?

— Dá, Thiago. O que não dá é pra trocar de par a cada semana.

— Num falei isso, Rose.

— A gente conhece mais gente do que já conheceu na vida, com esse lance de redes sociais.

— Eu tenho 2347 amigos no FB Karen!

— Amigos ou adicionados, Jane? Parece que é disputa, sinônimo de status.

— E a Raposa diz que não existe loja de amigos.

— Não, eu sei do que você e a Heide tão falando, Karen. Comigo só tem rolado ficante.

— Ficante, Queni? Porra! Você tá BEM melhor do que eu.

— Por quê?

— Porque comigo só tem rolado passante...

— Falando em Raposa, ficantes, passantes e escadas-rolantes, meus amores, acho que o PP quer é ocupar o lugar da flor.

— Ele largou a Rosa porque achou que ela era complicada; só que a Raposa não é boba, ela sabe se valorizar.

— E ela se apaixonou pelo Príncipe... pra variar!

— As pessoas continuam tendo medo de gostar e sofrer. Só que agora chutaram o balde de vez. — Thiago ainda disse à Karen que as mulheres também não andavam querendo nada. — Ah, a gente anda conversando com pessoas diferentes.

— A Raposa lembra aquele alguém que é muito especial na sua vida, mas que não fica — disse Heide. — É como se preparasse o caminho. Ele aparece no momento em que você mais precisa, pega pela mão, conduz e vai embora... Um psicólogo...?

— KAREN! De repente, pode ser bom negócio namorar uma psicóloga.

Ela agradeceu a Queni e às palmas de todos, dizendo que colocaria isso no currículo. *“Será que existe uma forma legal de ganhar dinheiro com isso?”*.

— No final o PP vai aprender que aquilo que mais o irritava era o que o fazia gostar da flor, o que a tornava especial. E a gente só pode gostar daquilo que conhece bem, do que cativou, do que incomodou. Não bastam mais o encontro e a vontade pra dar certo.

— Ownnn, Karen. Desse jeito eu fico com vontade de me apaixonar...

— Eu também.. — disse Thiago. — Nem vem, nem olha pra mim, Queni.

— É uma pena, porque a parte legal de se apaixonar é ficar do jeito que a Raposa falou: esperando com ansiedade, guardando qualquer coisinha pra lembrar, feliz porque ligou pra dar bom-dia, por achar tempo no meio da reunião importante...

— Mas é esse o ponto, Nat: quem gosta, arranja um jeito; quem não gosta, arranja uma desculpa.

— Parecia que o PP não tinha tempo para a flor, também. Talvez ele nem fique com ela, só que tem de voltar para resolver a história.

Jane concordou com Heide e disse que era estranho como algumas histórias não acabavam enquanto não se encontrasse a pessoa. Karen completou que às vezes era preciso resolver consigo mesmo, pois para o outro já havia acabado.

— A frase não tinha que ser “Você se torna responsável por aquilo que cultiva”? Porque assim o sedutor já chega no veneno.

— Muito bem observado, Thiago!

Ele olhou para Rose, para o resto do grupo e continuou:

— Será que é por isso que o Geógrafo é zica daquele jeito? Ele fala tão mal da Rosa pro PP, que acho que é só fita, que o jhow nunca ficou com ninguém pra saber.

— Ele deve é ser muito ruim de cama! — Todos olharam espantados para Heide. — O que

foi?

— Ia ser legal ele contratar o Bêbado pra tramar com ele. – Todos olharam espantados para Thiago. – O que foi?

— Ele é muito rígido, quer garantias, aquilo que não muda. Até parece que gostar oferece alguma garantia.

Nat concordou com Karen:

— A gente gosta e torce pro outro sentir o mesmo.

— É como acreditar em Deus. – Todos se viraram para Heide. – A gente acredita em Deus porque confia, não porque tem garantias.

Queni colocou a mão no peito:

— Affe! Essa mulher me surpreende. Não foi ela que acabou de falar em sexo?

Dia Internacional da Dança

Com os convidados aderindo por completo, o evento final ocorreu na escola pública onde havia sido voluntária durante cinco anos. De painéis com fotos e a história de Bédart, Nijinsky, Nureyev, Márcia Haydée, Maia Plissetskaya, Silvie Guillem, Marie Claude Pietragala e Barishnikov, às oficinas de diversos estilos e ritmos e exibição de filmes que flertaram com a dança, sobrou espaço para mesas-redondas com professores e cineastas, painéis montados em forma de livro com as redações das crianças sobre o tema – realizados em oficinas ministradas por Rose – e vivências corporais – como contribuição de Karen –, além de performances nas ruas o mês inteiro.

O encerramento seria a apresentação do corpo de baile da escola. Tentou ficar na coxia; os alunos e o diretor recusaram. Fazendo alongamento na barra, viu Fernando pelo espelho.

— Vim desejar boa-sorte!

— Obrigada! – Ela o abraçou. Dando-se conta de que ele retribuía, se afastou, olhando para longe.

— Você está linda! Pena que não escolheu a dança folclórica pro final.

— Fiquei sabendo que sua oficina foi um sucesso!

— Pois é! Tem um monte de gente querendo participar do nosso grupo.

Ficaram se olhando. Depois baixaram a cabeça.

— Obrigada por ter aceitado o convite, mesmo com os desentendimentos que tivemos.

— Não aconteceu... nada tão grave... Quer dizer... eu acho que não... É... eu ainda não concordo com o que você disse, mas entendi seu ponto de vista... – Ele a encarou. – Eu faria qualquer coisa por você, Heide.

Ela se virou para o espelho e começou a alongar os braços. Ele se posicionou atrás dela, ajudando. Parecia que ia dizer algo; mudou de ideia.

Conversaram um pouco mais sobre o evento. Outra vez ele fez menção de falar algo e desistiu. Até que ela decidiu que Fernando deveria dizer alguma coisa. Ele cedeu, largando seu braço com tudo. Ao grito de Heide, ele parou no meio da sala. Voltou correndo para massagear o

braço abandonado. Os dois riram e ele teve de ser lembrado sobre o que ia falar. Queria apresentar uma pessoa. Abriu a porta; a morena, que era um oposto de Heide, entrou.

— Esta é a Patrícia... a minha namorada.

Segurando o choque, olhou rápido para ele e cumprimentou a mulher da maneira educada e elegante que só ela conseguia ter. Quando eles saíram, pensou no tempo dos acontecimentos: arranjar outra com tanta rapidez só confirmava a incapacidade que ele tinha de ficar sozinho. Que homens eram aqueles que precisavam tanto de uma namorada? Bateu a porta com força. Ouviu o estilhaçar dos vidros. Virou no corredor e deu de cara com Grego.

Após as perguntas de praxe sobre a vida de cada um – que ela pressentia aonde iam dar –, resolveu não arriscar; poderia se atrasar.

— Vai assistir à apresentação?

— Claro! Não perderia isso por nada!

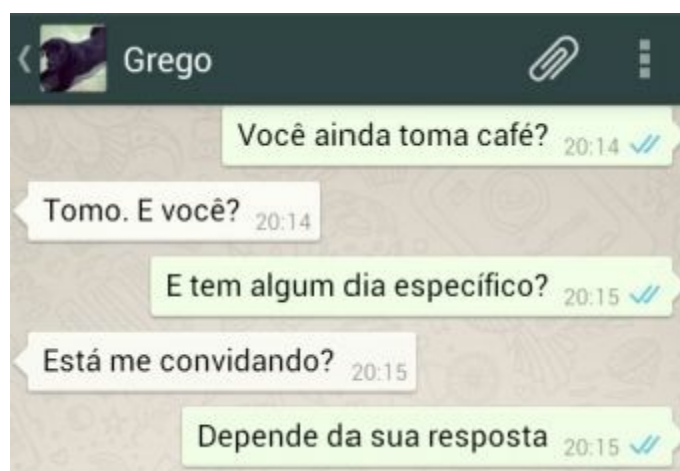
— Obrigada!

— Você merece!

— Obrigada por reforçar meu nome; é também por sua causa que estou aqui, hoje.

— Claro, claro...

Viu Grego ir embora e Fernando olhando-a, antes de abrir a porta que dava para a plateia. Ele pareceu sem graça, sobretudo quando a namorada chegou. Começou a ficar quase nervosa. Voltou para a sala desviando dos cacos de vidro. Pegou o celular.



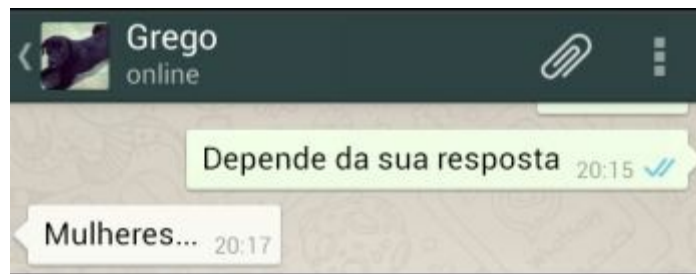
Vanessa entrou na sala, também desviando dos vidros.

— O que aconteceu aqui?

— Bateram a porta com força. – Não estava mentindo. – Antes de subir ao palco eu aviso alguém da escola.

— Perdão, eu escutei um pedaço da sua conversa com Grego.

— Escutou?!...



— Escutei. E tenho que te falar uma coisa.

— Uhum... Pode falar – Heide continuava com o celular na mão.

— Pensei que você soubesse... O Grego não reforçou o seu nome para o CID... Não que você sequer precisasse disso, seu nome veio determinado lá de cima. – Fez o gesto com o indicador. – Mas... ele queria mesmo outra pessoa...

— A bailarina da outra academia?

Vanessa fez que sim com a cabeça.



4

Karen se cansa

De manhã bem cedo Heide entrou afobada no quarto de Karen, que ficou em estado de alerta; a amiga era educada demais para isso.

— Adivinha quem eu encontrei ontem?

Esfregou o rosto. Pensou em Alex; pensou no que não queria pensar. Olhou de lado antes de responder.

— O...?

— UHUM!

— Me acordou pra isso?!

— Eu sei que você não liga, só que pensei que se fosse comigo, eu gostaria de saber.

A outra agradeceu, voltou a deitar e se cobriu.

— Tem mais...

Karen soltou um palavrão abafado pelo edredom que escondia sua cabeça.

— Ele estava acompanhado...

Silêncio.

— E no Facebook, ele diz que a nacionalidade dele é lituana e que está em um “relacionamento sério”.

Heide olhava ansiosa, esperando uma reação da amiga. Após certo tempo, um volume foi se levantando até o edredom escorregar e mostrar Karen, o semblante cansado e o cabelo todo desganhado.

— Ele sempre meteu o pau naquele povo e agora vem com essa de ser lituano?! Pra você ver como a gente NÃO conhece as pessoas...

Mudando os canais da TV, usando a última camiseta da faculdade que havia conseguido salvar e que tinha o desenho de Freud com um bloquinho na mão e um balão de diálogo com os dizeres “*Relax, meu filho!*”, à direita de um Deus altamente estressado deitado num divã, lembrou-se da

notícia que recebera logo cedo. Achava péssimo começar e terminar o dia pensando no ex; não pôde evitar.

Havia se mudado para aquela coisa no meio do mato que ousava se autodenominar cidade, sem saber que seria apenas desterro. Racional e silenciosa como era, achou que o travamento de sua mandíbula e o desespero que sentia dentro do apartamento apertado fossem apenas fase de adaptação. Quando não melhorou, considerou um possível Transtorno de Ajustamento. Nenhuma hipótese deu conta. Conversou com o então marido, que se prontificou a ajudá-la com seu sentimento de ratazana presa e a levou para dar uma volta no quarteirão.

Após ganhar uma promoção, o marido foi direto alugar uma nova e enorme casa amarela de esquina, com jardim e defeitos que não constavam nos prospectos. Para Karen sobrou andar bem mais, arrumando, cuidando, limpando, cozinhando e fazendo milagres com as compras de uma única feira minguada semanal que só aumentaram os problemas na articulação temporomandibular. Do mesmo jeito que veio, a promoção se foi, levando consigo todos os benefícios, pois a empresa enfrentava uma crise financeira. Em vez de também enfrentar a situação e enfim diminuir os gastos como ela sugeriu e seria necessário, o marido preferiu considerar a mulher item na lista de “despesa fixa”. Verdade que se ele estivesse de bom humor, ela virava “gasto não previsto”. Entre ouvir sempre as mesmas reclamações e um constrangimento ininterrupto, Karen chegou ao ponto de mentir e esconder se comprava algo novo com seu próprio dinheiro, por menor que fosse. Perdida, num lugar que não lhe pertencia, cada vez mais abandonada e sozinha, esperava por alguém que, quando junto, a deixava mais sozinha.

Até que num belo e ensolarado dia, alegando que era somente devido a questões financeiras, o marido – que até chorou –, sugeriu-lhe que voltasse a morar com os pais, pois ambos estavam passando fome; tudo temporário. Ela retirou suas coisas do armário, separou os sapatos e as roupas que aquela casa fria havia cuidado de mofar e fez as malas. Também fez muito barulho e demorou muito tempo. Ele ouviu e viu. E não disse coisa alguma.

Embora jamais tenha sido chamada de volta, o término oficial só veio após um almoço em completa nudez, bem conhecido dela, que ainda assim a envergonhou profundamente por ser na casa dos pais; no entanto, teria sido pior se eles tivessem presenciado o momento em que o silêncio foi substituído por uma briga feia, com o início de todos os palavrões que Karen não conseguiria parar de falar.

A recusa em devolver sua chave, alegando que terminaria de buscar suas coisas na hora que ELA quisesse e não na hora que o ex determinasse, talvez fosse sua última tentativa de manter alguma dignidade; só que isso não evitou o sofrimento de ver a si mesma e os pais serem tratados como pessoas e afetos descartáveis, que sequer mereceram uma conversa ou qualquer pedido de

desculpas; ele simplesmente deu as costas e nunca mais voltou. Só mais tarde, quando recebeu um e-mail com um aviso, sem maiores detalhes, de que a fechadura da porta da casa havia quebrado – o que significava que a chave que fizera tanta questão de não devolver já não servia para nada –, foi que descobriu que toda a ladainha de querer crescer na vida, as promessas de cuidar dela e o dinheiro que ele nunca teve para gastar com o casamento, foram prontamente transformados num carro zero. Naquele momento entendera por que na véspera de prestar um concurso numa cidade próxima, ele lhe dissera para esquecer o assunto. E ela, vendo sem ver, desconfiando sem querer, acreditando sem precisar, que casamento, como todo relacionamento, tinha seus altos e baixos, seus ciclos particulares, discutiu apenas sobre o fato dele ter tomado uma decisão em seu lugar, coisa que ele reconheceu e se desculpou – de imediato.

Que vida era aquela em que pedidos de desculpas não significavam nada, em que se trocava uma promessa por outra, em que ela própria era trocada? Em que toda sua dedicação só resultava em perda?

A viagem à França fora o melhor presente que já recebera; entretanto, na volta encontrara o mesmo buraco à sua espera. Não queria mais preenchê-lo falando de quem a havia machucado e deixado na mão, pois isso era só um jeito disfarçado de permanecer vivendo em função do outro. Não podia continuar à margem de si e, a única solução seria fazer consigo aquilo que orientava aos pacientes e a todos que a confundiam apenas com um ouvido amigo.

Apesar de ainda se sentir a melhor de todas as idiotas, estava na hora de reorganizar aquelas feridas que a atormentavam havia tanto tempo. Estava na hora de parar de pensar demais – parar de pensar nunca lhe seria uma realidade possível –, se concentrar na dor e na perda até explodir e agir; pois nada, nem ninguém, faria isso por ela.

Subiu até o quarto e sentou na beirada da cama azul. O choro veio numa velocidade impossível de controlar. O cachorro que estava deitado no chão correu em sua direção e empurrou a cabeça contra sua mão. Ficou na sua frente, enchendo-a de lambidas. Voltou ao chão só para pegar o que antes estava em sua boca e levar para a dona. Karen deu um berro.

— Frederico, seu BOSTA!

Era um pedaço de papel higiênico sujo.

Com o fim da racionalidade que sempre prezou e cultivou, rindo e chorando ao mesmo tempo, colocou abaixo tudo o que encontrou e que se referia ao ex.

Rasgou, amassou, queimou, jogou fora. Apagou todas as fotos do computador, quebrou os CDs, se desfez dos presentes, mandou para a reciclagem todas as revistas de decoração e destinou as roupas da faculdade de vez para o chão. Pintou as paredes, vendeu todos os móveis do quarto e comprou lençóis novos para a sua nova cama de casal.

— Cama de casal? Pra quê? – perguntou o pai.

— Tá achando que eu vou voltar a ser virgem?

Embora ainda alimentasse o desejo nem um pouco secreto de que Alex estreasse a cama, o primeiro macho que lá deitou foi seu poodle. Contudo, a paz foi grande o suficiente para fazer com que arrumasse de uma vez a bagunça espalhada pela casa dos pais desde a separação. Investiu suas últimas economias na locação de um consultório, arriscou uma entrevista num hospital que não prometia muito e montou seu projeto: um workshop que se prontificava a ajudar as mulheres a entenderem os homens, através do livro *O Pequeno Príncipe*.

Pouco tempo depois as inscrições começaram a chegar.

Não é fácil ser uma celebridade

Observando ao redor, na parte nobre da cidade onde eu morava, só via mato e nada que servisse para refrescar o ar. Aquela região estava cada vez mais quente e seca, matando aos poucos os pobres alérgicos e, mais devagar ainda, os pobres entediados. Devia ser por isso que A... era a maior consumidora dos filmes que produzia, pois não havia nada para se fazer naquela terra. Também devia ser por isso que eu vendia tão bem naquele mesmo lugar. Pensei em Karen, no quanto fora difícil para ela sair do ritmo da Capital para ser abandonada no marasmo do vácuo. Pelo menos, agora, o workshop estava indo bem. Eu é que não conseguia ter uma ideia que funcionasse.

Havia tentado o processo costumeiro de abrir uma página em branco no Word, jogar *Batman* e escutar todas as músicas possíveis. Até me deixei convencer pela Poderosa – tinha de compará-la à Supergirl, daquela versão em que ela casa com o Superman, porque de Princesa Disney, Heide só tinha mesmo o cabelo – e participei de uma missa, onde sentei e levantei quando mandaram. Só serviu para encontrar Thiago – que estava cada vez mais diferente, mas não era esse o ponto.

Passeando pela calçada estreita, olhando para dentro das lojas com degraus e sem vitrine, reconheci Fauna, Flora e Primavera numa delas. Nem um pouco disposta a travar contato, rumei noutra direção, procurando por um lugar para me manter ocupada até que elas sumissem. Avistei um senhor, com cerca de oitenta anos, camisa e calça social apertada para disfarçar a barriga, cabelo cheio de gel, atravessando a rua. O farol caminhava para o segundo vermelho e ele não chegara nem na metade. Perguntei se ele precisava de ajuda. Com dificuldade para andar por causa do joelho recém-operado, ele aceitou. Disse que se lembrava de mim, da reportagem para o Caderno Cultural. Para ser exata, ele se lembrava das minhas fotos na banheira.

Ao chegarmos ao outro lado, ele fez questão de agradecer e me abraçou. Quanto mais ele demorava, mais eu tentava me afastar; quanto mais eu tentava me afastar, mais ele me apertava. E como já fazia tempo que aquilo havia deixado de ser um abraço, ele escorregou o rosto pelo meu e

enfiou a língua dentro da minha boca. Empurrei-o com força; o homem desabou no chão.

Contrariada, estendi a mão e o ajudei a se levantar. Dei as costas e foi então que me lembrei dele. Outra vez agradecido, ele beliscou minha bunda. De novo. Virei a mão em seu rosto; ele voltou a cair. Após o burburinho, veio o clarão.

Com aquele monte de gente em volta, sorri forçado, falando em voz alta a história do joelho ruim, chamando-o de avô e pedindo ajuda para colocá-lo num táxi.

— Pra onde, Rose D.?... Achou que eu não ia reconhecer a senhora, né? – O motorista me olhava todo feliz.

Na pressa de acabar com a cena que atraía cada vez mais curiosos, terminei de dar o autógrafo na camisa do taxista e fechei a porta antes do homem colocar a perna ruim para dentro. Depois do berro veio a cara estranha do motorista. Dei um tchauzinho, ignorei a pergunta de por que eu não ia junto, desejei boa-sorte e quando me virei, lá estavam elas.

— Rose! Rose! Rose!

Elas fizeram uma muralha ao meu redor.

— Posso tirar outra foto com a senhora?

Olhei para a mulher, para a filha e para a avó, com a boca aberta.

— E você continua me chamando de *senhora*...

Mais fotos com a filha, com a mãe, com a avó, com a filha e a mãe, com a neta e a avó, com a mãe e a avó, com todas juntas, tudo BEM de perto. Depois, a garota declarou:

— Vixi, Rose D.!

— O que foi?

— Olha aqui... – Ela me mostrou a nova sequência de fotos. – Não tem Photoshop que dê jeito nisso e a senhora nem liga?! Só sendo MUITO irada, mesmo!...

6

Festa em A...

“Eu bebo (...) para esquecer (...)
que eu tenho vergonha (...) de beber!”

Sendo uma festa em A..., só poderia ser uma sob encomenda: o aniversário da cunhada de Rose, o que também significava que iria encontrar muitos parentes. Não que ela estivesse com medo, contudo achava interessante ter escolta nessas ocasiões.

1ª rodada

Rose apresentou Karen, Heide, Thiago e Nat aos amigos e à família, que quis saber se as mulheres eram casadas.

— Essa aqui – Prima apontou para a loira – ainda tem chance; vocês três...

— Pernão, hein, Heide?! – espantou-se Thiago. Ninguém nunca tinha visto tanta pele nela.

Enquanto Prima continuava sua desaprovação e Thiago não tirava os olhos das pernas de Heide, Karen apertava o maxilar e Rose ia atrás de uma tequila.

2ª rodada

— Você não pode conversar com ela, mocinho!

— Por que não, vó?

— Porque você me deve explicações...

Thiago olhou da avó para Rose, esperando:

— Sobre o que, vó?

— *Come mai?* PRIMA! PRIMA! *Esibire prove* pra Rose.

Ela esticou a *Faces*.



LITERATURA E VIOLÊNCIA: O DIA EM QUE A ESCRITORA ROSE D. ESPANCOU UM IDOSO

S 8

— Como assim? Vocês não queriam que eu me envolvesse com um homem mais velho?

— Você precisa sossegar... inclusive a nossa avó!

Thiago perguntou o que aquilo significava.

— Ela precisa encontrar um bom pretendente...

— E o médico?

— Eles não estão mais namorando.

— NÃO TÃO? – A surpresa de Thiago não passou despercebida por ninguém. – Então posso ser o namorado dela?

Rose não sabia se ele tentava ajudá-la ou ferrar com tudo de uma vez.

— *Uno bambino?* – A avó olhou-o de cima a baixo, antes de continuar. – *Roba da matti!*

Eu vou... meu peito... *aiuto!*... enfarto... eu tô ENFARTANDO...

Prima se afastou com ela, resmungando “*fare impazzire qualcuno*” e cravando olhos repreendedores em Rose, que foi procurar outro garçom. Thiago seguiu as duas primeiras.

3ª rodada

— Rose!

— FALA, PRIMA!

— Era só o que faltava! Você...

Heide, Karen e Queni a tiraram de lá. Imaginado-os vestidos de *As Meninas Super Poderosas*, Rose não conseguia parar de rir.

4ª rodada

— A-acho que tô apaixxxxonada!

— É MESMO, Rose! Por quem?

— Ó qui, ó, Heide! Por essa garrafa de tequila... Ela tá até me fazendo ver coisas... O

Queni e a Nat tão brigando?

— Quem?

— Eu acho que eles tão se atracando... eles tão se beijando?

— Essa tequila não é TÃO boa, assim, Rose!

5ª rodada

— E AÍ, QUENI?

— Minhas amapôs! Vocês estão todas loucas!... A Rose, tudo bem. A Karen, até vai, mas você, Heide? Affe! – Ele colocou a mão no peito. – Tô boua, não! Nunca pensei que fosse viver pra ver uma cena dessas... e nem vem querer beber o meu!

— Heide, essa é da boa, sim. Tô vendo o Thiago conversando com minha avó!

— Ele ESTÁ conversando com sua avó... e ela tá... RINDO... Licença, travestis, que até eu vou beber!

6ª rodada

— Eu sou um fiasco!

— Queisso, Roxe!

— Sou, sim! Escrevi um livro que é um plágio.

— Seu livro é um best-seller, minha linda!

— Eu só sou conhecida aqui, nesta cidadezinha que eu tô loca pra sssair.

— E por que não vai? Você tem dinheiro! Quem tá na merda sou eu!

— Ô, Karen, xe num me provoca, não, tá?

Heide começou a rir e afundou a cabeça na mesa.

— Você não foi embora porque não quis. Assume logo que você nasceu nesta cidade, cresceu nesta cidade, vai morrer nesta cidade... que você tem orgulho desta cidade!

— Não consigo manter um namorado...

— Ah... – Karen jogou a mão para baixo. – Pelo menos você tem com quem transar. O único macho que dormiu na minha cama foi meu cachorro.

— Tá o uó, hein, bee?!

— Sonhei... que o... como ele chama?... Que o Alex me axumiou na frente da família dele...

— Isso não é bom?

— Ó, vê só, Queni...eu peguei ele transando com a empregada...

Rose voltou a chorar.

— Eu só me interessei por cara novo! Eu tento, eu juro que tento; eu não tento, Queni?

— Tenta; tenta, sim...

— Só aparece homem mais novo... Eu gosto de One Direction!... Eu chorei no *High School Music 1, 2 e 3*... Eu acho o Zac Efron o homem mais lindo do mundo!... E eu... e eu... E-U-T-E-N-

Ressaca

A mesa grande da sala de jantar era um silêncio só.

Karen, com dificuldade em acordar, apesar de não estar dormindo; Heide, de óculos escuros, segurando a xícara de café forte com as duas mãos e, linda; Queni, com a pele brilhando, comendo brioques, sóbrio; e Rose, com os olhos inchados, cabelo preso num coque, destacando comprimidos para dor de cabeça. Thiago havia ido embora bem cedo.

— O que é isso, Nathália?

Karen colocou o dedo em sua boca. A Miss escondeu o dente quebrado com a mão e disse que não era nada; ela e Queni ficaram estranhos.

— Isso aí no seu pescoço é um chupão?

— Dá licença... – ela saiu da mesa com os anos de acompanhamento fonoaudiológico, perdidos.

— Rose!

— Fa-la bai-xo!

— Você tem trinta e cinco anos?!

Todos olharam para Rose, que parou a xícara no ar e levantou a cabeça na direção de Karen.

— Amiga amada, aprende uma coisa sobre os escritores: você pode falar o que eles escrevem, mas você NÃO PODE escrever o que eles falam!

Conversa madrugada adentro

Quinta-feira, 21h37

Correu para atender a porta. Deu passagem a Fernando depois de ganhar um beijo no rosto.

— Oi, Márcia! – Ele cumprimentou de longe a outra mulher.

— Oi, Fernando! – A secretária sorriu, sentada no sofá.

Ainda parada na porta, estranhou: como eles adivinharam o nome um do outro?

— Você disse.

— Disse quando?

— Agora.

— Não disse, não.

— Disse, sim.

— Não disse, não.

— Não foi difícil adivinhar, de tanto que você fala desse moço, Heide.

— Ela também fala bastante de você, Márcia.

Ao ver que a loira não ia ceder, a secretária completou:

— Pronto! Lá vem ela?

— Lá vou eu, o quê? – Ela fechou a porta.

Ignorando a pergunta, Márcia levantou do sofá e se dirigiu ao rapaz.

— Por trás dessa deusa nórdica existe uma mulher tinhosa. Nunca a vi ceder em nada na vida.

Com o nariz vermelho de tanto coçar e olhando em direção à cozinha, pediu que Fernando ficasse à vontade, enquanto ia buscar as cestas básicas que ele ficara de levar à paróquia. Márcia aproveitou para se aproximar dele e completar em voz baixa:

— Não deixe que a teimosia dela te distraia.

Quinta-feira, 22h40

— Preparado para mais uma Festa Junina?

— No ponto! – Ele fez um gesto com a mão, indicando o “ponto”.

Havia um ano fora considerada a noiva mais bonita que uma quadrilha já tivera. Ao ver a montagem das barracas, ficou se perguntando se não era o caso de ceder seu posto. Bem que tentou; a notícia se espalhou e ninguém ousava passar por aquela novela de arranjar noivo. Por isso se espantou quando na reunião do comitê de eventos, Fernando apareceu se oferecendo para o “cargo”.

— A comida tá ótima.

— Agradeça à Márcia; eu não sei nem fritar ovo.

Ele riu.

— Eu também não. Minha geladeira tá abastecida das receitas que minha mãe aprendeu nesse mês no curso de culinária.

— É, mas graças a você nós temos waffles e sorvete de chocolate belga para a sobremesa.

Ele levantou a taça.

— À pátria e ao time.

Heide permaneceu imóvel.

— Não?

— Tudo bem; mas só dessa vez. – Ela ergueu a taça.

Quinta-feira, 23h05

Eles sempre estiveram envolvidos com a arte – e foi ele que cuidou de colocar a Larreal como patrocinadora de vários eventos –, porém após a morte do pai, a mãe parara de dançar; dizia que havia perdido seu par.

Heide deu um sorriso consternado.

— Passei a dançar com ela.

— Bonito...

— Não precisa ficar com pena, não; em um ano ela tava dançando com um senhor que entrou no grupo.

— Só dançando?

— Tenho minhas desconfianças...

— Você também não ficou sem par.

— Não... Quer dizer... A gente tá falando do quê?

Quinta-feira, 23h43

— Eu disse que me encantei por você assim que te vi...

Ela não coçou o nariz; nem olhou para longe. Ele retirou os pratos de sobremesa e serviu mais vinho em ambas as taças.

— ...e que não podia fazer nada porque tava noivo... Não tô falando isso como coitadinho, não. Foi uma escolha. Não importava se estava próximo do fim.. ou se ela descobriu que é lésbica... Era um compromisso que precisava ser respeitado... Mas eu continuei pensando em você, pensando no que você iria pensar se soubesse que eu me preocupava mais com você do que com toda essa história maluca... Pensando no que você iria pensar se eu te procurasse... — Ele parou a taça no ar. — É... pois é... Acabei descobrindo depois...

Sexta-feira, 0h

— Voltei por causa do Thiago. É engraçado o professor de Crisma ser seu primo! Tenho reaprendido a confiar em Deus, mesmo que as coisas saiam diferentes do que eu quis ou planejei... o que acontece em 99,9% das vezes.

Ela concordou:

— Eu fui criada dentro da Igreja, fui batizada, fiz primeira comunhão, me crismei e não fugi... e até hoje gosto de dizer, explicar e repassar a Santo Antonio o que ele tem de fazer por mim...

— Santo Antonio?

— Uhum... Como todo o mundo, você acha que é por ele ser um “santo casamenteiro”...

— Eu não falei nada. — Ele riu e abriu outra garrafa de vinho.

— Eu gosto dele por causa dos milagres... — Pegou a taça e deu um gole. — Dizem que um dia ele estava meditando à beira-mar sobre a imagem do peixe nas Escrituras e, quando olhou, os peixes estavam reunidos a seus pés, só para escutá-lo... Também gosto dos sermões...

— É, você é chegada num sermão, mesmo...

— Sabia que quando abriram o túmulo, a língua dele estava intacta?

Fernando não conseguiu segurar o riso.

— Uhum... Está pensando em mim?

— Eu não falei nada!

Heide fez um ar de censura:

— Acho bom, porque o nome de batismo dele era Fernando. — Tomou outro gole de vinho.

— Eu gosto dos pãezinhos que são distribuídos no dia treze de junho. Quando era pequeno, ia com meus pais à igreja nesse dia para assistir à missa e pegar os pãezinhos no final. Era tanto pão, mas tanto pão, que a gente saía de lá com pelo menos duas sacolas cheias. Então minha mãe

me deixava abrir o pote de arroz e de açúcar e colocar lá dentro uma fatia do pão para que nunca faltasse comida na nossa mesa. Ela distribuía o restante pros vizinhos, parentes, amigos... O pedaço ficava lá, duro que nem pedra, até o ano seguinte, quando a gente enterrava o pão na terra, porque o que é bento não se joga fora – o que significa que tem pão, terço, medalha e santo quebrado se decompondo até hoje – ...e voltava pra pegar outros pães. Continuo fazendo isso.

Heide foi até o armário e tirou um pote médio e redondo. Levou-o até a mesa, levantou a tampa, enfiou a mão e mostrou a Fernando uma fatia de pão, já envelhecido, rodeada de grãos de arroz.

Sexta-feira, 0h27

— A dança tem isso, do homem conduzir a mulher. E não tem a ver com machismo. O homem só conduz a mulher porque ela se deixa ser conduzida; se ela disser não, a gente não pode fazer nada... É como na vida...

— Os homens querem conduzir e as mulheres não deixam?

Ele riu:

— Eu tava pensando nos relacionamentos. Como na dança, só dá certo, só fica bonito se houver parceria.

Sexta-feira, 01h03

Apertou o play do aparelho de som da sala e sentou no sofá. De pé à sua frente, Fernando estendeu-lhe a mão.

— Quinta-feira é dia de zouk, lembra?

— Tecnicamente, já é sexta-feira.

Ele continuou com a mão estendida.

No primeiro passo, descobriu que *Imbranato* caía como uma luva para ele; e não pelo título.

Lembrou-se de uma conversa que tivera com Karen, dizendo que, comparado a Grego, ele parecia apagado, meio sem vida. A amiga rebatera que o diretor nacional de vendas de uma das maiores empresas de cosméticos do mundo podia ser tudo, menos sem vida. Era por isso que jamais diria que também havia gostado de Fernando assim que o conhecera. E depois, quando ele tentou se aproximar dela, sentira-se tão frustrada por mais uma vez ser o alvo de alguém comprometido com outra pessoa, que se afastara como se ele não fosse digno da mínima consideração. Não que tivesse virado do avesso. Mesmo tendo se “distraído” com Grego – que tinha tanta vida que não cabia em si... nem numa mulher só –, continuava acreditando nas coisas

que haviam fundado sua infância.

Porém, ali, diante daquele homem que sempre qualificou de atrapalhado e que o tempo foi mostrando ser de uma generosidade enorme, constatou como a facilidade com que via os defeitos dos outros jamais lhe permitira enxergar as pessoas; e menos ainda, aquela pessoa ali, com quem dançava, dono de um toque suave, condução firme, expressão penetrante que não se perdia nem nos giros; os rostos colados, as bocas que se tentavam, a proximidade explosiva que ele impunha na hora certa e uma presença tão cheia... que, para sua surpresa, não queria perder.

Sexta-feira, 01h09

— Seu celular está tocando.

— Eu sei.

— Não vai atender?

— Não sei.

Permaneceram colados, na última posição da dança, até o celular tocar de novo.

— Trabalho. — Ele olhou o aparelho e o colocou de volta no bolso. — Pode esperar até amanhã.

Voltaram a se perceber sem fôlego.

— Acho que é o vinho... — Heide se abanou. — Vou fazer um café.

— Por favor, permita que eu faça. Não sei cozinhar, mas garanto que você nunca provou nada igual ao meu café... É... mas é porque ele é bom...

Ela riu e lhe deu passagem. Ele sorriu e fez uma espécie de medida.

De volta à cozinha grande e planejada, ela tornou a se sentar. Entre as indicações de onde estavam os ingredientes e utensílios, os pratos e talheres dentro da pia — que numa outra época a incomodariam até que tudo estivesse limpo e guardado — e as muitas coisas que não conseguiu dizer, estava o desassossego que ele lhe provocava — e que tinha mais a ver com incêndio do que com caos: felicidade por ter encontrado alguém capaz de comer tanto quanto ela e tristeza por saber que, mais uma vez, esse alguém estava comprometido.

Atividade social de novo?

Imaginava que fazer um workshop acontecer desse trabalho, porém só quando se inspirou a organizar o seu próprio é que teve noção do quanto. Sempre foi plateia de congressos, embora havia muito não se inscrevesse em nenhum. Verdade que contar com as habilidades e os contatos de Heide e Rose ajudava bastante. O bom disso era ocupar a mente com algo maior, ter alguma direção a seguir, o que também servia para esquecer o que não queria lembrar. Sabia que a vida nunca mais seria igual. Relaxou o maxilar que prendia sem perceber, porém sentiu todo o corpo reagir àquele som que conhecia havia tanto tempo e não confundida com nenhum outro. Em vez de abandonar tudo e sair correndo, salvou o arquivo no computador, abriu a janela do quarto dos pais, que ficava na parte da frente da casa, pediu a Alex que esperasse, terminou o que estava fazendo e somente então desceu as escadas e abriu a porta para encontrá-lo.

Apesar do abraço sem jeito, ela pularia em cima dele se ele não tivesse se mantido parado, com o corpo duro. Ele continuava o mesmo.

— ...lógico! Por que você quer que eu mude?

— Eu não quero que você mude; quero que algumas coisas mudem. A última vez que a gente ficou junto, você disse: “*Só depois eu vejo a bosta que fiz*”.

— Eu disse isso? – Ele a olhou, sem jeito, com a cara quase assustada. – Você sabe que não era com você... mas desculpa!

Ela o puxou pela mão até a varanda e se encaixou de frente quando ele sentou.

— Por que você não me deixa chegar perto?

Ele percorreu a cena dela em seu colo, quase grudada, com os braços em volta do seu pescoço e a boca pronta para atacar.

— Putz, Karen. Mais perto do que isso, só se for dentro.

Os dois riram, ainda pouco à vontade.

— Me conta de você – ele pediu.

— Eu comecei a trabalhar num hospital, meio-período.

— Meio-período? Por quê? Vai trabalhar de graça?

— Não é de graça; é...

— Voluntário?

— Também não. É...

— Vai ganhar alguma coisa além de experiência? Vai ganhar algum dinheiro pelo trabalho que vai realizar? — Ela negou. — Estacionamento? Vale-transporte? Vale-alimentação ou refeição?

— Não.

— Vai ter que tirar dinheiro do próprio bolso?

— Ahn...

— Vai trabalhar de graça.

Achou melhor não especificar para Alex que entrara com vínculo livre — um nome pomposo para trabalhar MUITO, só que de graça — num hospital, por seis meses. Se uma contratação não acontecesse, pelo menos teria uma rede de contatos. Todo esse vaivém estava custando o dinheiro de sua poupança; resistiria o quanto pudesse antes de pedir aos pais. Não contou também que havia sucumbido aos convênios — apesar da abominação da classe em geral, porque colocavam o piso salarial abaixo de quaisquer profundezas —, nem que havia aceitado trabalhar *pro bono* com uma paciente, Cecília, indicada por uma colega. Saber essas coisas apenas ajudaria a manter Alex irredutível, apesar disso não ser uma novidade. Tê-lo de volta em sua vida é que era um espanto. Não era preciso nenhuma habilidade psicanalítica para ver que a história dos dois era uma sequência de idas e vindas, porém cada retorno dele enchia seu coração com uma nova possibilidade. E naquele momento seu coração estava repleto.

— São fatos. Eu lido com fatos!

Ela riu da empolgação boba dele. Ele sorriu pelo que viu nela. Foi assim que Karen arriscou dizer que gostava realmente dele. Não estava tentando convencê-lo de qualquer coisa, conhecia-se bem o bastante para saber que não tinha medo da dor, não precisava fazer substituições. Apesar dele não ter se apaixonado por ela, Alex era uma pessoa especial em sua vida. Notou que a expressão do rapaz mudou, ficando pesada, como havia visto outras vezes, embora não conseguisse identificar em quais momentos isso acontecia.

— Homem não gosta de mulher que se joga em cima, que deixa claro o que sente... É por isso que você não me quer: por que eu sou muito óbvia?

— *Óbvia?* Karen!... Você é brother.

— *B-r-o-t-h-e-r...*

Alex caiu na gargalhada.

— Boa, essa, hein?

E a puxou para mais perto.

Mais um almoço de domingo

Entrei pela cozinha enorme e senti o cheiro bom e conhecido. Avó estava de frente para o fogão, cozinhando *salsa di pomodoro* para a *pasta*. Beijeí seu rosto. Meti o indicador dentro da panela e levei um tapa. Perguntou-me quantas vezes já havia me dito para não fazer aquilo, mas atacar um pão se estivesse com fome. Por um instante ela se apoiou em mim, sentindo tontura; quando insisti que sentasse e questionei se ela havia parado de tomar os remédios de novo, ganhei outro tapa e uma fatia inteira de pão dentro da boca.

Prima, Carmo e minha cunhada – e as respectivas proles – chegaram, berrando, que tinham achado a solução dos meus problemas.

— Descobriram um jeito dos meus livros venderem na Capital?

— Livro? Você continua com essa bobagem? – Prima estendeu uma revista para mim.

— O que é isso?

— Algo muito mais importante.

Olhei para a página aberta. Nela, um texto com o título *Casamento é a sua praia?*

— Faz o teste! – disse minha cunhada. – Quem sabe a gente consegue entender por que você não arranja ninguém.

— Eu tinha alguém; vocês espantaram, lembram? Como sempre... – A discussão começou.
– Eu não vou fazer teste nenhum.

— Vai, si... – Prima deu um grito. – CARMO! Quer tirar o seu filho de cima da minha filha? – Voltou a falar comigo. – Vai, sim!

— Não vou, não – desafiei. – Quer apostar?

TESTE

Casamento é a sua praia?

Separações em excesso, relacionamentos-relâmpago, será que ainda vale a pena apostar no casamento? E o seu relacionamento atual? Você não está se relacionando com ninguém no momento? Tudo bem! Responda e veja se você tem espírito empreendedor para o casamento.

1. Você vai a uma balada cheia de homem. Você pensa:

1. “Que pena que meu respectivo não esteja aqui.”
2. “Que bom que eu vim solteira, porque é hoje que eu vou me esbaldar.”
3. “Isso aqui só pode ser uma balada gay.”

2. Ele aparece com aquela roupa que você odeia, no melhor estilo *Colheita Maldita*.

1. Na primeira oportunidade você a doa para o Exército da Salvação.
2. Presenteia-o com um legítimo D&G.
3. Você usa o seu modelito no melhor estilo *Carrie, a Estranha* para combinar.

3. Você enfia delicadamente as mãos nos bolsos dele e pensa:

1. “É hoje que eu desmascaro esse FDP!”
2. “Eu não vou encontrar nada! Eu não vou encontrar nada! Eu não vou encontrar nada!”
3. “Ué! Só isso?”

4. Para dormir bem:

- a. A cabeça de alguém no peito de alguém.
- b. Encaixa, mas não aperta.
- c. Sai pra lá com esse bafo da minha cara.

5. Você teve o melhor sonho erótico da sua vida e não foi com o seu homem.

- a. “Será que eu falei o nome do Ricardão em voz alta?”
- b. “Que tal convidar o Ricardão para jantar um dia desses?”
- c. “Por que o Ricardão da padaria?”

6. A pior coisa de um relacionamento sério é:

1. Que sério? Que relacionamento? Tá doida?
2. Acabar como os seus pais.
3. Acabar como os pais dele.
4. Ele continuar achando que ponto G é uma grife.

7. Qual afirmação combina com você?

1. Eu te amo.
2. Eu me rasgo por você.
3. Tô nem aí, tô nem aí.

8. Você planejou um jantar especial de comemoração; a comida queimou. Você:

1. Pede uma pizza.

2. Parte direto para o sexo.
3. Deixa pra lá; ele não vai lembrar, mesmo.

9. O que você deve fazer para chamar a atenção dele?

- a. Mudar o visual.
- b. Organizar uma passeata só de lingerie.
- c. Aparecer com outro.

10. Qual o maior ídolo dele?

1. Ronaldo Fenômeno.
2. Michael Jackson.
3. Bill Clinton.

11. E o seu maior ídolo?

1. Lorena Bobbitt.
2. Paris Hilton.
3. Hello Kitty.

12. Ele chegou em casa sem aliança. Você pensa:

1. “Deve estar no ralo de algum motel.”
2. “Ele tirou para lavar as mãos e esqueceu no trabalho.”
3. “Meu Deus! Onde foi que eu enfiei a minha?!”

13. Ele engordou. Você:

1. Começa a mostrar os planos trimestrais das academias.
2. Compra um número de roupa vinte vezes maior para ver se ele se toca.
3. Grita: “Sai de cima! Sai de cima! Sai de cima!”.

14. Você engordou. Ele diz:

1. “Hã? Quem engordou? Onde? Tá maluca?”
2. “Hã? Quem engordou? Onde? Tá maluca?”
3. “Hã? Quem engordou? Onde? Tá maluca?”

15. Almoço na casa da sogra:

1. Adoro minha sogrinha!
2. Certos sacrifícios são necessários em nome de um bem maior.
3. Que azar! Peguei uma gripe!

16. A família pergunta pela vigésima quinta vez quando virão os filhos. Você diz:

1. A crise afetou a produção de esperma.
2. Minha vida já acabou quando casei! Quer que eu acabe com o pouco que me resta?
3. Não virão porque só praticamos sexo anal.

17. Ao se ver com ele daqui a alguns anos, você se imagina como:

1. Popeye e Olivia Palito.
2. Barbie e Ken.
3. John Travolta e Uma Thurman em *Pulp Fiction*.
4. John Travolta e Samuel L. Jackson em *Pulp Fiction*.

Resultado

Louca por loucas emoções. Você quer é saber do que sente, neste exato momento. O amanhã é uma ilusão. Se o cara quiser ficar com você, é melhor nem falar sobre casamento. Aliás, nem você fala sobre casamento. Pensando bem, por que raios você fez esse teste?

Como assim? Olhei para a mesa preenchida pela família, esperando o veredicto. Achei melhor refazê-lo...

Você é fã da liberdade. Porque você acha possível estar com alguém e ainda ser você mesma.

Hahaha...

Casamento pra você inclui a realização dos dois e isso só vem da liberdade. Você sabe também que mulheres independentes são poderosas e isso é um baita afrodisíaco. Você é uma pessoa legal, porém só pode amar quem respeitar e admirar.

— *Come mai? Che cacca*, Rose! — Avó balançou a cabeça, inconformada. — Tu vai morrer solteira...

10

Jane se atrasa

“E para o chapéu cair, perguntou ele,
que é preciso fazer?”

Jane estava demorando muito para se conectar. Meia hora de espera e resolveram começar.

— Vai, Nat!

— Por que eu, Queni?

— Porque vaidade, pílulas, tratamentos de beleza são a sua cara.

Ela se recusou a continuar; Karen tomou a frente.

— É a história de mascarar as necessidades. Hoje existe pílula pra tudo, principalmente pra não sentir tristeza. É como se ficar triste fosse uma falha de caráter.

Heide disse que tanto o Vendedor de Pílulas quanto o Bêbado tentavam escapar à realidade e que eles só estavam ali porque existia o mercado da insatisfação, da não autoaceitação.

— Atire a primeira pedra quem aqui estiver satisfeito com o corpo. – Ninguém se mexeu. – Todo o mundo tem que perder peso, afinar o nariz, parecer a Gisele... Botox é item obrigatório, é utilidade doméstica.

— Pra você é fácil dizer isso, sendo essa deusa!

— Parece que tudo gira em torno do prazer, da satisfação imediata.

— É a falta da falta, Rose. Quando não há o que se desejar...

Nat complementou:

— ...nada é real.

— Assim como os seus peitos, né, fofa?

— E ainda falam como se só o Vaidoso gostasse de ser admirado.

— Eu sei, Rose; mas ele PRECISA ser admirado. Vamos pegar o exemplo da Nat.

— De novo?

— Viu? Não é “*sempre o Queni*”.

— Ela é uma pessoa que trabalha com a aparência, precisa estar bem, só que ela usa isso como trampolim pra carreira. Não é isso que a define. Se fosse, ela poderia ser uma ameba.

Nat olhou, espantada:

— Era pra ser um elogio?!

— Ele lembra um pouco o Piloto.

— Heide, eu acho que todo o mundo nessa treta é o Piloto – comentou Thiago, fazendo-a rir. – Ninguém pode falar nada, que o jhow dá as costas e vaza.

— Tô dizendo; é outro com...

Nat se levantou:

— Se você falar em “*pinto pequeno*”, juro que vou embora e não volto mais!

Queni murmurou um “*affe*”.

— Tem sempre um cara que só se garante com o dinheiro.

— Por um acaso cê daria chance pra alguém que não ganhasse tão bem quanto você, Rose?

Ela pediu para Thiago ser mais específico

— Você, executiva, namoraria um boy?

— Não! Mas só porque eu não namoro homens mais novos...

— Falô.

— Homem também não gosta de mulher desempregada, desocupada. Mulheres independentes são mais interessantes – Karen lembrou.

— São, mesmo, doutora.

— Também não é vaidade? Por que ele está a fim da mulher ou do quê?

— Ah, Nat, alguém sempre vai dizer que tem um que ganha e outro que perde no relacionamento, principalmente se houver muita diferença de idade.

— Mas eu gosto de homens mais velhos – murmurou Rose.

— Não adianta; seu perfil é de homem mais novo.

Rose pediu para Karen não lhe rogar nenhuma praga. Thiago levantou. Heide coçou o nariz.

— Você reconhece um vaidoso pelo jeito dele caminhar e parar. Ele estufa o peito ao ver uma menininha, passa a mão na cintura, puxa a calça para cima... Se for gordo, então...

— Gordo, Heide?

— O que não falta é gordo vaidoso, Rose. E eles compensam muito mais nos gastos e nos acessórios.

— Deve ser bom ser amante desses caras.

Heide olhou para longe.

— Ahn... Eu vou pegar café; alguém quer?

Queni perguntou se era por isso que o Astrônomo era desprezado.

— Acho que a gente escolhe pela aparência, sim, ou pela impressão do que o outro pode melhorar ou não na nossa vida. Alguém “melhor” do que a gente faz com que a gente pareça melhor – conclui, Karen.

— Arranjar um namorado virou mesmo uma entrevista de emprego... e com direito a várias etapas. – Thiago estalou os dedos.

— Praticamente... ainda mais agora que inventaram que mulher quer namorado pra mostrar pras outras...

Thiago olhou espantado para Karen; depois comentou que outro personagem que falava de aparência era a Jiboia.

— Chegamos à parte preferida de Queni... – Nat foi fulminada pelo olhar dele.

— Ela não teve que se adaptar.

— Teve, sim, Karen. E aquela história do chapéu?

— É problema do Piloto, Nat, que nunca soube desenhar. Alias, se ele tivesse aceitado isso desde o começo, não existiria livro.

— Acho que a Jiboia fala pra gente ver além das aparências, sim. – Queni colocou a mão no peito. – Considerando que não se dá nada por ela e, ela é capaz de comer um elefante inteiro sem mastigar... ONDE TÁ ESSA JIBOIA?

Thiago chegou o corpo para frente e começou a se agitar: Jane havia se conectado. Rose comentou, em voz baixa, que não entendia por que ele fazia tanto barulho.

— Ela não se conecta sempre?

— Ui, jante! – O susto foi geral. – Subre u que vumos fular hoje?

— Jane... você tá diferente...

— Impressão suu, Ruse.

— O que aconteceu com a sua boca, boni... querida?

— Vuces gusturam? Fui pruunchimento di cologêno.

Disseram que estava ótimo; Thiago, porém, virava a cabeça em sua direção e formava um bico quando a ouvia falar, Karen apertava os dentes e Heide se levantou para comer.

— Tu um puco dufucil di fular...

Após um longo silêncio, Queni não se aguentou:

— Jane, você tá com boca de peixe!

O choque inicial da opinião verbalizada em voz alta do que todos pensavam, mas não tinham coragem de falar, deu lugar aos “*imagine*”, “*claro que não*”, “*não liga pra ele*”.

— Quem fez isso com você? – Quis saber Nat.

— O Dr. X.

— Quem? O prefeito de A...? – Rose chegou perto da tela.

— Ê verdude. Ele fulou que era prefeito de algum lugar.

— E falam que Miss é burra! – Nat carregava no sotaque. – Nem eu qui sô daqui mi arrisco co esse hómi!

A discussão só parou ao escutarem um som estranho: vinha do ipad.

— Uuuuu... uuu... uuuu...

— Ela está querendo dizer alguma coisa? – perguntou Heide.

— Não sei, amor. Não Tô entendendo.

— Não, gente. – Nat virou de um lado para o outro. – Ela tá chorando!

— Uu non vou ais partiçiâr du niãu... uuu... uuuu...

A tela ficou preta. Silêncio.

— Onde ela foi?

— Acho que embora, Rose. – Karen se recostou no sofá.

— Será que ela volta?

— Sei lá, Queni. Alguém entendeu o que ela falou?

Thiago estalou os dedos.

— Acho que ela disse que ia comer pão.

Nat achava que fazia mais sentido o “*Um dia ainda vou aprender essa lição*”.

— Imagine, fofíssima! Ela disse “*Não vou mais aguentar esse tesão!*”.

— Pra mim foi “*Não pode misturar alcaparra com macarrão*”.

Heide parou a garfada no ar.

— NÃO?!

Rose terminou de preencher o copo com o restante do suco. Depois do primeiro gole escutou toda a barulheira que a voz de Prima fazia assim que era emitida. Ela parou quando a viu.

— O que aconteceu? – Não se lembrava de nenhum outro escândalo recente pelo qual pudesse ser acusada ou chantageada.

— Eu vim te avisar...

— Avisar sobre o quê?

— É que foi uma correria... E você deu sorte...

— Avisar sobre o quê, Prima?

— ...porque eu ainda tenho que pegar algumas roupas...

— AVISAR SOBRE O QUÊ?

Ela a olhou, aturdida.

— A vó... Ela tá internada...

O copo se espatifou no chão.

Mais uma Festa Junina

— O que você está pensando? – quis saber Heide.

A amiga chegou à mesa trazendo um pote de canjica coberto de canela.

— Que festa junina é o pior lugar pra gente se arranjar. – disse Karen.

— É. Em festa junina ou você chega acompanhado ou esquece.

— Como o Fernando?

Heide ignorou o comentário.

— Você ficou chateada...

— E por que eu ficaria chateada?

— Ele continua interessado em você.

— Ele tem namorada.

— Ele tá sempre te olhando com admiração.

— Admiração?

— Admiração!

Karen viu a amiga observar os passos, gestos e olhares do casal. A cada vez que eles riam ou Fernando tocava a outra mulher, Heide coçava o nariz.

— Mandaram pra você.

Uma menina de dez anos, vestida de caipirinha, com uma bola de batom em cada lado do rosto, entregou à Karen um pedaço de cartolina vermelha em formato de coração.

— Estava reclamando, ganhou até correio-elegante.

— “*Você é uma gracinha*”?! Me recuso a responder. Ele tem o quê: dez anos?

— Responde, amiga. É por uma boa causa.

— *Boa causa?*

— As Obras Assistenciais, não você... ou quem te mandou...

Karen cochichou a resposta no ouvido da menina, que teve de ser incentivada a escrever. Depois cravou os olhos nela para saber para quem ela iria entregar a resposta. Um menino, de uns

treze anos, ficou vermelho e saiu correndo.

De longe viram Thiago pedindo licença por entre as mesas espalhadas pelo salão paroquial quase lotado. Ele puxou a cadeira ao lado de Heide e sentou.

— Pena que a Rose não tá aqui.

— Ela não se afastaria daquela avó.

— Eu sei, Karen. Falei com ela antes de vir. Disse que a avó tá pouca coisa melhor.

Mandou beijo pra todo o mundo e quer as outras fotos... Heide, tão te chamando; acho que a quadrilha vai começar.

Decidida a não pintar o rosto, Heide conferiu no espelho do banheiro as tranças enroladas num coque de cada lado da cabeça. Arrumou um fio solto e se lembrou da mensagem de Rose, que assim que viu a loira na foto enviada pelo celular, escreveu de volta que era a primeira vez que via a princesa Leia participando de uma festa junina. Saiu direto para um canto, na barraca de quentão. Enquanto aguardava o momento da concentração da quadrilha, saboreando um copo da bebida, viu Fernando e Patrícia discutindo. Levou a mão à boca; o sorriso se formou de qualquer jeito. Com a demora, resolveu chamá-lo; ao chegar perto, escutou a namorada dele dizendo “*Acho melhor você esperar*”.

Caminho da festa

Fernando acabou sendo um bom noivo: além de ter participado de todos os ensaios, aprendera de uma vez a dançar a quadrilha.

Grande passeio. Olha o túnel

— Eu tenho uma coisa pra te falar.

— O quê? Não entendi!

Os cavalheiros cumprimentam as damas

— Eu tenho que te falar uma coisa. Eu não tô namorando.

— Vocês brigaram? Daqui a pouco vocês se entendem.

Verdade que o comentário não foi uma caridade sem esforço.

As damas cumprimentam os cavalheiros

— Não é isso. Na verdade, eu nunca tive namorada.

Heide parou no meio da coreografia.

“Changê” de damas

— Eu era e continuo apaixonado por você!

— Você nunca namorou?

— Não!... Quer dizer, não a Patrícia.

— Namorou quem?

— Ninguém... quer dizer, eu já namorei na vida; não a Patrícia.

— E por que você inventou isso?

Olha a cobra!

— Pra te fazer ciúmes.

— PARA ME FAZER CIÚMES? – As pessoas olhavam para os dois.

É mentira!

— E quem teve essa ideia IMBECIL?

— Eu e a Márcia...

Ela quis saber como a secretária havia entrado nesta história. Sentindo o controle escapando, chamou a atenção dele, para que parasse de se enrolar. A última coisa de que precisava era lidar com um homem atrapalhado.

— Fui buscar umas doações na sua casa... Ficamos conversando...

A ponte quebrou!

— Eu vi que não adiantou, só que eu não aguentava continuar mentindo pra você.

— Você me deixou esse tempo todo, preocupada, me sentindo culpada, achando que não tinha aprendido nada... que eu tinha um problema muito sério, porque eu estava gostando de um homem comprometido? – Seu rosto estava quente.

— Você gosta de mim?

— Hã?

É mentira!

— Vai, Fernando, você tem que fugir pro pai da noiva te caçar.

— O quê?

Ele foi empurrado para longe, para em seguida ser trazido pelo pescoço e se postar, ameaçado por uma espingarda na cabeça, ao lado de Heide.

— Agora que estão todos os convidados presentes e o noivo voltou – o organista, com um bigode pintado com lápis de olho, fazia o papel de padre –, vou perguntar pra noiva: você aceita esse homem como seu marido, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença?

Ela respondeu olhando para frente:

— Não!

— Não?! – repetiu o padre de mentira.

Fez-se um silêncio quase de missa. As pessoas em volta riram, achando a encenação diferente. O restante da quadrilha permanecia em dúvida, enquanto Fernando encarava Heide, com uma expressão séria.

Ela olhou ao redor e localizou Thiago, também a encarando, sério, estalando os dedos. Ao lado dele, Karen fazia que sim com a cabeça. Depois apertou as bochechas para formar um bico e disse, sem som, “*pra-por-ra*”.

Com o organista ainda segurando o microfone à sua frente, Heide, com a expressão mais calma que alguém já vira, deu um sorrisinho:

— Quer saber? Que se dane!

As pessoas continuaram esperando, sem entender. Ela estendeu a mão para Fernando:

— Eu aceito, gente!

Olha a valsa dos noivos! Vamos nos despedir do pessoal!

Karen atende uma nova paciente

Anunciou o nome da sua primeira paciente pagante. A mulher a acompanhou até a poltrona oposta. Visivelmente nervosa, a morena devia ter a sua idade. Virava a cabeça para os lados, desconfiada, enquanto enrolava o cabelo que já era encaracolado.

— Meu acompanhante tá no banheiro.

— Não tem problema. Vou conversar só com você.

Como se tivesse escutado o que tanto queria, a mulher mudou por completo. Aliviada, disse que fazia tempo que não ficava sozinha numa consulta.

— Muita coisa pra falar?

Ela continuava mexendo no cabelo, o que deixou Karen intrigada. Aprontou a caneta, porém a mão permaneceu solta ao lado da poltrona.

— Quem sabe você me ouve. Porque eu falo, falo, falo que não tenho nada e ninguém acredita.

— Quem acha que você tem o quê?

— Todo o mundo. Todo o mundo acha que eu sou doente e que eu não posso trabalhar. Mas o que eles não sabem é que eu não preciso trabalhar.

— O que o trabalho tem a ver com o *nada* que você diz não ter?

— Meu namorado me banca. É ele que paga tudo... inclusive essa consulta; tem certeza que você não vai falar com ele?

— Não hoje.

— Você acredita que ele me leva a todos os médicos e não sabe o nome de nenhum? — Falou com ar de deboche.

— Você não gosta dele?

— Não. Mas tenho certeza que você vai gostar.

— Por quê?

— Todas as mulheres gostam dele.

— Nem todas. Você não gosta.

A morena deu um sorriso, vencida. Levantou e foi até a janela.

— Então por que você está com ele?

— Porque é cômodo, porque me interessa... O QUE VOCÊ QUER OUVIR?

— O que você quiser falar.

— E PRA QUE ESSE BLOCO NA SUA MÃO?

— Pra eu não correr o risco de esquecer todas as coisas importantes que você me disser.

O ar de desconfiança mudou de novo num rompante. Ela soltou o cabelo que havia puxado para os lados no primeiro grito. Voltou devagar e sentou na beirada da poltrona, encarando-a.

— Gostei de você!

Sem se mexer, Karen ignorou o teste.

— E ele?

— Se ele gostou de você?

— Como ele se sente nessa situação toda?

— Não sei.

— Não sabe?

— Nunca perguntei.

— E por que não perguntou?

— PORQUE NÃO ME INTERESSA! – A mulher voltou a puxar o cabelo.

Karen abaixou a cabeça e rabiscou qualquer coisa no bloco. *“Ah, tá! E eu que achava que paciente maluco era exclusividade daquela Clínica...”*.

— O nosso tempo acabou.

— E agora? Você vai falar com o meu namorado?

“Que tanto ela quer que eu fale com esse namorado?”. Ao lhe dar passagem, a outra ficou de costas para Karen, que finalmente reconheceu o cabelo grosso, enrolado, caindo em penças: a Samambaia!

Paralisada, segurando a porta aberta, olhou sem piscar para o sofá da sala de espera.

— Seu acompanhante – a secretária apontou o lugar vazio – está aguardando lá embaixo, na recepção do prédio. Parece que ele teve de remover a moto...

Rose e Avó conversam

— E a que se deve essa sua explosão de vendas?

Sorri para o jornalista.

As vendas de meu livro haviam subido 63,5%, o que fez com que eu me tornasse o carro-chefe da Editora. Meu perfil estava lotado, o novo já tinha um monte de pedidos de adição até de outros países, alguém havia criado uma página chamada *Eu amo a Rose D.*, as visitas ao meu blog dobraram apenas no último mês e, eu recebera até uma solicitação de entrevista para o Caderno Cultural do jornal mais lido da Capital. Agora estava ali, na sala de estar da minha casa, com Queni de plantão entre mim e o repórter, pensando numa forma publicável de esclarecer o que nem eu entendia.

— Difícil responder a isso de maneira objetiva. A editora fez a divulgação na época do lançamento... Também existe a própria dedicação dos fãs; não dá pra medir o valor disso!

Ele fez cara de quem não gostou da resposta.

— Existem boatos de que você estaria namorando o ator Tony Bigorrilho. Há algum fundamento nisso?

Sorri forçado, ao me lembrar das fotos que haviam saído na última edição da *Faces*.

— Eu não comento sobre minha vida pessoal. – Peguei o copo d'água.

— Você não acha que este episódio, somado àquele em que você espancou um idoso, contribuíram para aumentar suas vendas?

Quase engasguei.

— Eu não espanquei velhinho nenhum! Contar que ele passou a mão na minha bunda e tentou me beijar, ninguém conta!

O moço sorriu em triunfo.

— Você bateu nele porque ele te assediou sexualmente?

Queni pulou na frente do homem, reiterando que eu não falava sobre minha vida pessoal. Os dois se encararam.

— Existem rumores de que a Editora estaria falida e que você estaria negociando com a Fuso.

— Eu não posso falar sobre isso...

Ele fechou os olhos e fez um bico.

— Sei... E existe ALGUMA coisa sobre a qual você fale?

Queni pulou de novo na frente do homem e tampou minha visão. Chequei o horário no relógio, preocupada. Ouvi cochichos, risadinhas e vi a expressão do jornalista mudar de divertido a invocado, ao se virar para mim.

— Sobre a página *Eu amo a Rose D...*

— O que tem?

— Você disse que não conseguiu saber quem é o responsável por ela...

— É; queria tanto agradecer...

— Sei! – Lá foi ele sorrir para meu agente e me olhar invocado, depois. – Você viu a nova campanha dessa página? *A Jô entrevista a Rose D.?*

Queni colocou a mão no peito e soltou um “*Own...*”.

— Mas diz aí: você acha que essas campanhas e o fato das suas páginas na internet estarem bombando tem algo a ver com seu namoro com um ator pornô?

Toquei o ombro de Prima, que dormia confortável no sofá do hospital. Ela, eu e Carmo estávamos revezando a pernoite, entretanto parecia que eu era a única pessoa que só conseguia dormir na própria cama. Acompanhei Prima até o elevador e na volta já encontrei minha avó se esticando para o lado, tentando chegar ao criado-mudo. Fui até o móvel, abri a gaveta e entreguei-lhe a frasqueirinha. Segurei o espelho para ela pentear o cabelo prateado do qual tinha tanto orgulho. Não pude deixar de notar o rosto abatido que o batom pouco ajudou a amenizar e a pele sensível que recobria o braço tão fino.

— Não mexe a mão do soro!

Ela fez cara de pouco caso. Guardei as coisas de volta na gaveta e arrumei seus travesseiros. Pedi-me a revista que Prima havia deixado por lá. Abriu numa página e me entregou de volta. Lá estávamos eu e Tony Bigorrilho na foto mais estranha que alguém já conseguira captar.



S 8

**LITERATURA E PORNOGRAFIA:
SERÁ QUE O NAMORO DE
ROSE D. E TONY BIGORRILHO
SOBREVIVE À ÚLTIMA DISCUSSÃO?**

Tony Bigorrilho sentou no banco verde e apodrecido da praça, ainda úmido da chuva, com os braços esticados no espaldar e deixou a cabeça despencar para trás. Parecia cansado. Não segurei o riso ao pensar no motivo. Em volta dele, as pessoas encaravam ou cochichavam, sem chegar perto. Acostumado ao frenesi contido que sua presença causava, tirou um livro de dentro da mochila que sempre carregava e se desligou para o resto. Desci do coreto. Ele ergueu a cabeça quando parei ao lado dele para jogar o saquinho de pipoca amassado no lixo e sorriu para mim. As pessoas encararam muito mais.

Estava contando essa história a João, meu manicure, quando nos assustamos com a voz estridente de Britney Spears: Prima me ligava no celular. Ela andava me perseguindo para marcar um encontro meu com Leonardo Mancini, aquele que tinha 60 anos e morava com a mãe. Ignorei apenas até o susto seguinte. A campainha tocou. Assim que a porta do Daslu foi aberta, escutei alguém perguntando por mim. Gloria, na dúvida, disse que ia verificar se eu estava, pois havia acabado de chegar e não sabia informar. Sem esperar, a mulher empurrou a cabeleireira e entrou. Levantei na pressa e espalhei toda a água da bacia onde meu pé estava de molho. Me escondi atrás da primeira porta que encontrei.

— Já que tô aqui vou aproveitar pra fazer a mão... Você tá com cliente, João? – perguntou Prima, olhando para um par de tamancos brancos, de madeira, cheios de penduricalhos. – Engraçado; são iguais aos da Rose...

— NÃO! – berrou Glória agarrando os tamancos. – É de uma cliente que acabou de subir... Vou levar pra ela... – Abriu a porta do depósito e deu de cara comigo, quase em pânico.

Testemunha de todos os desesperos, João pediu à Prima que trocasse de lugar, com a desculpa de ter uma luz melhor do outro lado. Nessa hora Glória abriu a porta dos fundos e eu fugi como um dos doze condenados.

Vi as, então, Bruxas de Eastwick – a essa altura as três fadas da Bela Adormecida já haviam sido promovidas – à direita e virei à esquerda, quando topei com alguém que me segurou pelos braços para evitar que eu caísse. Fiquei de frente para o homem, com o rosto muito próximo, a boca perto demais da dele. Pedi desculpas e percebi que era Tony Bigorrilho. Após o que

pareceu um olhar eterno – o que eu poderia dizer a um astro pornô? “*Sou fã do seu trabalho?*” –, ele arriscou:

— Você não é a Rose D.?

— S-sou...

— Eu sou seu fã!

— Você? É meu fã?

— Sou. Eu gostei pra caramba de *Soberba*!

— Gostou?

— Gostei... Por que o espanto?... Ah... Claro... Um ator pornô NÃO PODE gostar de ler...

Afinal, eu só tô nessa vida porque não consegui arranjar emprego na novela das nove... – A voz dele já estava alterada.

— Mas...

— RÁ! EU SEI QUE É ISSO QUE AS PESSOAS PENSAM...

Fomos despertados por um clarão. Na mesma posição, viramos a cabeça para o lado e reparamos que todos em volta também perceberam quem ele era. Inclusive as pessoas dentro de uma lanchonete com os rostos grudados nos vidros, as bruxas que não paravam de apontar e filmar com o celular e até o fotógrafo que se mantinha em prontidão, desde o episódio com o velho que beliscara a minha bunda.

— Inventaram isso, não tô namorando ninguém, não. A senhora tá doente, não tem que ficar se preocupando com essas bobagens!

Avó apontou a garrafa, em silêncio.

— É por que eu não tô namorando ninguém? – Ajudei-a a beber a água. – Eu não sei o que é pior pra você, embora eu desconfie que você aceitasse um ator pornô, desde que eu tivesse namorando.

Ela permanecia em silêncio, me olhando. O médico não dissera nada sobre a arritmia afetar a fala.

— Essa cidade é testemunha do quanto eu tentei... – Coloquei o copo de volta onde estava e permaneci de costas para ela. – Com os caras novos, com os caras velhos, com os que vocês escolheram... Cada vez que não deu certo vocês correram pra dizer que a culpa era minha... Deve ser.

Ela fitava a janela à esquerda da cama quando me virei.

— Sou eu que permito essas coisas. Eu que digo que moro “fora” pra me dar um destino mais chique; que arredondo a minha altura pra cima e fico escondendo a idade, porque acho que te

decepção até nisso... Na sua cabeça eu deveria ser uma escritora de sucesso, ganhadora de diversos prêmios, casar com um homem mais velho e mais alto, ter cinco filhos, ser bem parecida com Prima... A verdade é que... eu não nasci pra isso... Não nasci pra casar! Às vezes eu nem sei se quero estar com alguém... A senhora entende?

Ela não se mexeu.

— Vó? — Corri em sua direção. — Tá com dor? Com tontura?

Ela fez aquele barulho com a boca, o que lembrava um peido.

— O quê?

Ela repetiu o som e me olhou.

— Me lembro de você, *così piccola*, no vestidinho preto, no enterro de seus pais. As lágrimas desciam pelo seu rostinho... Os caixões fechados por causa do acidente de carro... *nessuno* conseguia chegar perto... Parecia que você ia morder... *Tuo fratello* começou a chorar, espremer... Você esfregou o *pugno* no nariz, foi até Carmo e pegou a mãozinha dele. Na mesma hora ele parou... — Ela suspirou como quem acabasse de rever todas as cenas. — Acho que esse foi o dia que *io* mais senti orgulho de você.

Baixei a cabeça e fitei o dorso da mão espetado com a agulha.

— Rose, *io crio* você desde antes *di tuoi* pais morrerem. Começou quando você era *solo una idea* e vai continuar até depois do meu último *sospiro in questo mondo*... *Va bene*. — Ela alisou o lençol. — Talvez *io tenha esagerato*, *ma se io* exigi tanto, não foi só por *paura* de morrer antes de vocês estarem prontos, de deixá-los *solos* de novo. Exigi porque te conheço, sei de que matéria você é feita, que podia ir muito mais além do que *questos scandalos em rivista* de fofoca estão te levando. Me preocupo. Amar você não me deixa outra *opzione*. Não quero que você seja como Prima, nem como Carmo; quero que você seja feliz. *Io* fui feliz casada e acho que você perde uma grande *cosa*, *sì*, por não querer saber como é. Mas se você acredita que tua *strada* é outra, vá por ela... — Ela segurou meu rosto entre suas mãos. — Só não tenha pressa. As *storias*, sejam de livro *o di amore*, têm um tempo certo pra te achar... e isso não tem a ver com idade ou com o que você acha que as pessoas pensam de você... *Ma* quanto a estar solteira ou namorar *un attore* pornô, não se engane: eu prefiro você solteira! *Sì, io ti voglio bene, ma non troppo*...

Minha mudez — apesar da boca aberta — e meu estado quase catatônico só foram interrompidos pelo toque do celular.

— Vó?...

— O quê?

— Eu preciso atender.

— Atende, ora...

— Então solta meu rosto.

Ela olhou bem fundo em meus olhos, sorriu, me beijou e continuou me segurando. Tateei o bolso de trás da calça e peguei o aparelho. Avó me largou, num susto.

— Quem é você?

Ri, sem entender. Ela repetiu a pergunta, aos berros. Depois olhou para os lados, massageando o peito e se encolheu. Então desmaiou.

Estamos todos aqui

“Nunca estamos contentes onde estamos.”

— Você queria tanto saber do Carneiro... se joga!

Heide agradeceu a Queni

— Eu ouvi em algum lugar que isso era o símbolo da imaginação, da superação do conhecimento.

— Eu não vejo isso. Não. O que eu vejo é que o Carneiro precisa sair da caixa, do armário.

— Me lembra dos baobás, de novo, de não deixar o que é importante para depois. A gente corre o risco de perder a chance quando ela acontece e quase sempre por bobagem. — Karen piscou para Heide.

— Homem muda de ideia muito fácil, sim; vão embora por qualquer coisinha.

— É que às vezes você acha que existe uma relação, Rose, mas ele não, lembra? Homem idealiza mais do que mulher.

Nathália suspirou:

— Parece que anda difícil chegar num acordo.

— Ao se dar conta — Heide continuou —, o PP fica com medo de ter perdido o amor da Rosa. Ele descobre que ela é especial, porque ele se deu ao trabalho de cultivar o relacionamento, de deixar o sentimento sair da caixa.

— Não, minha idolatrada. Ele tá é preocupado que o Carneiro coma a Rosa, que comam a mulher dele! Vocês não aprendem, mesmo!

Thiago disse que o Carneiro perdia porque deixava o tempo passar e o Guarda-Chaves, porque não parava de correr.

— Acho que você tem razão; é a eterna falta de tempo, de compasso. — Karen colocou o

prato de bolo na mesa de centro. – Só que o ritmo não nasce pronto e as pessoas parecem que não querem mais lidar com isso. Não deu certo nos dois primeiros dias, partem pra próxima.

Heide alongou os braços para cima e reparou que Thiago olhava fixo para Rose. Virou-se na direção da janela; sentada, ela mexia na cortina.

— E fora que as pessoas nem se falam mais, só mandam whats, inbox. Se um cara ligar pra você, fica com ele!

— Ou seja, Karen, tá cada vez mais fácil se apaixonar e cada vez mais difícil ficar com alguém. Será que as pessoas tão reprimindo o que sentem?

— Sim e não, Nat. Sim, pois a oferta tá grande, por que perder tempo investindo numa relação? E não, pois a oferta tá grande, por que ficar com uma só? Não sei se a verdadeira questão é se a gente ainda quer essas coisas ou se a gente ainda quer sentir alguma coisa.

Heide cutucou Karen, que também reparou na escritora. Aos poucos o silêncio fez todos se virarem na mesma direção. Estavam ali apenas por Rose. Com Avó na UTI, as visitas se reduziram a uma vez ao dia, com horário marcado e revezado entre o restante da família.

Thiago saiu do seu lugar e foi até ela.

— Tô ligado que é mó treta, mas tenta confiar também.

As lágrimas marcaram de vez o rosto de Rose ao entender que, do jeito dele, Thiago tentava consolá-la.

— E eu tô aqui. Aconteça o que acontecer... – ele olhou para os lados –, tá todo o mundo aqui...

Heide, Karen, Queni e Nat se aproximaram dos dois. Jane, pela terceira vez na vida em silêncio, observava tudo pela tela do ipad.

Heide recebe uma proposta inesperada

Escutando as risadas dos dois se aventurando com a receita de bolo de fubá cremoso da mãe dele, Márcia tinha certeza de que ia dar certo. Não o bolo – porque na cozinha os dois só serviam mesmo para comer –, mas o relacionamento.

Parou na porta, antes de abri-la. Voltou e acendeu uma vela para Santo Antonio. Não custava agradecer por seu plano ter funcionado; nem renovar o pedido para que tudo continuasse caminhando bem.

— Você acha que ainda vale a pena se arriscar?

— Tá pensando na Vanessa e no Sérgio Molina?

— É... – Ela enfiou um pedaço do bolo na boca. – Lembro a última vez que os dois posaram para fotos e deram entrevista no castelo da *Faces*... Não se falou em outra coisa no CND... Muita gente nem sabia que ela era casada com um ator... Agora, até eu saí de lá sem saber o que dizer... Fora que não basta sofrer, tem que sair estampado na revista!... Você não respondeu se acha que ainda vale a pena se arriscar.

— A gente nunca sabe de verdade como é o relacionamento de ninguém. E quando um casamento termina, não tem mesmo muito o que ser dito. Mas eu ainda acho, sim, que vale a pena. Você, não? – Encostado na pia, Fernando segurou no ar a fatia de bolo que ia servir para ela. – Se disser que não, a gente acaba com tudo aqui e eu sirvo esse pedaço pra outra pessoa! Ela correu na direção dele, tentando arrancar o bolo de sua mão. Ele estendeu o braço para cima, desviando o corpo.

— Eu tô falando sério, Heide!

— Eu também! – Ela pulava, tentando alcançar o braço dele.

Alguns meses antes

Receberam as notícias no mesmo dia.

Ela, um convite da UNESCO para organizar alguns eventos relacionados à dança pela Europa. Ele, uma promoção como Diretor Internacional de Vendas da Larreal.

Alguns meses depois

Apenas ela recebeu outra notícia. O CID queria que Heide trabalhasse direto no escritório central, instalado em Paris, no prédio da UNESCO. De imediato se lembrou dos pais – que só conheciam Fernando via Skype e ajudaram Márcia a matá-la de vergonha com a história de que ela era o bebê mais lindo do berçário – e sentiu saudades. Contatou a L'École de Danse de l'Ópera e os milongueros de Paris, que também se lembraram dela, com entusiasmo.

Alguns meses e 26 minutos depois

Ele abaixou um pouco o braço para que ela pudesse alcançar o bolo em sua mão. Quando conseguiu pegar o pedaço, Heide comemorou e correu para a sala. Fernando deu risada e foi atrás.

— Você também tá preocupada com a proposta do CID, não tá?

Ela terminou de mastigar e se jogou no sofá.

— Você sabe que se eu aceitar, a gente vai se afastar.

— Se você aceitar? – Ele sentou e colocou os pés dela em seu colo.

Após um tempo pensando que a melhor proposta profissional de sua vida vinha bem depois de toda dificuldade em encontrar o melhor homem e a melhor massagem que já recebera nos pés, ela continuou:

— E no entanto você parece tão feliz com tudo...

— Mas eu tô feliz. Tô feliz por você. Sei o que isso significa... Quer dizer... Sei o que significa pra você... e... pra mim...

— Como nós ficamos? Eu vou estar lá do outro lado.

— Eu vou te ver e quando puder, você vem.

Heide dobrou as pernas, pegou impulso e se sentou.

— Isso não vai durar nem um mês.

— A gente dá um jeito.

— Não tem muito jeito.

Fernando virou o corpo para ela. Fez um ar desconfiado e apoiou o braço no encosto do sofá.

— Por um acaso você quer terminar?

— Não! – Deu-lhe um beijo rápido nos lábios. – Só que eu não posso pedir para você abrir mão da sua vida por mim.

— Por que não?

— Porque não seria justo... E eu sei que você jamais me pediria isso.

— Pois é... não pediria.

Heide apoiou seu braço no braço dele. Olhou, desconfiada.

— Por que não? Você tem outra?

Fernando admirou o rosto tão bonito à sua frente por um longo tempo.

— Daqui a algumas semanas, sua resposta... vai ser “*sim*”, não vai?

Karen e Alex finalmente se confessam

Era a primeira vez que ia à casa dele desde que haviam voltado a se ver. O silêncio, interrompido apenas pela televisão no centro da estante que ocupava toda a parede, não ajudava a amenizar o clima, embora a ideia de que o encontro pudesse acabar do jeito de sempre não a incomodasse.

Ele tirou os livros e o restante do material de trabalho do sofá de couro para que Karen tivesse onde sentar e foi à cozinha buscar um suco.

— Suco do quê?

— Do quê? Do que você acha que é esse suco? – Ele balançou a cabeça.

— Por que com você tudo tem que ser tão difícil? Eu fiz uma simples pergunta; por que você simplesmente não responde? Deve ser por isso que você é tão bem-sucedido, porque enrola todo o mundo.

Ele se virou para a TV.

— Você não fala por que anda estranha...

De volta da cozinha, segurando a embalagem da polpa de abacaxi, ficou olhando Alex cair na gargalhada. Queria saber quando aquele desencontro acabaria. Pensou na Samambaia e sentiu raiva que ela ainda pesasse na vida dele – e na dela –, que nem sonhava com os absurdos e abusos que lhe foram entregues em confiança. Arrependeu-se logo que fez a pergunta:

— Ela passou numa psicóloga, mas eu não entrei. Por que eu não pude entrar junto?

— Hã? – Karen se sobressaltou.

— Por que não pode entrar junto no consultório?

— Não é que não pode. É que a paciente é ela, não você. Se tivesse necessidade, eu fala... ela te chamava pra conversar.

— Ela não vai voltar lá, não gostou da mulher... Acredita que ela sugeriu outro profissional?

— Pode acontecer... Às vezes a linha de trabalho não é a indicada pro paciente...

— Deve ser uma incompetente!

Segurou a respiração por alguns segundos, sentindo de novo a espécie de horror daquele encontro, antes de se dirigir para o sofá. Poderia ter feito da forma fácil; era ética demais. E era por isso que não podia dizer a ele que o atendimento fora correto, que voltara a falar com a Planta mais uma vez, que fizera o encaminhamento para outro profissional de forma adequada, com direito à supervisão e orientação do Conselho. Também não contou que a Samambaia ficava ligando no consultório, gritando, xingando e ameaçando para ser atendida de novo. O máximo que fez foi sugerir que ele procurasse conversar com o psiquiatra para verificar se a coisa fora mesmo daquele jeito.

— Adivinha! – Ele escorregou para o chão. – Você falou que eu não faço nada, resolvi... Joguei meu edredom fora! Não é o máximo?

— Parabéns! Tô orgulhosa! Agora entendi por que tá essa chuva...

— Sabe que eu sonhei com ele, meu ex-edredom?...

— Quem sabe você se anima e resolve o resto...

— Não é da hora? Sabia que você ia zoar, mas eu tô me sentindo!

Ele a puxou para o chão, para seu colo e a abraçou. A sensação boa como era desde o primeiro dia dessa história.

— Senti tanto a sua falta, Karen!

— Sentiu?! – *“Quem sabe ainda haja esperanças”*.

— Senti! Nos últimos meses, também, mas quando você foi embora... Quando me abandonou... Eu...

— Eu... O quê? – Seus pensamentos foram interrompidos. – Te abandonei? Quando foi que eu te abandonei?

— Quando me trocou pelo seu marido!

Deixou de rir ao perceber que era sério. Desvencilhou-se dele. Que conversa era aquela? Não era possível que ele fosse tão egoísta.

— Não é possível que EU seja tão egoísta? Não é possível que VOCÊ seja tão burra!

Os dentes se chocaram; mais ainda quando ele continuou.

Como podia duvidar um segundo sequer de que ele sempre fora apaixonado por ela? De que não deixara de pensar em Karen todos esses anos? Sabia que não fora outra coisa além de atração física; das boas, mas só isso. E bem no dia em que resolvera dizer tudo o que sentia, ouviu que ela estava de mudança com o noivo. O que poderia ter feito?

Continuou presente em sua vida, emprestou seus braços quando um de seus cachorros morreu, seguiu em frente e encontrou a Samambaia, com quem até cogitou casar. Ela também esperava por isso, porém o desenrolar das coisas e as evidências foram apontando a

impossibilidade de concretizar tal ideia. Já nem se questionava se era ou não uma boa opção; se acostumou a pensar que não havia uma escolha.

Ele levantou e começou a andar de um lado para outro.

— A gente não abandona as pessoas e pronto.

— Ah, tá! Você vem dizer isso pra mim? – Karen também levantou.

— Vou. – Ele parou e a encarou. – Porque você não devia ter me abandonado.

— Eu NÃO te abandonei! Você que me deixou ir!

— E por que você foi?

— AH... Eu simplesmente não acredito!

Ele recomeçou a andar de um lado para o outro:

— Sofri à beça quando você foi embora. NÃO VOU passar por isso de novo.

— É por isso que você não fica comigo?!

O embate, o muro com que se deparava, as brigas, a ideia de que ela transava com ele por vingança, passaram a fazer sentido. Descobrir como havia sido a experiência dele em relação a toda essa situação ajudava a calar a angústia que sua busca por respostas sempre causou. Perceber ou acreditar que poderiam ter tido uma vida melhor, não.

Parado diante dela, olhando-a tão de perto, com aquela expressão pesada, enfim compreendida, ele continuou:

— E pensar, Karen, que se a nossa história tivesse sido outra, a gente poderia ter uma família!

— O que impede a gente agora? Os meus sentimentos em relação a você, Alex, não mudaram... eles amadureceram...

Como se não quisesse nem pensar a respeito, ele tornou a andar de um lado para outro. Contou que tentou partir para o “vamos ser apenas amigos”; sentiu-se mal. Além de não ter ideia do que isso significava, não gostava de trair a namorada; porém o sentir-se mal, o medo, tinham muito mais a ver com a possibilidade de sucumbir diante de Karen e da nova chance de sofrer, do que da Samambaia partir para tentar realmente decepar seu pênis. A única certeza que tinha era que não corria o risco de ser abandonado, trocado... traído por uma pessoa tão dependente dele, do jeito que fora por Karen.

— Traído? Você acha que EU te traí? – Sentiu a impotência de ter todas as informações para acabar com a imagem de coitada da outra e não poder contar um detalhe sequer. Nem Heide sabia disso. – Se você não consegue acreditar na Karen lá de trás, confia em quem eu sou agora! Nunca estive tão pronta pra estar com você...

— As pessoas não mudam!

— Você tá falando isso pra uma psicóloga! Você tá dizendo que eu me formei em porra nenhuma.

Ele parou de andar e caiu na gargalhada. Ela fez menção de responder, mas a indignação deu lugar à tristeza. *“De novo. E de novo. E de novo.”*

Não dava para consertar o que havia ficado para trás. No entanto, o perturbador era constatar que, como um penetra chato que se recusa a ir embora, também era isso que impedia a antecipação da vida que poderia ter sido, da vida que tentava ser. Não havia como ainda se dar ao luxo de negar, sentir raiva, barganhar ou até se deprimir. Precisava aceitar que eles não ficariam juntos porque ele sempre teria dúvidas. Mais uma vez ela era trocada por algo que não podia controlar. Mais uma vez ela entendia o que estava acontecendo, apenas para sair da história. Mais uma vez ela perdia.

— Tudo o que a outra faz, merece pena, consideração; mas não importa o que eu faça, é prova de traição, nunca de amor... Até quando a gente ficou junto e eu tava namorando, serve como prova de traição, não de que eu sempre gostei de você... de que eu continuo gostando de você! Não sei o que fazer pra você parar de me tratar como se eu precisasse te pedir perdão por alguma coisa. — Ela viu nele uma expressão carregada de medo. — Se não fosse a Samambaia, seria qualquer outra desculpa... Você arranjaría outra ladainha... Não adianta...

— O que você quer que eu faça? Me diz, que eu faço!

— Como é que eu posso te dizer o que fazer, Alex? Se eu disser, você fizer e der errado, vai ser mais uma coisa pra me culpar até o fim do mundo. Você não confia em mim, lembra?

Ele a puxou para cima e ela cruzou as pernas em torno de sua cintura. Sentiu aquele cheiro tão bom de conhecido.

— Eu só espero que você fique bem.

— Para de falar como se a gente nunca mais fosse se ver — ele cochichou no ouvido dela.

— Mas a gente não vai mais se ver — ela cochichou de volta.

— Por quê?

— Porque eu gosto demais de você pra viver com essa metade que você me dá. E gosto ainda mais de mim.

Ele continuou abraçando-a, em silêncio, durante muito tempo.

Sentiu a respiração dele mudar.

— Desculpa, Karen! Eu... eu não... consigo...

— Eu sei — disse sem nenhuma espécie de raiva.

Então beijou-o longa e avidamente, misturando com sal todos os gostos dessa história tão desencontrada. Escorregou pelo corpo dele até o chão e saiu pela porta — que ele abriu contra a

vontade –, sem olhar para trás.

Mesmo.

As histórias se encontram

O sol parecia mais forte. Me perguntei se o Céu estaria feliz com aquele retorno. Nada contra quem partia em dia de chuva, mas gostei de pensar que talvez fosse uma delicadeza da vida preparar cada detalhe do dia de sua partida com seu clima preferido.

Não sabia responder se ela via alguma coisa que acontecia. Nunca soube responder a isso. Acho que não soube nem sequer fazer essas perguntas. E não eram as questões metafísicas que me assombravam desde então, ainda que naquele momento eu preferisse ter as respostas. Todo o mundo, inclusive eu, tinha um discurso preparado para tais horas, mas ninguém, principalmente eu, era capaz de dizer como seguir vivendo quando se perdia a peça principal, a pessoa no centro das fotos, ao redor de quem todos transitavam: minha avó. Olhei de novo para a janela do corredor através das portas de vidro, fechadas.

— Também tá te incomodando? — perguntou Prima à minha frente, piscando repetidamente. — Deve ser porque passamos a noite embaixo das luzes frias do hospital.

Aproximei-me da parte superior do caixão, com velas acesas nas quatro pontas. Os hematomas provocados pelas agulhas na pele fina estavam escondidos pelas flores que cobriam mais da metade de seu corpo. Passei a mão pelo rosto por fim calmo, quase sem reconhecê-lo. O cabelo prateado que lhe dava tanto orgulho continuava lá. Beijeí sua testa, alisei sua cabeça com cuidado. Prima veio para o meu lado.

— O que eu vou fazer agora?... O que você vai fazer agora? Eu fico aqui, desesperada, mas você... É como se você perdesse de novo seu pai e sua mãe...

Senti a garganta inchar. Ela passou o braço em minha cintura. Carmo, com a cabeça enterrada no ombro da mulher, me lembrou do garotinho que berrava diante dos caixões lacrados dos pais. Olhei através da porta de vidro a família gigantesca que ela ficaria feliz em ver. Senti-me pequena, deslocada e abandonada, porém ao ouvir o choro dos outros, sem saber o que fazer com o meu, entendi que o sentimento de orfandade impregnava o local.

Queni, Heide, Karen e Nat conversavam num canto. Encostado na janela, de cabelo

raspado e anel de aço no indicador que era estalado com todos os outros dedos de uma vez, Thiago mantinha os olhos fixos em mim.

— Tá na hora, gente.

Eles concordaram com a cabeça.

Carmo fungou e fez, com a boca, o som característico e preferido de minha avó, aquele que parecia um peido. Minha cunhada passou o braço pelo do marido; depois fez o mesmo. Olhamos para Prima, em dúvida, quando chegou a sua vez; ninguém conseguiu entender o que havia sido aquilo. Ficou pior na tentativa seguinte, a do marido dela.

— PRIMO!

— Uai! – Ele abriu os braços. – Mas eu ganhei, não ganhei?

— Não, né. – Minha cunhada abanava o ar, enquanto o resto de nós virava a cara ou apertava o nariz.

— E eu?

— Duvido que você consiga chegar perto do som da vó.

— Prima! Você precisa começar a acreditar mais em mim!

— Manda!

E eu mandei.

— Igualzinho, hein, mana!

Batemos palmas, todos os olhos tão marejados.

Abri as portas. O barulho das rodinhas do carrinho que carregaria o caixão preencheu o lugar. Dei passagem e saí. Thiago veio em minha direção e perguntou se eu estava bem. Fiz que sim com a cabeça. Aceitei o braço que ele me ofereceu e seguimos em cortejo.

Depois de muita inquietação e um incômodo angustiante, dormi pouco e acordei cedo. Desci para orientar a empregada sobre o café, mas Heide se adiantara. Me abraçou e continuou dando ordens. Abri os e-mails e vi uma mensagem toda cuidadosa de Jane e as últimas fotos da *Faces*, que haviam sido tiradas na saída do enterro enquanto Thiago abria a porta do carro; antes que eu pudesse entrar, lá estavam os fotógrafos. Assim que sentei no banco da frente, ele fechou a porta, colocou os óculos de sol e se dirigiu para o banco do motorista. Queni, Karen, Heide e Nat já ocupavam os assentos traseiros do Audi branco. Liguei o carro e o clarão dos flashes se intensificou, na tentativa de captar algo através dos vidros escuros.

Após estampar uma quase homenagem ao meu luto, a edição on-line permanecia com a dúvida se o jovem misterioso ao meu lado era meu novo caso.

Terminei de montar a mesa; Karen e Thiago chegaram da padaria e também me abraçaram. Por último desceram Queni e Nat.

Reparei no retrato dos oitenta anos de minha avó, que estava na parede com as outras fotos de família. Ao lado, uma foto minha quando tinha oito anos, no colo dela, nós duas rindo de algo que já não me lembrava.

Olhei para cada um na mesa da sala de jantar: Heide, na sua extrema elegância, servindo um por um; Karen, colocando a mão na boca porque soltara um palavrão; Queni e Nat discutindo baixinho; e Thiago, prestando atenção a cada pequeno movimento meu. Sorri em gratidão.

Foi nessa hora que todas as histórias me encontraram.

O último encontro do Clube

“É preciso (...) que cumpras a tua promessa.”

A preocupação por Thiago não ter chegado para o último encontro se transformou em raiva, ao ouvir de Heide que ele não iria aparecer; tinha um compromisso na Capital, mas não disse qual era. Só sossegou quando a empregada entregou os relatórios que o motoboy havia acabado de deixar, os quais andava ansiosa por receber. Ainda assim permanecia aquela espécie de inquietação, quase angústia, quando se perguntava se aguentaria outra despedida após a morte da avó.

Jane achava que a Serpente era a única que falava a verdade na história toda.

— Por quê? – Heide quis saber. – Os outros mentiram? Achei que foram todos francos, mesmo que se antipatize com alguns deles.

— Talvez ela seja direta demais.

— Nat ela fala mó difícil.

— Ela diz que, na verdade, resolve todos os enigmas. Deve ser porque a morte iguala todas as coisas.

Rose achava que quando a Serpente dizia que era mais forte e poderosa, referia-se a ter cuidado com o veneno da língua, capaz de ferir. Mas quando Karen disse que acreditava que o silêncio e a indiferença eram um jeito bem mais cruel de ser ferido do que pela língua, ninguém discordou.

Queni decretou que, no final, o livro era uma ode à vaidade:

— As pessoas ficam buscando no outro a solução dos problemas; existe um mundo mau lá fora, que precisa ser consertado...

— E precisa mesmo! – rebateu Nat.

— É por isso que tem a fala do poço, das rosas... eles fazem tudo igual, são muito rígidos, não sabem o que procuram. O jeito de cada um é que é o certo.

— Mas é! – Nat insistiu. – Não dá pra ser diferente, por mais esclarecido que você seja. Queni colocou a mão no peito e repetiu “*esclarecido*” para Rose.

— Será que ele morre no final? – Jane esfregava os olhos.

Para Heide, a passagem sobre parecer morto e não estar lembrava um pouco a história da Ressurreição. Se fosse – “*até porque ele levou o corpo junto*” –, quem ressuscitava não morria mais.

Jane fungou:

— É bonito!

Rose disse que havia um paralelo com a serpente, que troca de pele e deixa para trás a velha.

— Ele tá falando de transformação, de renascimento, depois de uma grande tragédia. A gente acha que a dor nunca vai passar, que não existe nada pior; e de repente termina melhor do que começou.

— Até o próximo sofrimento, né, Karen?

— Isso é inevitável, Rose. Seja como for, pra mim, a questão maior é que todo o mundo se achou. O PP entendeu sua relação com a Rosa; o Piloto aprendeu a parar de olhar pro próprio umbigo... e as outras personagens não permaneceram iguais.

Jane leu o último trecho do livro:

“Olhem atentamente esta paisagem para que estejam certos de reconhecê-la, se viajarem um dia na África, através do deserto. E se acontecer passarem por ali, eu lhes suplico que não tenham pressa e que esperem um pouco bem debaixo da estrela! Se então um menino vem ao encontro de vocês, se ele ri, se tem cabelos de ouro, se não responde quando interrogam, adivinharão quem é. Então, por favor, não me deixem tão triste: escrevam-me depressa que ele voltou...”

Fez-se um silêncio, durante o qual todos se olharam; até que Jane, sem dó, abriu a fila da choradeira:

— Eu gos-tei tan-to des-se clu-be a gen-te nun-ca ma-is vai se ver?

— Cla-ro que vai, não va-i, gen-te? – Rose soluçava.

— Aaaagentearranjaoutroslivros... – atropelou Heide.

— Quem-precisa-de-livros? – Nat começou a passar o pacote de Kleenex.

Karen revezava os tapinhas nas costas de um por um.

Jane colocou na tela do ipad uma folha escrita “*bf4ever*” dentro de um coração. Então

Queni não aguentou:

— EU NÃO CONSIGO VIVER SEM VOCÊS, MONAAAAAAS...

Quando a competição de quem usava o maior número de lenços de papel deu uma pausa, Heide trouxe para o centro da sala uma caixa enorme, presente de Thiago. Para cada um – inclusive para Jane, a quem ele já havia enviado, um boneco do Pequeno Príncipe e um minibook; mas com uma rosa vermelha, só o de Rose.

Despedidas

Chegou ao Conselho por volta das quatorze horas. Terminou o que faltava e foi atrás de todo o mundo que conhecia para se despedir. Era seu último dia.

Após muito choro, bolo e fotos, deixou a sala de Grego para o fim. Abriu a porta bem devagar. Encontrou-o sozinho, com os cotovelos na mesa e a cabeça entre as mãos.

— Oi!

Ele levantou a cabeça com pressa e lhe sorriu. Caminhou até ela e a abraçou. Heide ficou sem ação. Indicou-lhe a cadeira e sentou-se do outro lado da mesa.

— Eu não acredito que você vai embora... Nem consegui subir pra festa...

Ela não disse nada.

— E a sua academia? Tem até fila de espera!

— Dario vai ficar cuidando de tudo. Vai ser o teste de fogo!

Parecendo sem jeito, perguntou se existia alguma coisa que pudesse fazer por ela. Tentou encurtar a surpresa. Se fosse noutra época Heide teria respondido “*comida, roupa lavada e casa na Suíça*”.

— Encontrei o Joaquim; ele perguntou de você.

— Ele está bem?

— Tá... e ainda com a Lara.

— Uhum...

— Quando me perguntou de nós, falei pra ele: “*Ela não quis mais saber de mim*”... – Grego baixou o olhar e arrumou uns papéis em cima da mesa. – Eu me sentia como um estorvo na sua vida.

Heide achou que ele só poderia estar de brincadeira.

Pensou em que momento eles haviam se separado. Será que dissera ou deixara de dizer algo que pudesse ter mudado o final? Então lembrou-se do começo.

Seu coração se encheu daquela agitação tão conhecida e contra a qual lutara em vão tantas

vezes. Verdade que havia achado a situação pela qual tanto sonhara, a que unia seus valores pessoais e de fé, ainda que estivesse prestes a deixar isso para trás por causa do trabalho, algo que Grego não precisava saber; mas era ela que ainda não sabia dizer qual sua real necessidade diante do caos que ele lhe provocava. Deu-se conta de que talvez nunca tivesse resposta ou fim, apesar de não sobrar qualquer dúvida sobre o que queria, sobre o que sentia por Fernando. E mesmo assim, seria uma escolha a se fazer todos os dias.

— Você acha que a gente poderia conversar...?

— Conversar sobre o quê?

— Sobre nós dois?

— Acho que não existe nada para conversar.

— N-não, eu sei... S-só quis deixar aberto, no caso de você querer me dizer alguma coisa...

Sempre achei que você fosse ficar...

Com um sorriso que acompanhava os olhos brilhando, ele foi com ela até a porta. Heide lhe deu um beijo no rosto e saiu. Então virou-se para trás. Grego não estava mais lá. Se dissesse ou deixara de dizer algo que pudesse ter mudado o final, não importava. Importante era lembrar.

A vocação de Karen

Querolaine lhe entregou a multa.

Podia jurar que era aquela marronzinha persecutória. Olhou o local da infração por estacionar em local proibido e abafou um palavrão. Lembrava-se exatamente do dia, de ter conferido os postes, que estavam sem qualquer placa restritiva. Além disso, havia um carro atrás do seu que também estava sem folha de Zona Azul. Na volta, a multa apenas no para-brisa do seu carro; o de trás continuava ileso. Olhou para os três estacionamentos do outro lado da rua, cujos manobristas sorriam. Não duvidou que eles participassem de algum esquema com a fiscal.

— Doutora, a sua nova paciente chegou.

Karen dobrou o papel e pediu que a secretária o guardasse. Toda simpática, preparou-se para receber a paciente: a “marronzinha”.

— Você disse que é um pouco tímido, que tem dificuldade para se relacionar com outros homens... Tem certeza que é só isso? Eu fico com a sensação de que tem alguma coisa que você não está me contando...

— Puxa, doutora! A senhora é boa!

— ...

— Sabe o que é? É que eu tenho pinto pequeno e eu acho que quando os homens me olham... eles percebem!

A secretária avisou que Cecília havia deixado um envelope na recepção.

— Ela não quis esperar?

— Quis, mas a senhora tava em atendimento. Ela vai ligar pra combinar um horário e conversar.

Em sua sala, Karen leu a carta.

Quando comecei a despejar meus problemas, você me ouviu. Quando eu disse que não podia pagar nenhuma sessão, nem naquele dia, nem num futuro muito próximo, você me acalmou. Disse que tinha gente que precisava de terapia e, gente como eu, que merecia terapia.

Entendi.

Obrigada por tudo!

Abriu o envelope. Dentro estava o valor integral de todas as sessões e um pouco mais.

— Eu não sei mais o que fazer, doutora!

— Sobre o quê, Sandra?

— Eu sou apaixonada por ele... não, eu o amo e tenho certeza que ele também me ama! A gente gosta dos mesmos livros, dos mesmos programas de televisão...

— ...

— Dos mesmos filmes, das mesmas comidas... E se a gente não tá junto, nossa...

— O que acontece, Sandra?

— Nossa, doutora! Parece que falta tudo. Tanto eu quanto ele, a gente fica infeliz pra caramba!

— Eu ainda não entendi qual é o problema. Porque, inicialmente, do jeito que você conta, parece que vocês...

— ...fomos feitos um pro outro?

— Ahn...

— Exato!

— *Exato!*? Qual é o problema, então?

— O problema? O problema, doutora, é o que eu vou contar pro meu marido!

Rose conquista a Capital

Foi às gargalhadas que ele puxou as palmas da plateia que lotava o grande estúdio.

— ...e pode ter certeza, minha querida, de que, esteja onde estiver, sua avó está orgulhosa de você! – Ele beijou minha mão.

— Obrigada!

— Obrigado, eu. Você é uma simpatia! Eu conversei com a escritora Rose D... – O público fez um longo “Ah...” – Eu sei, eu sei, eu também gostei. Beijo do Gordo e, daqui a pouco, a gente volta!

Contemplei o sofá confortável, a caneca com a bebida que pedi sendo substituída para o próximo convidado, o cenário caprichado, as várias câmeras, a iluminação, o contrarregra que tirou meu microfone de forma hábil e gentil, a equipe técnica enorme, os músicos combinando as entradas seguintes... até ser despertada por um clarão. Fui rodeada de gente pedindo meu autógrafo, querendo tirar foto comigo e perguntando pelo próximo livro... que, enfim, existia.

Perto da saída, Queni – de gravata! – sorria para mim.

— Você conseguiu!

— Consegui, não foi?

— E nem precisei apertar suas bochechas! Mas não se empolga, não, bandida! – Ele abriu a porta corta-fogo. Fomos em direção ao estacionamento. – Acabei de falar com a Fuso. Eles estão impressionados com seus números...

— E com meus escândalos...

— E com seus escândalos... e resolveram repensar os deles... os números!

— Comecei a gostar dessa conversa, embora duvide que seja só isso.

Queni colocou a mão no peito.

— Você não foi uma executiva à toa.

O principal nome da Fuso havia saído em retiro sabático. Sem negociação e obra para lançar, a editora se viu com o planejamento todo comprometido. A solução fácil foi arranjar algum

livro para colocar no lugar; torcer e trabalhar muito para que ele fosse um sucesso também ajudaria. Tive a honra de ser escolhida!

Seria, se apesar das conversas anteriores eles tivessem me contado. E eles ainda não haviam contado; era uma informação extraoficial. Verdade que eles também amaram meu novo livro. Se tudo caminhasse conforme o previsto, deixaria de ser o primeiro nome na Editora para virar o alguma-coisa-ésimo da Fuso.

— A Editora não tem jeito?

— Ninguém quer se comprometer, dizer alguma coisa a respeito... pena! É uma empresa com tantos anos no mercado. A desgraça foi que um dos principais sócios alterou os números contábeis e deu um desfalque de milhões por causa de uma mulher mais velha.

— Uma mulher mais velha?! Dando o golpe?! Ela é de A...?

— Não dá pra saber; a essa altura os dois já sumiram... Agora tão pastando pra convencer os investidores!

— Estão, é?... Queni! Está na hora de eu cuidar disso com os meus próprios tentáculos!

Ele revirou os olhos, entrou no carro e bateu a porta. Continuei berrando para o vidro fechado:

— Como assim? É uma frase da Úrsula... a Bruxa do Mar... *A Pequena Sereia*... Vai me dizer que você não viu?!

E chegou o dia do aclamado show de Célio & Celão, aquele show que rasgava a minha porção cidade insignificante. Sempre fui uma pessoa chique – não ao ponto de Heide –, porém algumas músicas entregavam por completo este meu lado interiorzão que eu também adorava negar. Estava lá como convidada do prefeito – o cirurgião plástico –, para comemorar sua reeleição. Celebridade, enfim nacional, tive que posar para os fotógrafos e dar entrevistas; tudo abafado pela celebridade internacional, Tony Bigorrilho, que acabava de voltar de Hollywood com mais uma premiação na mala: dessa vez de *Melhor Cena de Grupo*. O estranho não foi nem a nova manchete da *Faces*, indagando se nós dois havíamos reatado, mas Teresa, a irmã de Thiago, estar comigo no evento. Uma das coisas que combinamos no auge do nosso “namoro”. Não achei que um dia aconteceria, contudo lá estávamos nós, no camarote, esperando o intervalo acabar.

— Sei que é meio inevitável, só que eu não queria falar sobre ele.

— Você disse: é *inevitável*. E eu QUERO falar sobre ele.

Como assim?! Ela estava me assustando. Sorri forçado.

— Você não tem noção do quanto meu irmão gosta de você, Rose! Ele ficou mó mal quando cê deu um perdido nele.

— Gosta, nada, Teresa. Homem só não gosta é de perder.

Não ia brigar de novo sobre as criancices, os joguinhos, a forma de me tratar feito as menininhas às quais ele estava acostumado; e tinha a idade. Não esperava que ele agisse muito diferente, mas não estava a fim de lidar com o que viria por causa da diferença de idade. E ela ainda vinha me dizer o que Thiago havia feito para ficar à minha altura?

— Ele trocou de emprego, comprou um carro, voltou a estudar.

— Tem de fazer isso porque é o melhor pra ele, não por achar que vai me ganhar.

— Ele sabe disso, também. É que ele se tocou que cê tava certa sobre uma pá de coisa e vem tentando te mostrar isso... Só que ele é mó moscão...e não vai fazer nada até ter certeza de que cê tá na dele, que gosta dele, pow. Cê não para de tirar uma com a cara dele. Cê acha que ele foi até A..., participar das reuniões por quê? Por sua causa... E só por você ele foi até a uma boate gay!

Dei risada ao me lembrar da cena... E do dia em que ele chegou cedo em minha casa, dos finais das reuniões, em que ele ficava me olhando, esperando para ser o último a se despedir, me abraçando mais tempo... E do enterro da minha avó... Mas o que eu ia fazer com um cara de vinte e quatro anos, que estava começando a cuidar da própria vida?

— E por que cê tem que *fazer* alguma coisa com ele? No dia do último encontro do Clube, Thiago não foi porque tava prestando vestibular...

— Vestibular?

— É. Ele deixou a matrícula trancada mó cara, teve que prestar o exame de novo.

— E por que não falou?!...

Levei Teresa em casa, ouvindo suas reclamações por eu ter interrompido sua conversa com Tony Bigorrilho; Thiago estava na porta. Ela se despediu e entrou correndo, deixando um silêncio que durou exatos três minutos, quando acenei com a cabeça, dei meia-volta e entrei no carro para ir embora. Meu celular tocou.

— Oi, minha famosa preferida! Consegui aquela informação. Vou começar a cobrar. Você sai conversando com Deus e, o mundo que não te acha fica ligando pra mim!

— Desculpa, amor! É por uma boa causa!

— É; ir ao show do Célio & Celão é uma ÓTIMA causa. Consegui meu autógrafo e minha foto?

— SIM!

— Ai, vamos por partes:

O diretor financeiro deu parecer favorável ao seu planejamento e mandou pra frente;
O CEO da Strauss amou a ideia;
O pessoal da Editora assinou embaixo, inclusive do seu novo romance. Parabéns, executiva!;
O Twitter diz que agora você precisa ter um selo de conta verificada;
Sua fanpage e os cem mil e-mails enviados para o programa do Jô foram obras da Jane...

Olhei pelo vidro; Thiago continuava ali. Fiz sinal para ele entrar em casa. Ele abanou a cabeça e fez gestos que indicavam que esperaria eu terminar.

— A Jane?! Como assim? Por essa eu não esperava...

E pelo Thiago, que organizou tudo;

Olhei outra vez pelo vidro.

— A Jane e o Thiago?!

— Sim. E antes que você comece a fazer “aloca”, não, Rose; eles não estão juntos. — Queni começou a explicar como havia sido.

E sua entrevista no Jô está entre os maiores acessos do Youtube; já deixou o vídeo da Karen tirando a roupa no chinelo.

Desci do carro, devagar. Ele observou, em silêncio:

— Firmeza, então!

— *Firmeza... então?... Como assim?* – Foi a vez dele me imitar.

— Como você sempre diz: firmeza, então!

Thiago se aproximou numa rapidez e decisão inéditas, mas continuou em silêncio. Sua boca estava muito ocupada beijando a minha.

Epílogo

“E quando te houveres consolado
(a gente sempre se consola),
tu te sentirás contente por me teres conhecido.”

Ela terminava de se arrumar antes de descer para o salão. Só Fernando não podia vê-la, por isso era o único que não estava ali. Não acreditava em superstições, mas para que facilitar justo naquele dia? Ficou de costas para a penteadeira e pediu à Rose que contasse mais, agora que havia voltado de forma oficial ao mundo dos negócios.

— Era só colocar as pessoas certas pra conversarem. A Editora tinha nome no mercado, mas não tinha investidores. A Strauss queria entrar no país, mas não sabia como. Uni o útil ao agradável.

— E virou sócia! – Nat arrumava os seios, em frente ao espelho.

— Já tava sustentando a Editora! Só que isso não aconteceria sem a ajuda da Jane e do Thiago, que agora trabalha comigo, como estrategista de redes sociais. Uma das minhas melhores ideias!

— Thiago namorando a chefe!

Ele estalou os dedos e perguntou à Jane onde estava o namorado dela.

— Alguém tinha que fazer companhia pro Fernando.

Heide disse que estava feliz pelos dois conseguirem estar lá e Jane, toda animada por sua primeira viagem internacional.

— Aproveitei pra lançar um selo novo, voltado pra livros técnicos e de autoajuda. Tô só esperando a Karen se animar pra lançar o primeiro livro dela. Ainda mais agora, que ela virou colunista da *Faces*...

Heide pegou a revista que estava em cima da penteadeira e abriu na página. A amiga disse que não gostava da foto.

— E veja só a “coincidência”: agora o Hospital resolveu me contratar.

Nat perguntou se ela iria aceitar.

— VOU! Eu sei que os seminários estão superlotados, mas é bom ter vínculo – de verdade e, não livre – com uma instituição de renome.

— Já dá pra trocar o carro?

— Até dá, Nat, só que não é prioridade. Eu devo trocar porque ele tá muito velho, mas como funciona direitinho, tô sem pressa! – Após segundos de silêncio, ela segurou a risada e o palavrão que veio junto, com a mão. – Lógico que eu troquei o carro! Eu não acredito que vocês caíram nessa! Quando o Queni fala, vocês acham ruim...

— E você, Nat? Soube que está de namorado novo...

— É, Heide. Só que ele também ficou lá embaixo, fazendo companhia pro namorado da Jane...

— Thiago está com tudo! É o único ho... – Karen olhou para Queni, que balançou a mão no ar, indicando que não se importava – ...mem que conseguiu entrar aqui!

Nat continuou:

— Agora eu vou concorrer pro campeonato regional!

Queni sorriu, malicioso:

— Triste vai ser na hora em que você for apresentada e eles tiverem de dizer que a principal fonte de renda da cidade é o filme pornô.

Parou em frente ao espelho e perguntou se estava bem; os amigos suspiraram. Desceu as escadas escoltada pelos pais e por Márcia. Na frente iam Karen e Queni, Rose e Thiago e, Jane e Nat – que, antes de chegar perto de onde estava o Padre, piscou para um homem que Heide deduziu ser o novo namorado –; então, refez a pose e cumprimentou com um aceno de cabeça Sérgio Molina, o ator e ex-marido de Vanessa Molina, a diretora do Conselho Nacional de Dança – que também estava na cerimônia. Eles já haviam se visto; a noiva jamais soube do barraco.

Branco era, com certeza, a sua cor. Com o cabelo loiro impecável arrumado para cima e um vestido tradicional, conseguiu o que todo o mundo julgava impossível: ficar mais bonita. Segurando as mãos do noivo – enquanto as amigas fungavam sem parar – Heide Grum disse sim a Fernando Sampaio e continuou seus votos.

— Eu dormia, mas o meu coração velava; eis a voz do meu amado e o meu coração estremeceu. Que tem o meu amado mais do que outro amado? A sua cabeça é como o ouro mais apurado, os seus cachos flexíveis são negros como o corvo. Seus olhos são como pombas. Suas faces são como um canteiro de bálsamo. Suas mãos são como anéis de ouro. Sua boca é cheia de doçura, tudo nele é encanto. Tal é o meu amado e tal o meu amigo. Meu bem-amado é para mim e eu para ele.

Ele se endireitou todo antes de falar:

— Levanta-te, meu amor, formosa minha e vem. Porque eis que passou o inverno; a chuva

cessou e se foi; aparecem as flores na terra, o tempo de cantar chega. A figueira já deu os seus figos e as flores exalam o seu perfume. Mostra-me a tua face, faz-me ouvir a tua voz. Achei aquela a quem ama a minha alma; agarrei-me a ela e, não a soltei. És a fonte dos jardins, poço das águas vivas. Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço, porque o amor é forte como a morte. A minha amada é minha e eu sou dela.

A música estava tocando havia algum tempo. Sabiam que a hora se aproximava.

— Quando é que você vai embora, Heide?

— Só após a lua de mel, Rose. Vou morar em Paris; eles acharam razoável que minha viagem fosse para outro lugar.

— Ainda bem que o Fernando conseguiu transferência pra lá!

— É verdade, Jane. E ele falou que iria mesmo que não tivesse conseguido negociar com a empresa.

Rose pediu para lembrá-lo de lhe mandar um monte de produtos. Karen disse que Heide havia conseguido o seu príncipe.

— Não! Eu achei minha Raposa...

— E você e o Thiago?

Rose segurou a mão dele e disse que até parecia que um iria falar alguma coisa na frente do outro. Karen disfarçou, mas acabou vencida pela insistência dos olhares.

— Ah, no começo eu achei que tava saindo com o Piloto... – Jane perguntou se era o ex ou Alex. – Cacete! O Alex... Quem é o ex?... Depois pensei que ele tava mais pro Geógrafo. Pra tudo ele me pedia uma prova, inclusive de que eu gostava dele. Só que ele virou um baobá, que precisava ser cortado pela raiz.

— Vixi, Karen! – Thiago estalou todos os dedos de uma vez. – Você não descobriu que ele era a Serpente, não?

— Gosto muito da cobra dele, mas não... Eu é que tô mais pra PP...

— ...que brigou com todos os homens e saiu para conhecer outros mundos? – perguntou Nat.

— NÃO! Porque terminei a porra dessa história sozinha!

— Sei não, travesti! – Queni colocou a mão no peito. – Tô te achando meio Homem de Negócios.

Jane disse que seu namorado era o Acendedor de Lampiões. Fiel e BEM preguiçoso. Era ela quem tinha de fazer tudo, que agitava todas as saídas. Karen achou que talvez fosse porque ela era muito acelerada.

— Fácil de adivinhar é a Nat.

— O que foi agora, Queni?

— O Vaidoso, que é o seu namorado, ficou com você, que é a Vendedora de Pílulas...
Hahaha!

— Mudei de ideia quanto ao PP. Não acho que ele seja um ubersexual bestinha.

— O que ele é agora, miss mundo-proibido-para-menores-de-dezoito?

— Com a roupinha justa, o corpinho seco, o cabelinho bagunçado, não para de reclamar e está sofrendo por causa de uma garota? Fácil! Tá na cara que ele é emo!

— E você, Queni, ficou com quem?

— Com o boy magia ali, Jane. — Ele apontou para o jornalista que havia entrevistado Rose para o Caderno Cultural do jornal da Capital.

— Quem é ele na história?

— Ai, minhas tatas, vocês não adivinharam? — Elas continuaram em silêncio, só esperando.

— Mas vão morrer sem aprender nada, mesmo! Eu fiquei com a Flor, né!

O DJ convocou os noivos para a dança oficial. Fernando conduziu Heide pela mão e os dois se posicionaram. Começou a tocar uma música de quadrilha. Enquanto os convidados riam, o casal fazia alguns passos. A música parou no “*É mentira!*”.

Ao som dos primeiros versos — cantados por aquela voz rouca — de *You're the first, the last, my everything*, Fernando fez a volta em Heide, que estava no centro da pista, com as mãos na cintura.

Rose jogou todo o peso do corpo sobre a cadeira. Estava dançando desde que a pista havia sido aberta para os convidados.

— A Heide é chique, não? A festa tá perfeita... quer dizer, quase...

— O que foi?

— O bem-casado... eu roubei um ali na saída... Tem uma senhora em A... que faz melhor.

Karen pôs a mão na boca e balançou a cabeça, quase sem acreditar.

— Trouxe um presente pra você!

Karen colocou a taça de champanhe na mesa decorada com requinte antes de pegar o pacote das mãos da amiga. Era um exemplar do livro *O Clube das Mulheres do Pequeno Príncipe*.

— Ele só vai ser lançado daqui a dois, três meses, mas eu quis trazer em primeira mão pra você. Afinal... A-F-I-N-A-L...

Karen ficou comovida.

— Olha aqui na minha bolsa... Tô guardando a caneta que você me deu pros autógrafos! E o primeiro é o seu... — Rose continuou: — Semana que vem eu vou me encontrar com o Gabriel Albuquerque.

— O diretor de cinema?

— É. Ele quer transformar *Soberba* em filme. As conversas estão adiantadas... Você bem que podia ir comigo, conhecer o cara. Ele é gostoso...

— E o papo de que não se põe no papel o que vocês, escritores, falam?

— Você não tá fazendo nada... — Rose olhava para o outro lado — ou você pode não fazer nada com aquele deus grego ali, de terno... que vem vindo pra cá...

Karen ficou boquiaberta.

— ...O QUÊ? O ALEX?

— Você deve ser a Rose...

Ele beijou-a no rosto.

— Ela fala tanto assim de mim?

— Fala bem. A Karen te adora.

— Eu também. Só por isso que eu vou deixar vocês a sós; mas, Alex... — “*Benza Deus, que homem lindo!*” — Tô de olho em você!

Quando Rose saiu, ele comentou que era outra doida.

— A Heide deve ter ficado feliz em te ver!

— Acho que sim... Ela não me mandou embora.

O riso curto e sem graça forçou o silêncio seguinte.

— Tudo bem com você? Porque faz muito, MUITO tempo que a gente não se vê.

Sentada num banco no terraço do salão, olhando o céu forrado de pontos brilhantes, havia cansado de fazer as perguntas de praxe que não importavam e inventar pautas de assunto que não a interessavam. Só havia uma coisa que queria saber:

— E a Samambaia?

— A Samambaia... — Ele olhou para frente. — Acabei seguindo seu conselho.

— Você seguiu um conselho meu?! Você escutou algo que eu disse?!

— Tem uma primeira vez pra tudo na vida...

— E o que eu disse?

— Conversei com o psiquiatra dela.

Foi a vez de Karen olhar para frente.

— Ele contou que a consulta com a psicóloga foi bem diferente do que a Planta havia me

dito. Até elogiou a competência da mulher... muito correta com toda a situação... e também me mostrou o laudo assinado... Dra. Karen Antonelli!

Ela não se mexeu.

— Confrontei a Samambaia; ela me contou a verdade... e surtou geral... coitada.

Ouvir esta última palavra a fez erguer o corpo. Aquele fio de esperança era teimoso, mas não podia ser burro.

— Fiquei pensando por que a psicóloga não conversou comigo, não me contou... Me lembrei do tal código de ética... Deve ter sido difícil, sofrido pra ela, ter que silenciar, guardar tudo pra si, inclusive as ameaças, os xingamentos, por respeito a quem ela nem devia nada... por amor a quem ela devia menos ainda...

Karen permaneceu imóvel, quase vazia.

— Ela tá melhor?

— Quem? A psicóloga ou a Samambaia?

— A Samambaia. – Não conseguiu nem brincar.

— A Samambaia... não sei...

— Não sabe? – Virou para ele, de uma vez.

— Não. – Alex continuava olhando para frente.

— Como não sabe?

— Eu não tô mais namorando... e também não tenho mais nenhum tipo de contato... ou qualquer coisa que me prenda a ela.

O olhar de espanto e exigente de confirmação de Karen fez com que ele se virasse em sua direção. Ela teve um acesso de risos.

— Eu, simplesmente... não acredito!

E caiu na gargalhada, de novo; dessa vez, acompanhada por Alex.

Fim